

REVISTA ACADÊMICA INTERDISCIPLINAR INESP

nº6 2024



SUMÁRIO 10.5281/zenodo.11235195

EDITORIAL.....	3
ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) DOI 10.5281/11221057.....	4
Pereira, Ashley Marcely; Narita, Carlos Ossamu Cardoso. Págs. 4 – 14	
A RELAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA E A PEDAGOGIA DOI-105281/11221109.....	15
Oliveira, Bárbara Hellen de; Silva: Josemar Monteiro. Págs. 15 - 28	
COMO A ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA IMPACTA NA GESTÃO DE UMA EMPRESA. DOI- 5281/ 11221531.....	29
Almeida, Bruna Da Silva Christofori. Págs. 29 - 41	
AMBIENTE DE NEGÓCIOS E FERRAMENTAS DE GESTÃO PARA ANÁLISE E TOMADAS DE DECISÃO DOI-10.5281/11221057.....	42
Soares, Carlos Eduardo de Azevedo, Campos, Adriana Aparecida Henrique de Págs: 42 – 55.	
A DEPRESSÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO: A EMPRESA DE HOJE A ANTESSALA DA DEPRESSÃO DE AMANHÃ DOI- 10.5281/11233009.....	57
Ribeiro, Fredy Henrique de Moraes, Pacheco, Simone Págs 57 - 71	
O LÚDICO NA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DOI- 10.5281/11233789.....	72
Zabin,Larissa Rodrigues Ricardo, Vieira, Gilberto. Págs 72 – 81	
ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO NA PRODUÇÃO DE TEXTO ACADÊMICO PELA PERCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA SISTEMICO – FUNCIONAL DOI- 10.5281/11234435.....	82
Narita, Carlos Ossamu Cardoso, Silva, Maria Piedade Teodoro da. Págs. 82 - 107	
A MÚSICA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DA MATEMÁTICA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DOI- 10.5281/11234605.....	108
Narita, Carlos Ossamu Cardoso. Págs.108 – 124	
LITERATURA, CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO: UMA ANALISE PRELIMINAR DOI- 10.5281/11235034.....	125
Brito, Gabriel da Silva; Amarin, Gisele Maria Nogueira. Págs. 125 - 142	
A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NA LIDERANÇA E SEU IMPACTO NA MOTIVAÇÃO DOS COLABORADORES DOI 10.5281/11235195.....	143
Miranda, Vitória Stéphanie, Narita, Carlos Ossamu Cardoso. Págs. 143 - 157	

EDITORIAL

Caros Leitores,

É com grande prazer que apresentamos a 6ª Edição da Revista Acadêmica da FACULDADE INESP, dedicada à promoção do conhecimento e à disseminação das mais recentes descobertas e ideias no campo: ciência, humanidades, tecnologia, etc...

Nesta edição, reunimos uma seleção diversificada de artigos que abordam uma ampla gama de tópicos relevantes para a comunidade acadêmica. Desde análises inovadoras até pesquisas empíricas, cada contribuição oferece insights valiosos e contribui para o avanço do conhecimento em nosso campo.

O compromisso da 6ª Edição da Revista Acadêmica da FACULDADE INESP com a excelência acadêmica e a integridade intelectual continua sendo nossa prioridade máxima. Nosso processo rigoroso de revisão por pares garante a qualidade e a credibilidade de cada artigo publicado, enquanto nossa equipe editorial trabalha incansavelmente para garantir que cada edição atenda aos mais altos padrões acadêmicos.

Além disso, gostaríamos de expressar nossa gratidão aos autores que generosamente compartilharam seu trabalho conosco, bem como aos revisores que dedicaram seu tempo e expertise para garantir a qualidade e o rigor de cada contribuição.

À medida que avançamos, convidamos você, nossos estimados leitores, a se envolverem com os temas e debates apresentados nesta edição. Que esses artigos inspirem novas perguntas, desafiem suposições existentes e, em última análise, promovam o progresso e a inovação em nosso campo.

Agradecemos por seu apoio contínuo à 6ª Edição da Revista Acadêmica da FACULDADE INESP e esperamos que você aproveite a leitura desta edição tanto quanto nós aproveitamos ao trazê-la até você.

Com os melhores cumprimentos,

Elismara Aparecida Perdum
Editor-Chefe

ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Pereira, Ashley Marcelly
Narita, Carlos Ossamu Cardoso

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo investigar estratégias eficazes de alfabetização para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) visando melhorar seu processo de aprendizagem e promover a inclusão educacional. O TEA é caracterizado como um distúrbio do neurodesenvolvimento, ocasionando um desenvolvimento atípico, com manifestações comportamentais repetitivas e estereotipadas, pouco ou nenhum contato visual e incluindo variações na linguagem, na comunicação e no comportamento social. A alfabetização é uma fase fundamental no desenvolvimento acadêmico e social de todos os estudantes. Contudo, ao abordar a alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nos deparamos com desafios únicos que demandam estratégias de ensino específicas. A grande maioria das escolas públicas no Brasil não possui a preparação adequada para acolher estudantes autistas, uma vez que requerem uma série de medidas, tais como investimentos na infraestrutura das escolas, capacitação inicial e continuada tanto para professores quanto para profissionais da educação. Tudo isso é fundamental para viabilizar uma experiência de aprendizado eficaz para o aluno. A justificativa do trabalho surgiu a partir de vivências em sala regular, na rede pública de ensino, durante a jornada como Agente de Desenvolvimento Infantil (ADI). Quais são os desafios enfrentados pelos professores ao tentar alfabetizar alunos com TEA na rede regular de ensino, e de que maneira as estratégias de ensino para alfabetização podem ser eficazmente implementadas para superar esses obstáculos, considerando o sentimento de despreparo frequentemente relatado pelos professores ao receberem estudantes com TEA em suas salas de aula regulares? E como os professores podem planejar e implementar estratégias eficazes para a alfabetização de alunos com TEA, abordando aspectos como avaliação prévia, desenvolvimento de habilidades, e superação de aversões à escrita?

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista (TEA), alfabetização, inclusão, estratégias e desafios.

INTRODUÇÃO

A alfabetização é um marco fundamental no desenvolvimento educacional de todas as crianças, representando não apenas o aprendizado das letras e dos sons, mas também o acesso à comunicação, à expressão e ao conhecimento. No entanto, para alunos autistas, esse processo pode apresentar desafios únicos e complexos que exigem uma abordagem adaptada e sensível.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por um conjunto de diferenças individuais, incluindo variações na linguagem, na comunicação e no comportamento social. Essas diferenças podem influenciar significativamente a maneira como os alunos autistas aprendem a ler e escrever. Portanto, a alfabetização de alunos autistas é um tópico de extrema relevância na educação inclusiva, que busca garantir que todos os estudantes tenham acesso igualitário e oportunidades de aprendizado.

A importância desse tema consiste não apenas na promoção da autonomia e independência dos alunos autistas, mas também na sua inclusão plena na sociedade. A habilidade de ler e escrever não apenas facilita a comunicação, mas também abre portas para a participação ativa na educação, na cultura e na vida social. Portanto, compreender e implementar estratégias eficazes de alfabetização para alunos autistas é não apenas um desafio educacional, mas também uma questão de justiça social e igualdade.

Neste contexto, este trabalho de pesquisa se propõe a investigar estratégias específicas de alfabetização para alunos autistas, visando aprimorar o processo de aprendizado e promover uma educação verdadeiramente inclusiva. Através da análise de abordagens pedagógicas, tecnologias assistivas e práticas recomendadas, buscamos contribuir para um ambiente educacional mais acessível e acolhedor, onde todos os alunos, independentemente de suas diferenças, tenham a oportunidade de desenvolver plenamente suas habilidades de alfabetização e, assim, alcançar seu máximo potencial.

Dessa maneira, a pesquisa foi dividida nas seguintes fases: Transtorno do Espectro Autista e Sua Inclusão no DSM-5, Diferenças entre DSM E CID, Os Desafios na Alfabetização de Alunos Autistas e Estratégias de Ensino.

No Brasil, as pesquisas sobre inclusão de crianças com TEA no sistema regular de ensino estão se intensificando, assim como as investigações sobre os processos de alfabetização e letramento de tais alunos. Entretanto, ainda há uma dissociação em relação às discussões sobre esses dois aspectos supracitados. (CAPELLINI; SHIBUKAWA; RINALDO, 2016)

Partindo dos estudos de Capellini, 2016, é notório que os estudos acerca do autismo sejam aprofundadas, em virtude do grande aumento de casos nas escolas e a obrigatoriedade de um ensino de qualidade dentro da educação para todo, vindo de encontro a parte também da legislação, que garante a permanência do aluno na escola que seja realmente inclusiva.

1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SUA INCLUSÃO NO DSM-5

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) é caracterizado como um distúrbio do neurodesenvolvimento, que apresenta o desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, comunicação limitada, falta de interação social e comportamentos repetitivos e estereotipados. O termo autismo já vem sendo estudado há mais de cem anos. O psiquiatra austríaco Leo Kanner, relatou já em 1943 o primeiro caso, quando ele observava crianças exibindo comportamentos atípicos. (BACARIN, 2020).

A legislação mais recente sobre a Educação Inclusiva no Brasil, é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394 de 20/12/96, que dedica todo o Capítulo V à educação especial. No Art. 58º, ela a define como uma "modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos que apresentam necessidades especiais". Pode observar um avanço significativo em comparação ao texto da Lei nº 4.024/61, indicando que agora não restam dúvidas de que a "educação dos excepcionais" pode ser integrada ao sistema educacional geral.

O DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Quinta Edição) é uma classificação diagnóstica amplamente utilizada para transtornos mentais, incluindo o Transtorno do Espectro Autista (TEA). A inclusão do TEA no DSM-5 representou uma mudança significativa em relação às edições anteriores. Antes do DSM-5, os transtornos autistas eram categorizados separadamente, como Transtorno Autista, Síndrome de Asperger, Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação. O DSM-5, lançado em 2013, consolidou essas categorias em uma única categoria diagnóstica chamada "Transtorno do Espectro Autista" (TEA).

A inclusão do TEA no DSM-5 reconhece a diversidade de sintomas e níveis de gravidade associados ao autismo. Ao utilizar a abordagem do espectro, o DSM-5 destaca a variação nas características e no impacto funcional do TEA, reconhecendo que cada indivíduo com TEA é único.

2 DIFERENÇAS ENTRE CID-11 E DSM-5

A CID, de acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), é uma classificação internacional de doenças, lesões e causas de mortalidade, servindo como uma linguagem comum entre profissionais de saúde de diversas áreas. O número 11 indica sua última revisão, possibilitando a comunicação efetiva entre especialistas de diferentes campos em relação a condições de saúde. Tanto o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Quinta Edição) quanto a CID-11 (Classificação Internacional de Doenças, 11ª Revisão) são sistemas de classificação amplamente utilizados na área da saúde mental, mas eles têm propósitos e abordagens diferentes.

A CID-11 é uma classificação mais abrangente, sendo utilizada para classificar diversas doenças, condições de saúde e causas de morte, não se limitando apenas à saúde mental, ela é desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e é um padrão internacional utilizado em todo o mundo.

O foco do DSM-5 é principalmente utilizado por profissionais de saúde mental e psiquiatras para diagnosticar e classificar transtornos mentais, ele

possui uma ampla gama de transtornos mentais, não se limitando apenas aos transtornos neuropsiquiátricos.

Ambas as classificações são complementares e servem a propósitos diferentes. O DSM-5 é mais específico para a área de saúde mental, enquanto a CID-11 tem uma aplicação mais ampla em todas as áreas da medicina. É importante observar que, embora haja alguma sobreposição entre os dois sistemas, eles foram desenvolvidos independentemente para atender às necessidades específicas de suas respectivas áreas de aplicação. A tabela a seguir apresenta as diferenças entre DSM-5 E CID-11.

Figura 1 - Diferença entrem DSM-V e CID-11

	DSM-V	CID-11
Quem é responsável	Associação de Psiquiatria Americana (APA)	Organização Mundial da Saúde (OMS)
Para que serve	Descrever e classificar transtornos mentais	Descrever e classificar doenças, lesões e causas de mortalidade
Versão mais recente	2013	2019

FONTE: CALEGARE, Natália (13 Jan. 2022)

3 OS DESAFIOS NA ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS

O processo de alfabetização e letramento é essencial para que o estudante consiga interagir na sociedade, pois nos comunicamos por meio de

gêneros de discurso, utilizados para transmitir uma ideia ou um ponto de vista. Desta forma, é por meio da alfabetização e do letramento que o sujeito se torna capaz de perceber e compreender as mais diversas situações de interação que ocorrem na sociedade.

O objetivo principal dessa metodologia é ensinar comportamentos e habilidades aos indivíduos com dificuldades para que eles se tornem independentes e inseridos na comunidade. Para que isso seja possível, os profissionais utilizam técnicas para o desenvolvimento da comunicação, das habilidades sociais, de brincadeira, acadêmicas e de autocuidados (Figueiredo, 2014, p. 48).

Um dos maiores desafios encontrados em sala de aula durante a alfabetização de crianças autistas, está relacionada a dificuldade de compreensão dos contextos e sinais sociais, devido a dificuldade que os alunos têm na comunicação não verbal, problemas no desenvolvimento da linguagem, nos processos de comunicação, na interação e comportamento social. (CAPELLINI; SHIBUKAWA; RINALDO, 2016)

A alfabetização destes estudantes deve ser bastante estimulada com temas relacionados ao interesse da criança, com estímulo em diferentes sentidos, a procura por elementos que despertem o interesse no indivíduo.

Assim, em minha trajetória como ADI, pude perceber que os professores têm muitas dúvidas quanto à alfabetização de alunos com TEA e trazem questões, como por exemplo: "como eu vou alfabetizá-lo?", "Não sei como fazer com este aluno, ele não aprende como os outros", "Ele é inteligente, tem potencial, mas não estou sabendo como!"

Ouvir os questionamentos, dúvidas e angústias, assim como testemunhar o descrédito na escolarização por parte dos pais e professores de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), intensificou meu interesse sobre este assunto. No cotidiano, enfrentamos mais incertezas do que certezas nessa jornada. Encontrar respostas para esses conflitos é uma tarefa desafiadora. As perspectivas são vastas, pois há diversos e distintos aspectos que precisam ser cuidadosamente considerados, reavaliados e transformados para que a inclusão

seja efetivada em um ambiente escolar que, "não atende às diferenças de aprendizagem dos alunos sem deficiência." destacado por Costa (2012, p. 94).

De acordo com Serra (2019), o professor deve fazer uma estrutura sequencial de um plano de trabalho pedagógico para a alfabetização dos alunos com TEA, como, uma avaliação prévia para a alfabetização e mapeamento do repertório pedagógico, desenvolvimento de habilidades e competências para o desenvolvimento da alfabetização, operacionalização de cada etapa da alfabetização, desde o primeiro fonema até a interpretação de textos, estratégias para desenvolver a escrita, eliminando a aversão por esta atividade e a produção de textos, em quais momentos do processo de alfabetização introduzir as noções de gramática e sintaxe e desenvolvimento da escrita ortográfica. Este cronograma deve ser feito para que a intenção de alfabetização atinja o estudante, pois quanto mais demorado o início do processo de alfabetização, mais prejuízos o aluno terá.

3.1 ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Na alfabetização de alunos autistas, a abordagem centrada no indivíduo é crucial. Cada criança autista é única, e é na compreensão de suas singularidades que encontramos o caminho para uma alfabetização significativa e eficaz.

A alfabetização de alunos autistas pode ser desafiadora por diversas razões, devido às características individuais e à natureza do TEA. Para enfrentar os desafios associados à aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é essencial adotar estratégias adaptativas que promovam a inclusão e o desenvolvimento desses estudantes no ambiente escolar. Uma das abordagens envolve a personalização do planejamento escolar e do projeto político pedagógico de acordo com as necessidades individuais do aluno, visando a integração efetiva em atividades escolares e interação com colegas de classe.

Saviani (2005, p. 36), afirma que a "educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida

10

histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens." Ele também destaca que a educação não se resume a ensino, todavia o ensino é educação "a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado." (SAVIANI, 2011, p. 14)

No processo de planejamento, é importante que sejam consideradas adaptações nos objetivos de ensino, nos conteúdos curriculares, no ambiente físico, nos materiais didáticos e nas avaliações. Essas adaptações são fundamentais para estabelecer um vínculo significativo com o aluno autista, proporcionando um ambiente de aprendizado mais acolhedor e eficaz.

Além disso, a escola desempenha um papel crucial ao acolher não apenas o aluno, mas também sua família. Por meio de entrevistas e interações regulares, a instituição educacional pode identificar as preferências, preocupações, habilidades e desafios específicos de cada aluno autista. Essa abordagem centrada no aluno permite uma compreensão mais completa de suas necessidades e capacidades. Em casos em que o aluno não tenha acesso a acompanhamento terapêutico externo, é fundamental que a escola esteja preparada para encaminhar o estudante para serviços adequados ou buscar parcerias com órgãos municipais, estaduais e federais. Isso garante que o aluno receba o suporte necessário para seu desenvolvimento acadêmico e sócio emocional.

Estratégias que visam melhorar as habilidades de comunicação social são essenciais. Intervenções focadas em facilitar a expressão verbal e não verbal, bem como o entendimento de pistas sociais, contribuem para uma comunicação mais eficaz e para o desenvolvimento de relacionamentos interpessoais. A incorporação dos interesses pessoais dos alunos autistas no currículo é uma estratégia valiosa. Ao utilizar temas que capturam a atenção e o entusiasmo do aluno, é possível aumentar a motivação, facilitando a participação ativa e significativa no processo de aprendizado.

Em suma, a implementação de estratégias adaptativas e a colaboração entre escola, família e instituições governamentais desempenham um papel vital na promoção do sucesso educacional de alunos com TEA, contribuindo para uma educação inclusiva e igualitária. Ao empregar estratégias de ensino

adaptadas e sensíveis às características individuais dos alunos com TEA, os educadores podem criar ambientes inclusivos que promovem o desenvolvimento acadêmico, social e emocional. O compromisso contínuo com a pesquisa e a prática reflete não apenas uma abordagem educacional eficaz, mas também um compromisso com a promoção de oportunidades igualitárias para todos os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutiu-se no decorrer deste artigo sobre os métodos, técnicas e estratégias e diante dos resultados da pesquisa realizada, percebe-se que o tratamento e o atendimento de pessoas com autismo ainda é um campo em construção. Uma grande mudança ocorre na família, diante das limitações e necessidades da pessoa com autismo, desta forma, este processo pode ficar menos doloroso com a ajuda externa, de profissionais preparados, pois ajudam a pessoa com autismo e dão apoio à família. Neste contexto, fica clara a importância dos familiares, pois são os primeiros a ter contato com o indivíduo e os mais importantes na aplicação de meios que favoreçam resultados mais satisfatórios.

Quem pode aplicar as estratégias em estudantes com TEA, são psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais (T.O), pedagogos, fisioterapeutas, entre outros, cada profissional de acordo com a exigência de cada estratégia. A busca por procedimentos de intervenção é fundamental para o aperfeiçoamento do atendimento às pessoas com TEA, a busca por profissionais faz a diferença, pois a experiência, conhecimento e habilidade desse profissional vai ocasionar a eficácia do tratamento.

Por fim, pude perceber que o campo de atuação do profissional é muito amplo e de grande importância para os autistas e toda à família, porém, muitas pessoas ainda não têm conhecimento sobre o tratamento adequado e por isso é tão comum a alfabetização tardia destes estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<https://wwwp.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2023

CALEGARE, Natália, 2022 **CID-11 O que muda no autismo com o novo documento da OMS?** Disponível em: <<https://genialcare.com.br/blog/cid-11/>>. Acesso em: 15 nov. 2023

COSTA, V. A. Formação de professores e educação inclusiva frente às demandas humanas e sociais: para quê? In: MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO,

FIGUEIREDO, Carolina Salviano de. Um estudo sobre programas de intervenção precoce e o engajamento dos pais como coterapeutas de crianças autistas. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29057/29057.PDF>> Acesso em: 15 nov. 2023

QUEIROZ, S. M. A.; FERREIRA, S. P. A. Mediação docente na alfabetização do aluno com TEA: um olhar sobre as estratégias pedagógicas na produção de texto escrito. Disponível em <https://www.ufpe.br/documents/39399/2442885/QUEIROZ_+FERREIRA+-+2018.2.pdf/f636d050-288c-428c-b0c3-be58432fe5b5> Acesso em: 05 out. 2023.

RICASSO, Eloise, DSM-5: quais são os critérios do diagnóstico para o autismo? 2022. Disponível em <<https://genialcare.com.br/blog/criterios-diagnostico-dsm-5-para-autismo/>> Acesso em: 15 nov. 2023

SANTOS, A. T. S. S. Possibilidades e desafios da alfabetização: relato de experiência de uma docente dos anos iniciais do ensino fundamental. Disponível em <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2018/TRABALHO_EV1_10_MD1_S_A16_ID1930_25072018101317.pdf> Acesso em: 05 out. 2023.

SAVIANI, D. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. In: PROJETO HISTEDBR 20 anos: navegando na história da educação brasileira. Campinas: UNICAMP, 25 ago. 2005. 38 p. Disponível em:

<https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Dermeval_Saviani_artigo.pdf> Acesso em: 04 dez. 2023

SILVA, A. W. Metodologias para o ensino de alunos com autismo: As contribuições da literatura para a alfabetização do aluno com Deficiência Intelectual, 2018. Disponível em

<https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2018/TRABALHO_EV1_10_MD1_SA16_ID1567_02082018184541.pdf> Acesso em: 05 out. 2023.

CAPELLINI; SHIBUKAWA; RINALDO, 2016, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COLABORATIVAS NA ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. Disponível em:

<<https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1309/1651>>. Acesso em: 24 out. 2023.

T. A. O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares.

Salvador: EDUFBA, 2012. p. 89. Disponível em:

<<file:///C:/Users/ashle/Downloads/o-professor-e-a-educacao-inclusiva.pdf>>

Acesso em 04 dez. 2023

A RELAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA E A PEDAGOGIA

Oliveira, Bárbara Hellen de
Silva: Josemar Monteiro

INTRODUÇÃO

A humanidade se caracteriza por grandes transformações que ocorreram durante o tempo, a necessidade de se adaptar ao novo, e a velocidade em que os acontecimentos iam ocorrendo, surgiram questionamentos e a necessidade de adotar uma postura diante ao mundo. De modo geral, o pensamento filósofo envolve uma profunda reflexão sobre questões que dizem respeito ao ser humano e sua existência. Nesse sentido Chaui(2002) sustenta que a atitude filósofa emerge das questões do dia a dia ao serem abordadas de modo diverso daquele do senso comum, adotando-se uma perspectiva crítica.

Portanto a filosofia sempre esteve ao lado do homem, nos momentos em que ele observava, refletia e problematizava em seu cotidiano. A partir desse momento o pensamento filósofo não parou de se desenvolver e até os dias atuais influenciam a sociedade.

Em virtude da grandeza que a filosofia possui de desenvolver o pensamento crítico e a reflexão sobre a sociedade. Se fez importante refletir a sua importância na Educação. A filosofia da Educação procura fundamentar os princípios da educação que orientam a prática educativa através de reflexões sobre essa prática. Como afirma Dermeval Savianni:

Eis por que se pode considerar como uma das funções precípua da filosofia da educação acompanhar reflexiva e criticamente a atividade educacional de modo a explicitar os seus fundamentos, esclarecer a tarefa e a contribuição das diversas disciplinas pedagógicas e avaliar o significado das soluções escolhidas. (SAVIANI, 1980, p.30).

Conseqüentemente, entende –se que o estudo das teorias da educação é fundamental, não só do ponto de vista da científico, mas, sobretudo de um ponto de vista filosófico.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO SOCIAL

O conceito de educação é muito amplo, não existe uma única definição para esse termo, pois ela faz parte de todo processo de vivência do ser humano. O ato de

educar está presente em vários períodos da história da humanidade, e em cada contexto histórico ela é desenvolvida e cumpre seu papel específico na sociedade. A educação está relacionada ao contexto político, econômico, científico e cultural da sociedade. Portanto é uma prática social, que tem como objetivo o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade, desenvolvendo suas habilidades, competências e potencialidades. Segundo Brandão (1985) em seu livro “O que é educação” afirma:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1985, p. 7.).

Diante desta afirmação, a educação não se limita ao âmbito escolar, ela está presente em várias esferas da sociedade, mas nem todos os processos educativos tem a mesma finalidade. Desta forma é dividida em três tipos de educação, formal, não formal e informal. Sendo a primeira um processo que segue as normas da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e é desenvolvida nas instituições de ensino com o propósito intencional de ensino. Já a Educação não formal se dá em espaços organizados coletivos, por exemplo uma organização social, museus, zoológicos entre outros, sem a necessidade de seguir um currículo pedagógico. E por fim a educação informal que ocorre no dia a dia, seja no ambiente familiar ou na comunidade, através de conversas, brincadeiras, ou seja, através das relações sociais. Como afirma Luckesi:

A educação é um típico ‘que-fazer’ humano, ou seja, um tipo de atividade que se caracteriza fundamentalmente por uma preocupação, por uma finalidade a ser atingida. A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesmo, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social. (LUCKESI, 2001, p. 30).

Portanto a educação está integralmente correlacionada com a sociedade, e ambas têm o poder de interferir na outra. A sociedade interfere diretamente no processo educacional, que acordo com a sua necessidade, por exemplo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que estipula um currículo obrigatório de ensino em todo país. Fica

evidente o uso da educação, não somente para transferir conhecimento, mas para uma necessidade social, preparando o indivíduo para ingressar na sociedade, desenvolver o senso crítico, para o fortalecimento da democracia, pois o indivíduo consciente de seus direitos e deveres colabora para uma sociedade mais engajada. Contribuindo para o crescimento econômico, uma vez que a formação escolar do indivíduo contribui para melhores oportunidades no mercado de trabalho.

A FILOSOFIA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Partindo do princípio que o homem é considerado um animal que possui instintos, vontades, certezas e incertezas. A maior parte das suas ações são determinadas pela sua capacidade de aprendizagem, adquirindo conhecimento, através de suas experiências individuais ou em grupo. A sua capacidade de contar histórias é considerada uma das principais causas da evolução das espécies. O exercício da capacidade do homem para adquirir novos conhecimentos e habilidades deu origem ao que denominamos: educação.

Era inevitável que os filósofos influenciadores de sua época, não voltassem os olhos para a educação, frequentemente se deparavam com questões do tipo: O que é conhecimento? Como o homem pode adquirir conhecimento? Como transmitir o conhecimento? É possível ensinar a virtude? Eram múltiplas as questões.

Vale ressaltar que em todas as gerações de pensadores, houve contato do mestre com os discípulos, provavelmente, um sistema organizado de transmissão de conhecimento filosófico, com locais específicos e pessoas com a missão de anotar os conhecimentos transmitidos, já que esses pensamentos chegaram até os dias atuais. Portanto um primórdio sistema de educação.

Na educação grega o ensino era responsável por estimular as competições mostrando superioridade aos povos conquistados. Os gregos eram educados através dos textos de Homero, seu ideal era de ser sempre melhor e se manter superior aos outros. A educação consistia na formação do corpo pela ginástica, da mente pela filosofia e as ciências, a moral pela música e a artes. Apenas os gregos livres e com propriedades tinham acesso à educação, pois somente esses tinham que saber educar e obedecer.

Ainda nesse período, os pré-socráticos, foram responsáveis pela transição do

pensamento místico para a consciência filosófica, através de análises empíricas da natureza e do uso da razão. Esta atitude dá origem a um conhecimento leigo, transmitido por leigos sem nenhuma ligação com as religiões, desta forma a transmissão do conhecimento deixou de ser exclusividade de sacerdotes. Um dos principais nomes da época foi Tales de Mileto, considerado o pai da filosofia.

Pitágoras por sua vez, com suas ideias revolucionárias, e sua mudança para o Sul da Itália, fundou uma seita, a seita pitagórica, que deu origem a escola conhecida como “Escola Pitagórica”. Sua seita misturava Matemática, Música, Filosofia, Astronomia, Política, Religião e Moral. O Pitagorismo buscava a purificação da alma por meio do conhecimento e do pensamento. A escola enquanto seita, era muito fechada. Seus alunos passavam os dias estudando as teorias do filósofo. Segundo ele, os números eram considerados a essência de todas as coisas, mas os números de Pitágoras eram diferentes dos algarismos, não eram abstratos e ocupavam uma dimensão espacial, em formas de quadrados e triângulos. Pitágoras deixou uma grande contribuição para a Matemática com a descoberta do Teorema de Pitágoras.

No que diz respeito aos sofistas eles percorriam as cidades ensinando às pessoas a arte da retórica, da oratória e da argumentação, ocupavam-se de desenvolver nos jovens a potencialidade do espírito crítico e a habilidade de expressão. Foram os primeiros a receberem pagamento para ensinar. O objetivo dos sofistas era educar para a prática. Sua influência se faz sentir até os dias atuais, os sofistas foram os fundadores da pedagogia. Sócrates, Platão e Aristóteles exerceram grande influência cada qual em sua época.

Sócrates criou um novo modelo de educação baseado no diálogo, propondo perguntas e discussões a partir dos problemas do dia-a-dia. Ele não cobrava para dar aulas, ficava em praças públicas na cidade de Atenas, filosofando e procurando a verdade pela própria verdade. Esse modelo de educação era chamado por ele de maiêutica, que quer dizer: a arte de parir ideias.

Discípulo de Sócrates, Platão rejeitava a educação praticada pelos sofistas, para ele o objetivo da educação era a formação do homem moral, vivendo em um Estado justo. Com bases nas ideias de seu mestre, definiu seu próprio modo de pensar. Platão fundou a primeira escola filosófica para a política, chamada A Academia. A educação platônica servia, de um lado, para construir homens capazes de compreender o conceito de justiça, para governarem a cidade, de outro, treinar todos os cidadãos para a prática da justiça. Para Platão um dos processos da

educação era a dialética, que consiste em uma técnica de extração de uma conclusão com base em duas ideias opostas.

Na visão aristotélica a educação parte da imitação, pois quem imita aprende. Portanto as crianças aprendem por meio da imitação, por essa razão a educação deve começar na infância, pois desde cedo deve se moldar seu caráter. Segundo ele a educação deve ser exercida pelo Estado, pois ele é o único capaz de estabelecer leis e guiar os cidadãos na prática da virtude.

O Estado Romano conquistou a Grécia e absorveu sua filosofia de educação. Para os romanos, assim como os gregos, o trabalho manual não é valorizado e somente a classe nobre tem direito a educação. Portanto, uma pequena parcela da sociedade obtinha seus estudos na escola conhecida como gramático, utilizando a literatura, o ditado, a memorização. Os escravos não tinham o direito de estudar, eram tratados como objeto. Enquanto na educação grega predominava o uso da retórica, Roma por sua vez, adotava uma educação mais voltada para o uso da gramática.

Com o desenvolvimento do comércio, o enriquecimento de uma certa camada de plebeus e início da expansão romana se faz necessário um novo modo de educar, sendo criadas escolas elementares particulares, escolas do *ludi-magister*, ministravam a educação elementar; Escolas do gramático: correspondia ao que hoje se conhece por ensino secundário. Estabelecimentos de ensino superior: era uma espécie de universidade, onde se ensinava a retórica, o Direito e a Filosofia.

O surgimento do cristianismo foi um fato marcante. A partir de Constantino, o cristianismo se torna religião oficial. Surge então um novo tipo de educação, o educador era o próprio Jesus, os apóstolos, os evangelistas e seus discípulos. A forma de ensino era baseada no caráter religioso para preparação de uma vida espiritual.

Posteriormente surge uma educação catequética e dogmática, que tinham seus cargos os sacerdotes. A maioria da população ficava sem acesso à educação “[...] toda essa educação, como a anterior, continuava reservada a certa minoria; naquela, de eclesiásticos; nesta, de monges” (LUZURIAGA: 2001; p.73). Ao lado do clero a nobreza realizava outra educação: clérigo humanista e filosófica teológica. Os conteúdos de ensino compreendiam: o trivium e o quadrivium. “No trivium constam as disciplinas de gramática, retórica e dialética, correspondentes ao ensino médio. O Quadrivium, formado por geometria, aritmética, astronomia e música, é de nível superior [...]” (ARANHA: 2001; p.77).

Diante da necessidade de estabelecer uma harmonia entre a fé e a razão surge um novo momento histórico chamado escolástico. Chama-se Escolástica por ser uma filosofia ensinada nas escolas. “[...] o método escolástico é constituído por várias etapas: a leitura (lectio), o comentário (glossa), as questões (quaestio) e a discussão (disputation)” (ARANHA: 1998; p.73). São Tomás de Aquino foi o maior idealizador dessa escola, ele defendia sempre a harmonização da fé com a razão, mostrando que uma não exclui a outra, mais se completam. A escolástica é definida como uma forma de pensamento crítico, sendo baseada na filosofia de Aristóteles e Platão.

Com o Renascimento Cultural e científico, surge uma nova classe social, a burguesia. Segundo Aranha “[...] Se até então educação era privilégio dos clérigos ou, no caso dos leigos, se restringia à instrução religiosa, o desenvolvimento do comércio faz reaparecer a necessidade de se aprender a ler, escrever e calcular” (ARANHA: 1998; p.77). O pensamento Renascentista dessa época influenciou a educação através da teoria heliocêntrica, defendida por Nicolau Copérnico (1473-1543), que vai contra a teoria geocêntrica. Conforme Copérnico, a Terra e os demais planetas se movem ao redor de um ponto vizinho ao Sol, sendo este, o verdadeiro centro do Sistema Solar.

Para a burguesia, a Igreja Católica não atendia aos interesses deles, que visavam o poder a qualquer custo. Em contrapartida a Igreja Protestante atendia aos interesses da burguesia que desejava um sistema liberal no ramo econômico e político. A Reforma Protestante foi iniciada por Martinho Lutero, para ele a exaltação Renascentista do indivíduo de seu livre arbítrio, tornara inevitável a ruptura do seio da Igreja. A principal consequência da Reforma foi a transferência da escola para o controle do Estado, nos países protestantes. Mas não consistia ainda em uma escola pública, leiga, obrigatória, universal e gratuita, como a entendemos hoje. (GADOTTI: 2001; p.64).

Os principais educadores renascentistas foram: 1) Vittorino da Feltre, que defendia uma educação individualizada; 2) Erasmo Desiderio, para ele, o verdadeiro caminho deveria ser criado pelo homem, enquanto ser livre e inteligente. I; 3) Juan Luís Vives- foi um dos primeiros a solicitar uma remuneração para os professores; 4) François Rabelais para ele o importante não eram os livros, mas a natureza; 5) Michael de Montaigne critica o ensino livresco e o pedantismo dos falsos sábios, valoriza a educação integral do homem e enfatiza que a finalidade da educação é formar o gentil-homem, culto e polido.

A sociedade passou por muitas mudanças entre os séculos XVI e XVII, na educação não poderia ser diferente. “O homem lançou-se ao domínio da natureza, desenvolvendo técnicas, artes, estudos – matemática, astronomia, medicina [...]. Tudo o que fora ensinado até então era considerado suspeito” (GADOTTI: 2001; p.76).

O pensamento moderno marca o resgate da dimensão humana, sob todos os aspectos. Segundo Aranha:

Um deles é compreender o sujeito do conhecimento, questão dominante na Idade Moderna. Filósofos como Descartes, Bacon, Locke, Hume, Spinoza discutem a teoria do conhecimento e ocupam-se com o problema do método, isto é, com os procedimentos da razão na investigação da verdade. Método significa direção, caminho para um fim, instrumento que permite a construção do conhecimento (ARANHA: 1998; p. 105).

Ainda nesse período houve a ruptura da tradição com uma nova linguagem científica, segundo Aranha:

Tanto na Antiguidade como na Idade Média, predominou a concepção de ciência puramente contemplativa, desligada das aplicações do saber, mantendo-se separadas ciência e técnica. [...] O burguês reverte essa tendência ao fundar o seu prestígio na capacidade do trabalho, que não despreza o concurso da técnica. Dessa forma, o método científico precisa da técnica, que por sua vez se aperfeiçoa com o avanço das ciências. Como resultado dessa interdependência, a ação do homem sobre a natureza é ampliada: ‘saber é poder’ (ARANHA: 1998; p.106).

Alguns pensadores importantes para época são:

- Rene Descartes considerado o pai do racionalismo, e por sua obra “O discurso do Método” que apresentava de uma forma esclarecedora a forma para se obter maiores conhecimentos, diante das experiências da vida;
- João Amos Comenio, escreveu a obra “Didática Magna” considerada um método pedagógico para ensinar com rapidez e eficiência.
- Jonh Locke considerado o pai do liberalismo, expressa sua teoria pedagógica na obra “Pensamento sobre Educação”, para ele a formação daqueles que irão governar e a formação daqueles que serão governados deveram ser diferenciadas. E em relação à

criança, Locke a concebia como uma tábua rasa, como uma tábua lisa, sem nada escrito, a qual deveria ser modelada.

A Revolução Francesa foi um marco revolucionário, responsável pelo fim do regime absolutista, que concentrava o poder no clero e na nobreza. Para Pazzinato e Senise (1992, p. 98), “o Iluminismo representou o ápice das transformações culturais iniciadas no século XIV pelo movimento renascentista”. Com o crescimento da burguesia, procurava-se uma explicação racional para todas as coisas, rompendo com a tradição. No auge do Iluminismo, Jean Jacques Rousseau, inaugurou uma nova fase na educação, defendendo uma educação próxima à natureza, baseada na liberdade e na igualdade dos homens. Pela primeira vez, a educação se tornou obrigatória. Nesse período a educação se caracterizou como laica, e para todos, sem a influência da Igreja e sobre a tutela do Estado. Tem início a ideia de unificação do ensino público, mas ainda é elitista, só os mais ‘capazes’ conseguem prosseguir até a universidade (ARANHA, 2001; GADOTTI, 2001; LUZURIAGA, 2001). Rousseau enfatiza a importância de dar à criança a oportunidade de um crescimento livre e espontâneo, para ele a função do educador, neste período, deve ser natural, que leve em consideração a singularidade da infância.

Segundo Kant os problemas educacionais são os mais graves e difíceis que a humanidade poderia ter diante de si. Para ele, a educação não era um problema, mas o verdadeiro problema. Por isso, afirmava: “O homem não é outra coisa senão o que a educação faz dele. Na educação se oculta o segredo da perfeição humana” (KANT, 1766, p. 72)

Até o século XVIII, a educação tinha caráter geral. No século XIX, se afirma o aspecto nacional, de caráter cívico ao ensino de cada país, em forma de educação patriótica e nacionalista. Assim como em todas as épocas anteriores, no século XIX, a educação esteve ligada aos acontecimentos políticos e sociais.

De modo geral no Brasil, durante a Primeira República, predominou o modelo tradicional e essencialista da educação. Até que pensadores e filósofos, como Serrano, Paulo Freire e Cecília Meireles, defendessem a criação da Escola Nova. Entre eles Paulo Freire foi o maior contribuinte da alfabetização de jovens e adultos. A Educação Brasileira se pauta em dois principais aspectos: a liberal, que defendem a liberdade de ensino, e a progressiva defendem a formação de um cidadão crítico e participante. Muitas mudanças aconteceram no sistema educacional, e muitas ainda acontecerão, porém a educação Brasileira ainda está

vinculada com o sistema europeu de ensino.

A RELAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA E A PEDAGOGIA

A relação entre a filosofia e a pedagogia se manifesta desde a origem da filosofia, os primeiros filósofos já pensavam a filosofia a partir do fundamento educativo e as percepções pedagógicas. Este vínculo foi se fortalecendo ao decorrer dos anos, pois a filosofia, se preocupava com as formas do conhecimento perfeito, e orientando o homem segundo a razão, construindo um pensamento pedagógico que buscava aquilo que para eles era a perfeição.

A questão pedagógica está presente no pensamento de vários autores, desde Platão e Aristóteles, passando por Kant e Rousseau, até chegar à atualidade com John Dewey e Paulo Freire. Todos esses autores se preocupavam em como se deveria educar o homem para a vida em sociedade.

Desta forma, a filosofia se coloca como a fonte de conhecimento que orientam a prática das atividades pedagógicas e os pedagogos. Nas palavras de Saviani (2013), a filosofia da educação tem como base propiciar aos educadores um método de reflexão amplo e inteligível, permitindo a compreensão dos problemas educacionais, possibilitando a resolução das questões.

Em cada contexto social há uma concepção de homem, de sociedade e de educação que influenciam na elaboração das práticas e políticas educacionais. A reflexão filosófica sobre a educação é o que orienta a pedagogia a garantir a compreensão sobre os valores presentes neste contexto social, e direcionar a prática educacional. Segundo Aranha, a filosofia tem a função de interdisciplinaridade, pela qual estabelece a ligação entre diversas ciências e técnicas que auxiliam a pedagogia (ARANHA, 1996, p 108).

Desde a antiguidade, a filosofia está dividida entre teoria e prática. A filosofia teórica pode ser conceituada como estudo teórico da realidade, ou como busca da sabedoria por si mesma, usando um método-especulativo. (MORA, 2001)

A filosofia prática ocupa-se de uma investigação do “ser enquanto ser”, e os produtos que resultam dessa atividade. De acordo com Mora (2001), no campo prático a filosofia pode ser concebida como a norma mais adequada para a ação, como a arte da vida com base em princípios da razão.

Essas duas teorias exercem forte influência na educação. Contextuando a filosofia como a forma de se adquirir conhecimento e a educação o problema filosófico. Os dois juntos representam o estudo dos fundamentos teóricos e as práticas educativa na sociedade.

Levando em consideração que a Pedagogia ocorre a partir da teoria e da pratica, se faz necessário refletir o papel do pedagogo, que não deve e não pode ser invalidado como um sujeito que foi alheio a sua época, pois é através da educação, da escola que várias mentalidades foram e são formadas para vários campos de atuações.

A FILOSOFIA NO COTIDIANO ESCOLAR

Partindo da permissa que somos herdeiros da história e das finalidades da educação, ainda hoje muitas teorias continuam ativas nas nossas crenças e práticas. Fornecendo a compreensão das dificuldades do nosso cotidiano. Entendendo o ensino como sendo capaz de transformar a sociedade, e o ser humano dotado de qualidades e que está sempre em constante mudança, superando desafios e disposto a aperfeiçoar o mundo. Fica a pergunta, será que nosso processo de ensino, valoriza essa capacidade do ser humano?

De certo que não, a realidade que encontramos hoje nas maiorias das instituições de ensino, é um modo de ensino-aprendizagem que não valoriza a capacidade de o alunopensar, muitas vezes o professor considera que o aluno deve estar ali para receber suas lições e, posteriormente, devolve-la em provas e testes, e assim sucessivamente. A conduta desses professores dá a entender que eles não querem que os alunos “dêtrabalho”, pois os alunos que participam ativamente das aulas, são taxados como problemáticos.

O fato é que, em geral, a escola está interessada em respostas, em padronização, em números e diplomas. Mas o que esperar do futuro da sociedade, já que a educação é capaz de transformar?

Segundo Plutarco “a educação não equivale ao ato de encher uma jarra, mas sim acender uma chama”. Desta forma, Plutarco afirma que não cabe ao professor simplesmente transmitir informações ao aluno, mais sim despertar o interesse interno quehá em cada um, para que ele mesmo construa seu caminho na busca do seu papel social. Podemos e devemos nos utilizar de todo saber que as

influências dos filósofos nos legou, a fim de auxiliar na compreensão da realidade que estamos vivendo.

Um breve exemplo dessa influência positiva encontramos na crônica de Rubem Alves intitulada Escola da Ponte – Quero uma escola retrograda. Segundo o autor, nossas escolas seguem um modelo de linha de montagem das fábricas, as escolas são as fábricas, os conhecimentos e habilidades são definidos exteriormente por agências governamentais. Os modelos definidos são obrigatórios e prescritos nas leis. Os alunos que não estejam de acordo com o modelo, são descartados. Nas palavras do autor:

As linhas de montagem denominadas escolas organizam-se segundo coordenadas espaciais e temporais. As coordenadas espaciais se denominam 'salas de aulas'. As coordenadas temporais se denominam 'anos' ou 'séries'. Dentro dessas unidades espaço-tempo, os professores realizam o processo técnico-científico de acrescentar sobre os alunos os saberes-habilidades que juntos irão compor o objeto final. Depois de passar por esse processo de acréscimos sucessivos – à semelhança do que acontece com os 'objetos originais' na linha de montagem da fábrica – o objeto original que entrou na linha de montagem chamada escola (naquele momento ele chamava 'criança') perdeu totalmente a visibilidade e se revela, então, como um simples suporte para os saberes – habilidades que a ele foram acrescentados durante o processo. A criança está, finalmente, formada, isto é, transformada num produto igual a milhares de outros ISO 1200, está formada, isto é, de acordo com a forma. É mercadoria espiritual, que pode entrar no mercado de trabalho. (ALVES, 2001, p.36)

Nada escapou ao olhar de Alves, a falta de verbas, a falta de pagamento melhores aos professores, o desinteresse de alguns alunos, porém, ele ainda acrescenta que mesmo que o Estado investisse mais, pagasse mais os professores, investisse no ambiente escolar, ainda assim faltaria o principal, a mudança de mentalidade, e a mudança de filosofia da escola.

Em seu texto "Gaiolas ou asas?", presente no seu livro Por uma educação romântica, afirma que "Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado, só pode ser encorajado." (ALVES, 2002, p.30)

Para o autor o que seria a escola ideal, é uma escola inspirada no modelo da oficina do artesão medieval. Uma escola artesanal. Precisamos

[...] abandonar a linha de montagem de fábrica como modelo para a escola e andando mais para trás tomar o modelo medieval da oficina do artesão como modelo para a escola. O mestre-artesão não determinava como deveria ser o objeto a ser produzido pelo aprendiz. Os aprendizes, todos juntos iam fazendo cada um a sua coisa. Eles não tinham de reproduzir um objeto ideal escolhido pelo mestre. O mestre estava a serviço dos aprendizes e não os aprendizes a serviço do mestre.

O mestre ficava andando pela oficina, dando uma sugestão aqui, outra ali, mostrando o que não ficava bem, mostrando o que fazer para ficar melhor (modelo maravilhoso de 'avaliação'). Trabalho duro, fazer e refazer. Mas os aprendizes trabalham sem que seja preciso que alguém lhes diga que devem trabalhar. (IBDEM, p.38)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Filosofia, como conhecimento voltado para o mundo e a humanidade, busca o sentido da realidade presente em nosso mundo e a ele se refere necessariamente, não sendo meramente teórica, visto que contribui para ordenar a prática humana (MAC DOWELL, 2010; JASPERS, 2006). Dessa forma compreende-se que a filosofia é uma atividade humana indispensável, pois além de possibilitar a racionalidade das coisas, podemos livrar dos julgamentos antecipados, e desvendar a realidade das coisas.

A filosofia no contexto educação aprendizagem, é libertadora e sucessivamente tem efeitos transformador em uma sociedade que busca formar sujeitos que tenha vez e voz. Portanto a partir do ato de “filosofar” enriquece o processo educativo, instigando o aluno para o pensar reflexivo, possibilitando ao professor libertar-se dos conteúdos prontos e repensar novas e melhores formas de realizar sua prática pedagógica. Criando

–se assim uma educação crítica que coloca o aluno para refletir, não só observar, mas atuar e participar da sociedade.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 2 eds. rev. Ampliada. São Paulo: Moderna, 1996.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1998.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985

CARTA CAPITAL. **A Educação grega transformaria o Brasil**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/vanguardas-do-conhecimento/educacao-grega-transformaria-o-brasil/>. Acesso em 26 de julho de 23

DOS SANTOS, A. M.; BONIN, J. C. **FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: IMPLICAÇÕES E IMPACTOS NA PEDAGOGIA**. *Educere et Educare, [S. l.]*, v. 13, n. 27, p. DOI: 10.17648/educare.v13i27.16850, 2018. DOI:

10.17648/educare.v13i27.16850. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/16850>. Acesso em: 27 jul. 2023.

Filosofias e educação: provocações para o pensamento / Damião Bezerra Oliveira (Organizador), Jorge Alberto Ramos Sarmiento (Organizador), Maria dos Remédios de Brito (Organizadora), et al. – Belém: RFB, 2022. Outro organizador Waldir Ferreira de Abreu Livro em PDF 226 p. ISBN: 978-65-5889-304-2 DOI: 10.46898/rfb.9786558893042 1. Filosofia - Educação e pesquisa. I. Oliveira, DamiãoBezerra (Organizador). II. Sarmiento, Jorge Alberto Ramos (Organizador). III. Brito, Maria dos Remédios de (Organizadora). IV. Título. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/1080/1/Livro_FilosofiasEducao.pdf Acesso em 25 de julho de 23

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2001.

GRANDES NOMES NA HISTORIA DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://grandesnomesnahistoriadaeducacao.blogspot.com/>. Acesso em 26 de julho de 23

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1987.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação** / Cipriano Carlos Luckesi. – São Paulo : Cortez, 1994. – (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

Bibliografia. ISBN 85-249-0249-3 1. Educação – Filosofia I. Título. II. Série Disponível em: https://www.biblioteca.sumare.edu.br/vinculos/PDF_OBRAS/3307_miolo.pdf Acesso em 24 de julho de 23

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2001.

MAC DOWELL, João Augusto. **A missão da filosofia hoje**. Sapere Aude, Belo Horizonte, 2010. p. 12-26 Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/1067>. Acesso em: 26 de julho de 23

MORACO, Anna Giuglia Menechelli. Cardoso, Danielle Regina do Amaral C268f **Filosofia da educação** / Danielle Regina do Amaral Cardoso. – Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017. 240 p ISBN 978-85-8482-889-0 1. Educação -Filosofia. I. Título. Disponível em: http://cm-cls-content.s3.amazonaws.com/201701/INTERATIVAS_2_0/FILOSOFIA_DA_EDUCACAO_AO/U1/LIVRO_UNICO.pdf Acesso em: 25 de julho de 23

NUCLEO DO CONHECIMENTO. **A importância da filosofia da educação**. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/filosofia-da-educacao> Acesso em: 26 de julho de 23

NUCLEO DO CONHECIMENTO. **Filosofia na escola: a necessidade de um pensar crítico e reflexivo em torno do ensino-aprendizagem em sala de aula**. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/filosofia-na-escola> Acesso em: 26 de julho de 23

REUBER EDUCAÇÃO. **Rubem Alves e a escola que sonhou**. Disponível em: <http://reubereducacao.blogspot.com/2014/10/rubem-alves-e-escola-que-sonhou.html> .Acesso em: 26 de julho de 23

RELAEC - Revista Latino-Americana de Estudos Científico. **O campo da Filosofia na atualidade: Questões emergentes da filosofia no mundo contemporâneo**. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/index> Acesso em: 27 de julho de 23

SABEDORIA POLITICA. **Filosofia, Educação e Política**. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/filosofia-e-educacao/>. Acesso em: 24 de julho 2023

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo, Autores Associados/Cortez, 1980

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013a.

COMO A ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA IMPACTA NA GESTÃO DE UMA EMPRESA.

Almeida, Bruna da Silva Christofori

RESUMO:

A administração financeira se baseia no modo de como melhor gerir os recursos financeiros, com o objetivo de estabelecer um crescimento financeiro. O princípio da administração financeira é a estratégia, tendo, para realizar uma boa gestão financeira, o gestor financeiro precisa criar um planejamento financeiro para assim colocar em prática com comprometimento, ter um planejamento é essencial, para alcançar a ordem e gerar lucro e crescimento da empresa eventualmente. Desta forma, a contabilidade deve estar inserida neste contexto assumindo um espaço novo, assumindo um diferencial competitivo para as empresas. Conforme apresentado, esse estudo tem como objetivo responder às seguintes perguntas de pesquisa: Por que a administração financeira influencia em uma organização? Quando inserir a administração financeira em uma empresa? Quais ferramentas utilizar para alcançar resultados? Esse estudo tem como finalidade, trazer conhecimento e premissas para a implementação de uma gestão financeira de qualidade em uma empresa, seja a mesma de pequeno ou grande porte. A metodologia utilizada para o desenvolvimento desse estudo será pesquisas em livros, artigos e dissertações, com nomes de influências na área financeira e administrativa.

Palavras Chaves: Gestão financeira, planejamento e contabilidade.

INTRODUÇÃO

Gestão financeira é o conjunto de processos, métodos e ações que permitem a uma empresa controlar, analisar e planejar suas atividades financeiras. Possibilitando e fornecendo dados para que os profissionais analisem os cenários e assim traçar metas para que melhore seus resultados e também a melhor forma para utilizar seus recursos. Uma das metas financeiras é a redução de custos, objetivos produtivos e como crescer o número de vendas.

Dentro de uma empresa de pequeno porte é comum o dono tomar conta da parte financeira, sendo isso, um grande risco, pois através de pesquisas, muitas pessoas não estão preparadas para administrar uma empresa. Grande parte das pessoas espera somente o lucro, sem saber o que realmente as esperam.

Administrar uma empresa não é tão fácil assim, apesar das contas diárias, conta também com impostos, investimentos e momentos que o faturamento está baixo. É aí que entra a verdadeira essência da administração financeira.

Sendo assim, são utilizadas técnicas e conhecimentos aprofundados, encontrar pontos de melhoria em toda empresa. Para ter o controle e dirigir metas, é preciso experiência, visão de negócio e uso inteligente de ferramentas tecnológicas.

ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA

A administração desempenha um papel essencial no dia a dia das empresas, oferecendo suporte à maneira como as decisões são tomadas. A prática da administração é crucial para a continuidade das organizações, uma vez que está relacionada à qualidade das decisões tomadas pelos administradores.

A administração financeira, em colaboração com as demais áreas de um negócio, permeia o universo das organizações, desempenhando um papel fundamental nos processos de criação, manutenção e evolução dos empreendimentos.

Seleme (2010) enfatiza que administração financeira possibilita aos gestores analisar e solucionar problemas financeiros através de informações precisas e confiáveis, fornecendo subsídios para garantir uma qualidade superior na tomada de decisões, principalmente nos processos que envolvam análise de investimento e captação de recursos.

A respeito da finalidade da função financeira nas corporações. Sendo assim, Megliorini (2009), afirma que a função financeira de uma empresa pode ser descrita como um encadeamento de atividades com o propósito de obter recursos necessários nas condições mais favoráveis e aplicá-los eficazmente para o alcance de seus objetivos.

Sendo assim, a administração financeira é de fato indispensável para o sucesso de qualquer negócio. Sua importância se manifesta de várias maneiras, com a necessidade de análise de dados confiáveis no processo decisório.

GESTÃO FINANCEIRA

A gestão financeira emerge como uma necessidade às demandas impostas pelo ambiente competitivo no qual as organizações operam. Sua ênfase reside na preservação e no desenvolvimento sustentável da empresa, enfrentando uma

multiplicidade de desafios ao gerenciamento do fluxo de caixa, planejamento financeiro, capital de giro, administração de pagamentos e coletas, além da instituição de restrições e controles para regulamentar o funcionamento interno.

Para Eleuterio da Luz (2011), a gestão é um processo de direcionar a empresa, enfrentando dificuldades e restrições que por ventura possam surgir, através de uma cadeia de atividades no qual se busca atingir os resultados almejados.

A gestão financeira é construída por etapas para realizar a melhor administração possível do restante, seguindo com planejamento, acompanhamento, controle e análise dos recursos financeiros com o propósito de atingir a maximização da riqueza.

O ADMINISTRADOR FINANCEIRO

Para um administrador financeiro, é necessário adquirir um grande nível de conhecimento sobre finanças e economia e estar a procura de atualizações sobre o mercado. Mercado esse que está se atualizando a cada minuto. Para administrar os recursos da empresa e decidir de forma ágil os rumos da organização, é necessário estabelecer estratégias, conhecer o mercado que atua e criar um planejamento e exigir também de um profundo conhecimento das técnicas financeiras e uma intimidade no tratamento dos diversos instrumentos financeiros.

A maior responsabilidade do administrador financeiro é ter bem definido um planejamento financeiro, definir metas para expansão, ser analítico com os dados da empresa para conseguir ver em longo prazo a saúde da empresa. Preparar a empresa para um crescimento, faz parte do trabalho de um administrador financeiro, considerar a melhora e abundância empresarial.

Com isso, a missão do administrador financeiro nas empresas concentra-se em gerenciar os recursos financeiros disponíveis de forma a manter a saúde financeira e econômica da empresa para alcançar os resultados pré-estabelecidos (ASSAF NETO, 2003).

O administrador financeiro é aquele que põem em prática as funções financeiras na empresa. Em empresas menores, é comum o proprietário tomar as rédeas e administrar o financeiro.

PLANEJAMENTO FINANCEIRO

O planejamento financeiro figura como um dos pilares fundamentais para o funcionamento e base de uma empresa, desempenhando um papel crucial para fornecer a estrutura necessária para orientar, coordenar e controlar suas ações na direção à consecução de seus objetivos.

O objetivo de qualquer planejamento financeiro reside na manutenção de uma harmonia entre os gastos e os ganhos da empresa, possibilitando sua operação de maneira rentável. Esse processo abrange, em primeiro lugar, o planejamento do orçamento de caixa, ao passo que o planejamento de lucros é comumente realizado por meio de demonstrativos financeiros planejados.

O ponto de partida crucial na elaboração de um plano financeiro abrangente reside no plano estratégico da empresa. A estratégia desempenha um papel central para orientar o processo de planejamento financeiro, estabelecendo diretrizes gerais de desenvolvimento e metas de crescimento. Essa interconexão entre estratégia e planejamento financeiro permite uma avaliação criteriosa da execução das ações delineadas no plano estratégico do ponto de vista financeiro. Além disso, esse alinhamento possibilita a definição das decisões empresariais, delineando a melhor abordagem para alcançar os objetivos propostos pela organização.

A ausência de um processo robusto para determinar as necessidades de financiamento expõe uma empresa ao risco de não dispor de recursos adequados para honrar seus compromissos, resultando em inadimplência e potencialmente conduzindo a organização à falência se incapacidade de cumprimento de suas obrigações contratuais.

Nesse contexto, a implementação de um planejamento financeiro eficaz é imperativa, uma vez que é diretamente ligada na prevenção da falta de liquidez e na diminuição do risco de falência da empresa.

PLANEJAMENTO FINANCEIRO DE CURTO PRAZO

O planejamento financeiro é um processo dinâmico que se desdobra em dois modos de ação inter-relacionados, desempenhando um papel crucial na implementação das tomadas de decisões gerenciais nas empresas. A maior parte dos gestores financeiros adota uma abordagem dupla, engajando-se tanto no planejamento financeiro de curto prazo quanto no de longo prazo.

Conforme Berk (2009), o primeiro passo na elaboração de um planejamento financeiro de curto prazo é realizar previsões dos fluxos de caixa futuros. De acordo com o autor, essas previsões possibilitam à empresa determinar se há déficit ou excedente de fluxos de caixa, além de visualizar se tais situações ocorrem no curto ou longo prazo. Ele destaca ainda a importância de financiamentos de curto prazo para que as empresas possam lidar com exigências temporárias de capital de giro e acomodar choques de fluxos de caixa, tanto positivos quanto negativos.

Conforme Ross (2007), as finanças de curto prazo destacam uma análise mais imediatista das decisões que impactam os ativos e passivos circulantes, com implicações sobre a empresa no período de um ano.

PLANEJAMENTOS FINANCEIROS DE LONGO PRAZO

A distinção marcante entre o planejamento financeiro de curto prazo e o planejamento financeiro de longo prazo reside fundamentalmente nas metas associadas aos fluxos de caixa. Enquanto o planejamento de curto prazo concentra-se nas demandas imediatas e na gestão eficiente dos recursos financeiros imediatos, o planejamento de longo prazo direciona sua atenção para o estabelecimento de metas e objetivos que transcendem um horizonte temporal mais amplo.

O alinhamento conjunto do plano financeiro com o planejamento estratégico das empresas representa uma sinergia estratégica essencial. Essa integração permite que os gestores reforcem a importância do planejamento financeiro de longo prazo, uma vez que desempenha um papel vital na formulação de metas e objetivos estratégicos, contribuindo de maneira significativa para a obtenção dos resultados desejados.

Neste sentido, Gitman (2004) refere-se ao planejamento financeiro de longo prazo como plano estratégico, por estar intimamente ligado ao planejamento estratégico das organizações. Para o autor, os planos de longo prazo possuem

como foco o consumo de capital, as atividades de pesquisa e desenvolvimento, as ações de marketing, desenvolvimento de produtos, estrutura de capitais e importantes fontes de financiamentos.

A importância do planejamento financeiro de longo prazo é traduzida por Lemes Junior (2002), que também expõe sua visão sobre o assunto. Para ele, o plano financeiro de longo prazo demonstra sob o aspecto financeiro os efeitos dos planos estratégicos das empresas em período superior a um ano podendo atingir 25 anos ou mais dependendo dos objetivos de cada empresa.

Além disso, Lemes Junior (2002) afirma o seguinte: “ [...] O planejamento financeiro de longo prazo se concentrará no orçamento de capital e nas expectativas de geração de lucros e recursos financeiros”.

CONTABILIDADE PARA SUPORTE DA ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA

Nas grandes organizações, a contabilidade desempenha um papel fundamental e é, sem dúvida, uma base para considerar todas as informações relacionadas ao patrimônio da corporação. Ao ser realizado, a contabilidade fornece uma representação abrangente das informações, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Essa abordagem abrangente serve como uma base essencial para a administração, contribuindo significativamente para a realização dos objetivos organizacionais.

Conforme análise de Loddi (2008), as decisões financeiras são tomadas, através de um sistema de controle adequado que corresponde de maneira rápida e precisa aos fatos ocorridos, com as movimentações de recursos, alocando-os em relatórios uniformizados e concisos, que demonstram adequadamente as informações necessárias para a tomada de decisão da gerência.

A qualidade do sistema contábil de instituições está totalmente ligada à eficiência dos controles internos existentes na organização. O controle interno, nesse contexto, representa um sistema de verificações e saldos que desempenha uma função-chave na proteção dos ativos da empresa e na melhoria da margem de lucro e adicional de seus demonstrativos financeiros.

Nesse contexto, Loddi (2008) esclarece que o foco da administração financeira é crucial para a sobrevivência das pequenas empresas. Por meio dos controles

derivados da contabilidade, aliados às teorias econômicas, a administração financeira oferece uma contribuição significativa para a tomada de decisões rápidas e precisas no ambiente empresarial.

INSTRUMENTOS DE CONTROLE FINANCEIRO

Uma das características primordiais dos controles reside na verificação de possíveis desvios, o que viabiliza a elaboração de planos de ação para correções rápidas e eficazes.

O processo de controle é composto por três etapas fundamentais: mensuração do desempenho real, comparação desse desempenho com os padrões estabelecidos e implementação de medidas administrativas para corrigir eventuais desvios nos padrões identificados. A inter-relação entre essas etapas é essencial para fornecer apoio eficaz aos gestores em suas atividades.

De fato, o controle financeiro está intrinsecamente relacionado ao planejamento e à delegação de tarefas. Sua eficácia se manifesta quando as atividades são conduzidas com o propósito claro de alcançar os objetivos organizacionais, contribuindo assim para a simplificação do processo administrativo diário.

De acordo com o pensamento de Fernandes (2008), o controle interno representa a união de métodos e procedimentos que estão interligados e inseridos no gerenciamento das empresas. Desta forma, tem por finalidade produzir informações confiáveis para o monitoramento e a tomada de decisões, contribuindo assim para conquista dos objetivos empresariais.

Certamente, um sistema de controle eficaz requer precisão e clareza, proporcionando informações oportunas para a avaliação e desenvolvimento de estratégias alcançáveis.

Alguns sites são bastante usados por empresas para manter o controle financeiro. Conhecidos como: VHSYS, Conta azul, Bkper e etc.

ADMINISTRAÇÃO DO CAPITAL DE GIRO

A ausência de conhecimentos gerenciais, particularmente em assuntos relacionados à gestão financeira, tem levado empresas a cometerem falhas que

ampliam o risco do negócio, podendo resultar em situações delicadas e, em casos extremos, até mesmo na falência da empresa.

Estudos evidenciam a realidade enfrentada pelas empresas, oferecendo uma análise das dificuldades gerenciais enfrentadas pelos empresários no país.

Segundo Küster (2005, p.13), “Uma administração inadequada do capital de giro resulta normalmente em sérios problemas financeiros, contribuindo efetivamente para a formação de uma situação de insolvência”.

De acordo com o SEBRAE (2006), o capital de giro é a união de valores precisos para a organização fazer seus negócios acontecerem (girar), sua participação representam em geral, de 50% a 60% do total dos ativos de uma empresa. Além disso, há um esforço maior do administrador financeiro para gerenciar o capital de giro do que aquele requerido pelo capital fixo, pois é necessário o acompanhamento e monitoramento permanente, para evitar os impactos das mudanças ambientais no panorama econômico.

De acordo com Ching et al. (2007), o propósito da gestão do capital de giro nas empresas é reduzir o intervalo de tempo entre o dispêndio com a aquisição de materiais e o recebimento das vendas. Segundo o autor, o capital de giro líquido pode ser definido como a diferença entre o ativo circulante e o passivo circulante.

Conforme Fernandes (2008), alguns fatores analisados revelam que na administração do capital de giro é essencial compreender o funcionamento dos ciclos operacional e financeiro como mecanismo de análise gerencial das empresas.

CICLO FINANCEIRO

A dinâmica do capital de giro demanda dos gestores financeiros conhecimento e habilidade para tomar decisões apropriadas, visando beneficiar a empresa da maneira mais adequada possível. O capital de giro representa os recursos necessários para manter a empresa operando de maneira eficiente.

No entendimento de Ching et.al. (2007,p.165), o ciclo de conversão de caixa se resume da seguinte forma “A essência do capital de giro está no entendimento do ciclo de conversão de caixa. Esse ciclo é o período que abrange do ponto que a empresa coloca material e trabalho no processo de produção até o momento em que o dinheiro da venda é recebido”.

Conforme Marques (2008), o ciclo operacional engloba todos os estágios do processo de produção e pode ser definida como o período necessário para a aquisição de matérias-primas, a transformação delas em produtos acabados, a subsequente venda desses produtos e, por fim, o recebimento das vendas realizadas. Portanto, o ciclo operacional compreende tanto o ciclo econômico quanto o ciclo financeiro.

A grande dificuldade dos gestores sem conhecimento elevado sobre o fluxo de caixa é manter a prioridade das ordens. Com a falta de capital, a melhor maneira de manter a empresa em pé e trazer de volta ao eixo, é denominar as prioridades e segui-la á risca, sempre priorizando os setores de onde traz lucro e capital para a empresa, assim seguindo para o recurso entrar novamente no caixa, mantendo o ciclo.

GESTÕES DE FLUXO DE CAIXA

O fluxo de caixa, conforme definido na literatura, é um instrumento analítico que visa acompanhar a circulação dos valores monetários e suas variações no caixa de uma entidade. Este instrumento desempenha um papel crucial na gestão, proporcionando uma disponibilidade imediata de informações financeiras.

Dessa forma, a gestão financeira das organizações está totalmente ligada à administração dos recursos, cuja movimentação se torna vital para o êxito dos investimentos realizados. Nesse contexto, o fluxo de caixa atua como um sistema controlador, monitorando de perto a circulação desses recursos e garantindo uma gestão eficaz.

Ao utilizar o fluxo de caixa como base de dados, a definição do planejamento financeiro se torna mais concreta e realista. Este instrumento abrange todos os orçamentos da organização, inclusive o planejamento de longo prazo. Essa abordagem oferece uma visão abrangente e precisa das finanças, contribuindo para uma gestão financeira mais eficiente e informada.

Portanto, no processo de planejamento, a projeção do fluxo de caixa torna-se indispensável. Essa etapa inicial é essencial para projetar e controlar as atividades operacionais da empresa, sendo a essência que possibilita todo o planejamento. Com essa prática, as dificuldades enfrentadas pelas organizações

tendem a ser minimizadas, uma vez que elas conseguem antecipadamente identificar as necessidades ou excedentes de recursos financeiros.

É importante destacar que a ausência de uma adequada administração de caixa pode acarretar problemas de liquidez, fragilizando a situação financeira da empresa. Segundo Cardeal (2006, p.32), “muitos são os casos de empresas que mesmo apresentando lucro no exercício, com demanda para seus produtos e bom posicionamento de mercado não consegue sobreviver em função da má administração de caixa”.



DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO – DRE

A Demonstração de Resultado do Exercício (DRE) é empregada como ferramenta diagnóstica para avaliar a situação econômica da empresa. Nela, são consolidadas as contas de resultado, proporcionando uma visão abrangente do desempenho da organização. A DRE integra um conjunto de demonstrações contábeis com o propósito de avaliar a performance da entidade e fornecer informações essenciais para embasar o processo de tomada de decisões.

Conforme Assaf Neto (2010), as demonstrações de resultado oferecem informações sobre o lucro ou prejuízo (resultado) de uma instituição em um exercício específico, sendo esses valores transferidos para as contas do patrimônio líquido. O autor destaca que o lucro ou prejuízo são decorrentes das receitas, custos e despesas incorridos pela empresa no período, sendo

contabilizados de acordo com o princípio do regime de competência, independentemente de esses valores terem sido efetivamente pagos ou recebidos.

BALANÇO PATRIMONIAL

O Balanço Patrimonial é uma demonstração que compila informações sobre a estrutura patrimonial de uma empresa durante um período específico. Sua finalidade primordial é viabilizar a identificação da situação financeira da organização, apresentando de forma consolidada os elementos relacionados a seus ativos, passivos e patrimônio líquido. Essa ferramenta desempenha um papel crucial ao oferecer uma visão abrangente e clara da posição financeira da empresa, proporcionando insights valiosos para análises e tomadas de decisão.

Conforme destacado por Assaf Neto (2010), o balanço patrimonial reflete a posição patrimonial e financeira de uma empresa em um momento específico, apresentando informações que são estáticas e sujeitas a alterações após o encerramento do período contábil. No entanto, mesmo com essa natureza dinâmica, o balanço desempenha um papel crucial como um ponto de partida essencial para o entendimento da situação econômica e financeira da empresa. Ele fornece uma visão instantânea dos ativos, passivos e do patrimônio líquido, servindo como base primordial para análises mais aprofundadas e tomadas de decisão estratégicas.

Segundo Camargo (2007), o balanço proporciona uma representação equilibrada de toda a estrutura patrimonial de uma empresa, evidenciando, em um dado momento, todos os bens e direitos a receber (ativos), o total de dívidas com terceiros (passivos) e o montante de capital investido pelos sócios (patrimônio líquido). Conforme o autor, o balanço atua como um retrato estático da empresa, refletindo sua situação organizacional, ainda que, ao longo do tempo, os saldos de diversas contas possam sofrer modificações.

Desta forma, o balanço patrimonial desempenha um papel fundamental para as organizações, pois expõe de maneira abrangente seus bens, direitos, deveres e obrigações. Além disso, ele ilustra a composição do patrimônio líquido e a situação financeira da empresa em um período específico, constituindo-se como

alicerce essencial para a análise da situação patrimonial e financeira da organização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os estudos realizados neste trabalho, ficou mais do que provado e constatado que não existe a menor possibilidade de sobrevivência de qualquer empresa ou organização sem a administração financeira. A importância de identificar a saúde financeira desde o início. A contabilidade destaca-se no cenário empresarial ao fornecer informações essenciais que revelam a verdadeira situação do patrimônio, orientando, por meio de diversos instrumentos de análise, as decisões das empresas. Essa disciplina fornece subsídios consistentes para uma gestão eficaz das organizações, desempenhando um papel fundamental na interpretação e no direcionamento das atividades empresariais.

Por isso é imprescindível ter uma base sobre gestão e sobre finanças, para assim conseguir levantar todos os problemas em vista e melhorá-los para ter uma empresa saudável. Sendo assim, um planejamento financeiro bem elaborado tem o poder de oferecer informações consistentes para a tomada de decisões, prevenindo surpresas indesejadas e abrindo espaço para a criação de novas alternativas, visando aprimorar os resultados. No entanto, nem todas as empresas estão preparadas para adotar essa ferramenta de gestão. A escassez de conhecimento impede a execução eficaz do processo de planejamento financeiro, o que ressalta a importância de investir em capacitação e entendimento adequados para garantir uma abordagem mais eficiente nessa área.

Conclui-se, então, que é essencial uma análise financeira dentro de uma empresa para que possa ser feita uma gestão de qualidade. A administração financeira traz estabilidade e lucro para a empresa. Compreende-se, portanto, que a falta de um planejamento financeiro pode resultar em diversas situações de risco, potencialmente impactando todas as operações da empresa e, em última instância, levando-a à falência. Nesse contexto, destaca-se a importância dos conhecimentos contábeis para a elaboração e avaliação dos controles financeiros, proporcionando uma base de dados que sustentará a tomada de decisões fundamentadas.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro. São Paulo: Atlas, 2010.

BERK, Jonathan. Finanças empresariais. Porto Alegre: Bookman, 2009.

BODIE, Zvi. Finanças. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

CAMARGO, Camila. Planejamento Financeiro, Curitiba: Ibpex, 2007.

CARDEAL, Josemeire Dantas. A administração de caixa em empresas de pequeno porte: Estudo de casos no setor hoteleiro de Salvador - BA. Salvador:

CHING, Hong Yuh et. al . Contabilidade e finanças para não especialistas. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

ELEUTERIO DA LUZ, Érico. Controladoria corporativa. Curitiba: Ibpex, 2011.

FERNANDES, Luciano. Estudo dos controles internos e seus efeitos sobre os indicadores econômico-financeiros em empresas de serviços de informática. Blumenau: FURB, 2008.

GITMAN, Lawrence J. Princípios de Administração Financeira. São Paulo: Addison Wesley, 2004.

IMAGEM: www.assamble.com.br/blog/como-organizar-o-financeiro-no-seu-negocio-de-personalizados/

KÜSTER, Edison. Administração e financiamento de capital de giro. Curitiba: Juruá, 2005.

LEMES JUNIOR, Antônio Barbosa. Administração financeira: Princípios, fundamentos e práticas brasileiras. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

MARQUES, Adriano. Planejamento e Controle Financeiro nas Micro e Pequenas Empresas, visando à continuidade e à sustentabilidade. Santos:

MEGLIORINI, Evandir. Administração financeira. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.

MEGLIORINI, Evandir. Administração financeira: uma abordagem brasileira. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

SELEME, Roberto Bohlen. Diretrizes e práticas da gestão financeira e orientações tributárias. Curitiba: Ibpex, 2010.

UNIFACS, 2006

UNISANTOS, 2008. Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Santos, Programa em gestão de Negócio, 2008.

AMBIENTE DE NEGÓCIOS E FERRAMENTAS DE GESTÃO PARA ANÁLISE E TOMADAS DE DECISÃO.

Soares, Carlos Eduardo de Azevedo
Campos, Adriana Aparecida Henrique de

RESUMO:

Empresas todos os dias são expostas a variáveis fatores que influenciam o sucesso ou fracasso de uma organização. O avanço da tecnologia, o cenário econômico e político entre outros, são itens extremamente relevantes para as tomadas de decisão que ditam se um determinado negócio irá dar certo ou não.

Em função de cenários inconstantes, empresas devem a todo momento gerar mais valor competitivo, em todas as áreas organizacionais possíveis, sejam elas recursos humanos, marketing ou financeiro. Esse estudo objetiva trazer uma revisão bibliográfica sucinta, sobre o tema Ambiente negócios e tomada de decisão, procurando responder às seguintes questões: Por que a análise do ambiente de negócios é importante e como funciona o processo de tomada de decisão, apontando ferramentas de gestão que poderão ser úteis para a análise.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente de Negócios; Tomada de Decisão; Ferramentas de Gestão; Ambientes Empresariais; Processo decisório.

INTRODUÇÃO

Ambiente de negócios é o ciclo empresarial e todos os fatores que influenciam positivamente ou negativamente a empresa em seu processo de tomada de decisão, fatores esses que podem ser externos ou internos, como economia, motivação, política, treinamentos entre outros, afetando continuamente as tomadas de decisão e processos de gestão empresarial. No artigo “O que é e por que analisar o ambiente de negócios” de 2022, o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) define o ambiente de negócios como “*o ciclo de vida das empresas e o conjunto de fatores que influenciam a atividade delas*” (SEBRAE, 2022).

Ele abrange todas as variáveis que podem afetar a administração da organização, desde ações de capacitação, até a geração de oportunidades de negócios.

Logo, tomar conhecimento e realizar a análise crítica desses fatores é necessária para manter a sustentabilidade da empresa. Chiavenato (2021, p.161) concorda que:

(...) “para que a empresa possa operar com eficiência e eficácia, torna-se fundamental que ela conheça o ambiente externo que a envolve: suas necessidades, recursos disponíveis, oportunidades, dificuldades e restrições, coações e contingências dos quais ela não pode fugir ou escapar”. (CHIAVENATO 2021, p.161)

A tomada de decisão é o momento em que o empreendedor ou gestor responsável, faz a análise de informações, e com base nessas toma uma escolha. O processo inclui analisar, coletar os dados e escolher entre alternativas. Faz parte da administração o ato de realizar escolhas, a todo momento gestores se deparam com os mais variados cenários e são responsabilizados por decidir quais caminhos tomaram segundo o estudo dos fatores externos e internos que os influenciam. *“Administrar é decidir, e todas e quaisquer ações precisam ser escolhidas em função de restrições ambientais”*. (TORRES JUNIOR E MOURA, 2017 p.21).

Este Trabalho de conclusão de curso, objetiva trazer a importância da análise de fatores internos e externos para melhoria da capacidade de tomada de decisão em empresas, em concordância a tendência de crescimento da área.

ANÁLISE DO AMBIENTE DE NEGÓCIOS

O Ambiente de negócios, toma todos os fatores que influenciam o dia-a-dia empresarial, analisá-lo ele é importante para criação de boas estratégias, desenvolver planejamentos, controlar finanças e afins, é nele onde estão os fatores externos e internos que levam uma empresa a tomar certas decisões, como, cortes, investimentos, reduções, entre outras medidas que um gestor deve tomar em seu cotidiano.

Os desafios à gestão podem ser grandes, devido a abrangência dos ambientes em que empresas realizam suas atividades, a complexidade e outras forças que

influenciam os cenários que os tomadores de decisão precisam enfrentar. (CHIAVENATO, 2021).

A avaliação do ambiente de negócios é realizada a partir da análise do macroambiente e do microambiente externo e interno. A avaliação do ambiente externo, traz a perspectiva de assuntos dificilmente controláveis à organização que podem gerar ameaças ou oportunidades. De acordo com Oliveira e Santos (2022, p.71), *“refere-se ao conjunto de variáveis externas à organização que dificilmente podem ser moldadas ou controladas”*.

O Microambiente externo empresarial, trata do ambiente externo próximo à empresa, que frequentemente traz influência sobre a capacidade de competição da organização. (OLIVEIRA E SANTOS, 2022)

O Microambiente interno, ou ambiente interno, faz relação a análise dos fatores que em geral são controláveis pela empresa, e determinam como a empresa irá funcionar. (OLIVEIRA E SANTOS, 2022)

ANÁLISE DO AMBIENTE EXTERNO

Também chamado de ambiente geral, dá-se pela análise de variáveis externas à empresa, fatores externos são todos aqueles que comumente são incontroláveis, que não se pode evitar. Estão relacionados ao desenvolvimento tecnológico, à economia, às leis, à política entre outros. Barney e Hesterly (2017, p. 26) afirmam que *“o ambiente geral consiste em tendências amplas no contexto em que a empresa opera e pode ter impacto em suas escolhas estratégicas”*.

Os fatores externos às empresas referem-se a influências fora do controle direto da empresa e correspondem a fatores demográficos, políticos, econômicos, ambientais e tecnológicos. (OLIVEIRA E SANTOS, 2022). Barney e Hesterly afirmam que:

(...) “o ambiente geral consiste de seis elementos Inter relacionados: mudanças tecnológicas; tendências demográficas, tendências culturais, clima econômico, condições políticas e legais e acontecimentos internacionais específicos”. (Barney e Hesterly 2018, p. 26,27)

- **Análise de tendências tecnológicas:** Traz importância da tecnologia para o sucesso organizacional, buscando sempre inovações e avanços na criação de produtos e serviços.
- **Análise demográfica:** Refere-se à necessidade de compreender a demografia, trazendo luz às informações quanto ao cliente como renda, idade, gênero, estado civil entre outros. Pode trazer simplificação a análise de atratividade de produtos e serviços oferecidos aos consumidores.
- **Análise Cultural:** Está relacionada às crenças, normas e valores que guiam o comportamento, trazendo a definição daquilo que é correto para uma determinada sociedade, tendo importância para análise da habilidade de construção de vantagens competitivas.
- **Análise do clima econômico:** Analisa o clima econômico geral, a economia pode passar por fases de recessão, onde há a necessidade de retrain investimentos, cortar gastos e despesas, por outro lado, o oposto também opera, em tempos de prosperidade no ambiente econômico, a importância da análise ganha força à percepção de oportunidades de mercado, investimentos tecnológicos e outros.
- **Análise de condições legais e políticas:** É o impacto da situação legislativa e das burocracias ligadas ao negócio. Dedicar-se também ao estudo do relacionamento geral entre a empresa e o governo, que influenciam em assuntos como relações sindicais, regime trabalhistas e outros.
- **Análise de acontecimentos internacionais específicos:** Inclui a análise de ocorrências globais, que impactam a empresa, como guerras, recessões, golpes de estado, tragédias, objetiva trazer um cenário amplo ao gestor de acontecimentos que podem influenciar na criação de oportunidades ou ameaças.

Em suma, a análise do ambiente externo é crucial para empresas que objetivam sucesso, seu estudo traz conhecimentos que permitem se preparar para diversas situações que podem interferir na funcionalidade da empresa. Para líderes, é

essencial a compreensão de cada um dos fatores, e saber como lidar com cada um dos cenários que podem integrar o panorama organizacional.

ANÁLISE MICROAMBIENTE EXTERNO

Chamado por de ambiente de tarefa por alguns autores, também avalia fatores externos à empresa, porém analisando variáveis mais próximas à produtividade empresarial, traz uma análise básica da economia local e da cadeia de suprimentos regional. Os fatores gerais que afetam esse ambiente são os clientes, a concorrência e os fornecedores. (OLIVEIRA E SANTOS 2022)

“Cada organização tem ao seu redor seu próprio ambiente de tarefa. Para ter uma visão periférica do seu negócio, ela precisa conhecer seu ambiente de tarefa.” (CHIAVENATO 2021 p.163).

O modelo das cinco forças ambientais de Porter, traz luz a uma análise de ameaças que podem influenciar o ambiente de tarefas. É possível através da utilização do modelo, identificar fatores do ambiente local da organização e avaliar sua cadeia de suprimentos. (BARNEY E HESTERLY, 2018)

As ameaças são: ameaça de entrada de novos concorrentes; Ameaça de rivalidade; Ameaça de substitutos superiores ou de baixo custo; ameaça de fornecedores; e ameaça da influência de compradores.

- Ameaça de Entrada de novos concorrentes: São organizações que entraram recentemente no mercado ou buscam iniciar suas operações em um futuro próximo.
- Ameaça de Rivalidade: Trata os players já existentes, aqueles que concorrem diretamente com a organização, podendo ameaçar os lucros econômicos de uma empresa.
- Ameaça de Substitutos: Trata dos produtos ou serviços que atendem praticamente a mesma necessidade do público alvo, oferecendo melhor qualidade ou menor custo ao cliente final.

- Ameaça de Fornecedores: Responsáveis por disponibilizar matéria prima e insumos às empresas, impactando diretamente a qualidade e preço de produção e prestação de serviços.
- Ameaça de Influência de compradores: Os compradores, são os clientes, todos aqueles que consomem o produto ou serviço disponibilizado. Diferente dos fornecedores que em geral aumentam os custos, a influência de compradores age na redução de lucros econômicos.

O oposto também é válido, também é preciso identificar as oportunidades presentes no mercado. É possível realizar uma análise de oportunidades através da identificação do o setor onde a empresa está inserida. (BARNEY E HESTERLY, 2017) Os setores se caracterizam como:

- Setores fragmentados: É o ambiente em que trabalham muitas microempresas e as de médio porte, em que por fatores do ambiente externo as empresas apresentam dificuldade em se desenvolver, estas podem gerar oportunidades como: Consolidação; Posicionamento.
- Setores emergentes: São novos setores ou antigos que passaram por grande reformulação após mudanças bruscas de mercado, traz às vantagens do Pioneiro, ou seja, a empresa que se encontra nesse setor, fará ou participará da criação de regulação para o setor, tem tempo para estratégias mais elaboradas por conta da baixa concorrência e outras vantagens.
- Setores maduros: São setores lentos em questão de desenvolvimento, seu funcionamento depende de compras recorrentes. Suas oportunidades estão atreladas ao refinamento do produto ou serviço, a capacidade de inovar da empresa, tanto em tecnologia quanto em processo ou modelos e a qualidade de prestação de serviços ou do seu produto final.
- Setores em declínio: Em geral são aqueles onde as organizações que passaram por crise, apresentam queda nas vendas e baixa incidência de prestação de serviços.

Tomar ciência das oportunidades e ameaças mais próximas, dá ao gestor competência para atingir os objetivos empresariais com mais prudência, ao analisar cada um dos itens citados tanto para ameaças quanto às oportunidades, a gerencia

consegue entender como funciona sua indústria específica e também sua rede de suprimentos.

ANÁLISE MICROAMBIENTE INTERNO

A análise do ambiente Interno é a parte que trabalha, o estudo daquilo que interfere a empresa de dentro, estão comumente ligados à cultura organizacional, à gestão de processos ou aos colaboradores. De acordo com Oliveira e Santos (2022) *“O microambiente interno articula a maneira como a empresa vai funcionar a partir de seus recursos e capacidades internas, que são fonte de vantagem competitiva.”*

Recursos são tudo e todos que estão disponíveis para realizar a atividade empresarial. É através do estudo desses recursos que o gestor ou líder toma conhecimento daquilo que se tem para alcançar determinado objetivo. (BARNEY E HESTERLY 2018).

Capacidades são a parte dos recursos empresariais, que permitem à organização ter aproveitamento total outros tipos de recursos para implementação de estratégias. *“Capacidades constituem um subconjunto dos recursos de uma empresa e são definidos pelos ativos tangíveis e intangíveis que permitem à empresa aproveitar por completos os recursos que controla.”* (BARNEY E HESTERLY, 2018 p.64)

As capacidades estão ligadas às competências, ou seja, ao controle dos recursos, é através da análise das capacidades que o gestor absorve conhecimentos daquilo que pode usar para aproveitar melhor seus recursos. (OLIVEIRA E SANTOS, 2021)

Segundo Oliveira e Santos (2021 p.74), “os recursos e capacidades internas de uma empresa contemplam recursos materiais, recursos humanos, recursos tecnológicos e recursos financeiros”.

Os recursos materiais, são tangíveis que permitem realização da atividade empresarial como ferramentas, insumos, EPI 's, os recursos humanos são todas as pessoas que são parte da organização e participam da operação empresarial, recursos tecnológicos, podem ser tangíveis ou não, faz referência à toda tecnologia usada para realização da atividade realizada pela empresa e os recursos financeiros

são as receitas, os lucros, toda movimentação financeira. (OLIVEIRA E SANTOS, 2021)

TOMADA DE DECISÃO

A tomada de decisão é um elemento fundamental para o sucesso organizacional, desempenhando um papel crucial em todos os níveis organizacionais. As decisões empresariais eficazes englobam a análise cautelosa de informações, consideração de riscos e considerar diversos fatores presentes em todo ambiente de negócios. TORRES JUNIOR E MOURA (2017 p.18) afirmam que:

“Decidir é um dos atos humanos que realizamos tantas vezes ao dia, muitas vezes sem nos darmos conta de estamos decidindo - desde decisões simples e com consequências triviais até casos que pela complexidade, traduzem momentos marcante na vida e interferem no sono e qualidade de vida.”
(TORRES JUNIOR; MOURA, 2017 p.18).

Tomar decisão é escolher entre duas ou mais alternativas para resolução de uma determinada situação, que podem ser simples com pequenos e reflexos, ou complexas com grandes consequências ou reações inesperadas.

No contexto empresarial, podemos tratar a decisão como a atitude que vai permitir que outras coisas ocorram e que recursos sejam alocados em prol do objetivo organizacional, e as decisões geralmente não podem ser estornadas, ou seja, não é possível desfazê-las, quando tomada, gera reflexos que só podem ser remediados, mas que não podem ser revertidos. **(TORRES JUNIOR E MOURA, 2017)**

PROCESSO DECISÓRIO

O processo decisório é corriqueiro no cotidiano empresarial, levando a todo momento colaboradores a realizar análises e investigações para tomar uma escolha e um caminho de ação entre poucas ou muitas opções em variados cenários. (PREVE; MORTIZ E PEREIRA, 2012)

Como tratam-se de ações irreversíveis é de suma importância a análise minuciosa de todo processo decisório baseando-se em uma estrutura de etapas que

envolvam compreender o problema ou oportunidade, criar alternativas e avaliá-las e suas fases de implementação. “A boa decisão é resultado da qualidade de todo processo racional, que pode ser repetido e trará os mesmos resultados de análise nas mesmas condições consideradas”. (TORRES JUNIOR; MOURA 2017 p.36).

Existe para descrever o processo decisório, um modelo básico que se refere ao processo de entender o problema ou a oportunidade (1), estabelecer critérios de decisão (2), criar alternativas que obedeçam a etapa anterior (3), coletar informações (4), avaliar alternativas (5), escolher e implementar e por fim, acompanhar os resultados (6). (TORRES JUNIOR; MOURA 2017)

PROCESSO DECISÓRIO	
Entender o problema	1
Estabelecer critérios	2
Criar alternativas	3
Coletar informações	4
Avaliar alternativas	5
Escolher e implementar	6
Acompanhar resultados	7

Entender o problema trata especificamente da compreensão no cenário de inserção e todos os fatores que podem interferir na tomada de decisão, estabelecer critérios é avaliar as importâncias que vão influenciar cada decisão, criar alternativas é a etapa que trata a geração de propostas a serem decididas, coletar informações é a atividade que prevê a reunião de tudo que é importante para a tomada de decisão, como informações de mercado, relatórios de vendas entre outro, avaliar alternativas é a parte do processo que descreve a análise crítica das opções expostas e das informações recolhidas, escolher e implementar e acompanhar resultados representam a hora de tomar a decisão e acompanhar os resultados. (TORRES JUNIOR; MOURA 2017)

Devido à complexidade do processo de tomada de decisão, é necessário que o tomador de decisão busque analisar de forma crítica as condições ambientais que levam às tomadas de decisão e que podem afetar a competitividade empresarial. (TORRES JUNIOR; MOURA 2017 p.23) concordam que:

“Portanto, conhecer a organização, suas limitações, políticas, seus valores e missão é outro dos aspectos que irão completar a contextualização para se tomar uma decisão de qualidade”. (TORRES JUNIOR; MOURA 2017 p.23)

FERRAMENTAS DE GESTÃO PARA ANÁLISE DE MERCADO E TOMADA DE DECISÃO.

Análise PESTEL

A análise PESTEL ou PESTAL contempla uma avaliação crítica dos fatores do macroambiente que podem impactar as operações da organização. De acordo com COIMBRA (2022 p. 31) *“a análise PESTEL abrange a avaliação minuciosa dos fatores políticos, econômicos, sociais, tecnológicos, ambientais e legais que podem exercer influência sobre a empresa”*. Oliveira e Santos (2018 p. 83), concordam que:

[...] esse modelo permite uma completa investigação de todas as categorias dinâmicas do ambiente externo de negócio que estão em constante evolução, considerando aspectos políticos, econômicos, sociais, tecnológicos, ambientais e legais”. - OLIVEIRA E SANTOS (2018 p.83)

P	E	S	T	A	L
Fatores políticos	Fatores Sociais	Fatores socioeconômicos	Fatores tecnológicos	Fatores ambientais	Fatores legais
Políticas governamentais	Economia local	taxa de crescimento	novas tecnologias	sustentabilidade	legislação em vigor

A ferramenta contempla todos os fatores que podem influenciar a empresa no macroambiente, e deverá fornecer informações conclusivas sobre o comportamento atual do mercado.

Análise SWOT

A análise SWOT, a sigla, é resultado da abreviação das palavras em inglês Strengths (Força), Weaknesses (fraquezas), Opportunities (oportunidades) e Threats (ameaças). A matriz é resultado das análises ambientais identificando virtudes, pontos a melhorar da organização, ameaças e oportunidades no ambiente de negócios. A ferramenta traz uma visão geral do Macroambiente e microambiente.

“É realizada a partir de uma matriz na qual as forças e fraquezas dizem respeito às análises do ambiente interno à organização e as oportunidades e ameaças se referem à análise do ambiente externo”. (OLIVEIRA E SANTOS, 2018 p.72)

Para COIMBRA (2022, p.32), *“essa análise oferece à organização a capacidade de discernir os seus pontos internos robustos e vulneráveis, bem como as oportunidades e ameaças externas que podem impactar seu desempenho”.*

É com a análise SWOT que as empresas podem identificar fatores externos e internos que contribuem para a competitividade empresarial baseado na análise de suas virtudes, dos seus pontos a melhor e no momento que o mercado se encontra.

ANÁLISE SWOT		
AMBIENTE INTERNO	FORÇAS	FRAQUEZAS
AMBIENTE EXTERNO	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS

O ambiente interno corresponde às forças e fraquezas, para as forças os gestores devem olhar para seus recursos e procurar entender aquilo que gera competitividade, aquilo que gera riqueza e diferenciação frente aos concorrentes. As fraquezas são a identificação de falhas em processos, treinamentos, atendimento, em suma é aquilo que vem de dentro e faz com que a empresa perca competitividade ou não consiga aproveitar recursos.

O Ambiente externo trata a avaliação de oportunidades e ameaças impostas pela indústria onde a empresa está inserida, e concebe a análise de todos os fatores que podem influenciar a atividade empresarial.

Carta de Tendência

A ferramenta consiste em uma representação gráfica de uma variável, mostrando suas quedas e elevações em função do tempo ou de outra variável. (SOUSA E SOUZA 2019)

A representação auxilia gestores a entender o comportamento de variáveis, podendo auxiliá-lo em previsões sobre como o ambiente de negócios irá reagir sobre determinado cenário. “O gráfico de tendência é muito importante para avaliar como um determinado elemento se comporta ao longo do tempo em relação a outro elemento também analisado”. (SOUSA E SOUZA, 2019 p. 113)

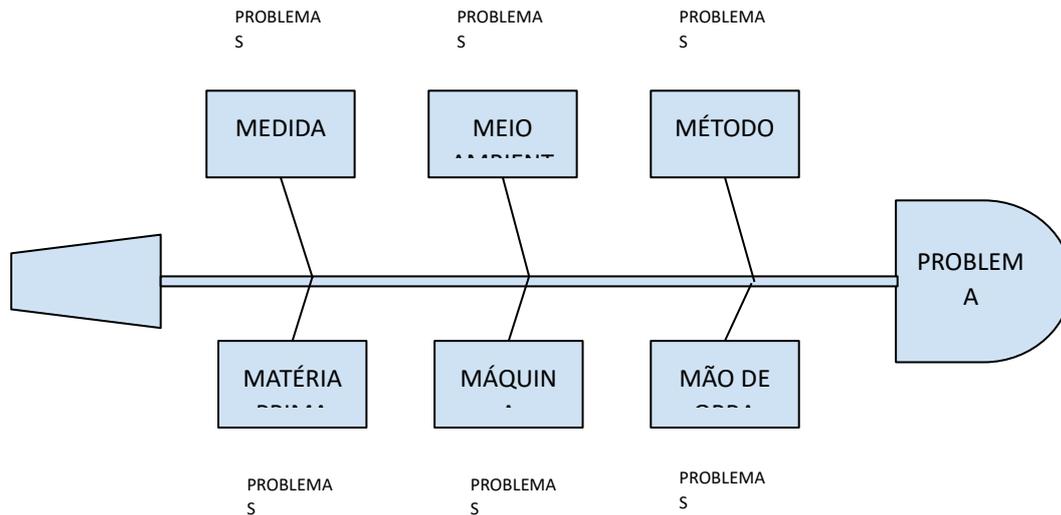


Diagrama de Ishikawa

Também conhecido como diagrama de causa e efeito, recebe o nome em homenagem ao seu criador Kaoru Ishikawa e tem por objetivo estudar os efeitos conhecidos de determinados problemas a fim de trazer luz à raiz do problema. (SOUZA, 2021)

Com o Diagrama de causa e efeito você deverá ser capaz de descobrir a raiz de determinado problema, fazendo a análise de suas causas principais e secundárias. Souza (2021, p.9) afirma que “o diagrama foi criado com intuito de analisar as causas primárias e secundárias de um determinado problema através do método 6M 's ou suas variantes”.

A técnica dos seis 6 M's, caracteriza-se pela análise das causas primárias, descritas na espinha do peixe, sendo elas, Meio Ambiente, Método, Medida, Mão de Obra, Máquina e Matéria prima.



Em Método, o gestor deverá analisar os métodos de produtivos utilizados no processo de realização da atividade empresarial. A análise do meio ambiente é a percepção ambiental no qual se realiza a atividade. Máquina é aquilo com que se produz o trabalho ou serviço estão ligadas às tecnologias aplicadas ao trabalho, Matéria Prima, está relacionada aos recursos materiais, e é aquilo que se utiliza desenvolvimento, confecção ou produção do produto ou serviço. A mão de obra está relacionada aos recursos humanos e é a força de trabalho que se detém para realização do objetivo empresarial. Medidas são os indicadores, tudo aquilo se usa para realizar a aferência da produtividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Empresas estão inseridas em um ambiente altamente competitivo, a todo momento surgem novos cenários movidos por diversos fatores que influenciam positivamente ou negativamente as organizações. Para que seja alcançado o sucesso organizacional é preciso realizar uma análise crítica e profunda sobre a indústria em que se opera, sobre a cadeia de suprimentos que define o microambiente externo e sobre as capacidades e recursos que a empresa dispõe para realizar seus objetivos.

O estudo do Ambiente de negócios e de seus fatores, é o que vai permitir que haja mais clareza sobre o mercado onde se realiza a atividade empresarial. O Ambiente externo trará esclarecimentos sobre todos os elementos que exercem influência às operações empresariais fora dela, ele fará a análise segundo uma visão macroeconômica do mercado. O Microambiente externo determina o estudo limitado do macroambiente, neste por sua vez, será realizado o estudo daquilo que influencia a empresa por perto como clientes, concorrentes entre outros. No microambiente, atentem se os recursos e as capacidades que a empresa dispõe para realizar suas competências. A tomada de decisão é a todo momento influenciada por variáveis que ensaiam os mais variados contextos, o processo decisório se inicia com o entendimento de determinado problema ou oportunidade e tem fim em sua fase de análise, contudo em todos ou seus estágios o gestor é levado a analisar fatores influentes para ação e analisa lös em busca da melhor solução para o problema ou do melhor aproveitamento de oportunidades.

Para trilhar o rumo do sucesso empresarial, o administrador deverá fazer uso de ferramentas de gestão, a análise PESTAL, e SWOT, as cartas de tendência e o diagrama de ISHIKAWA compõem algumas de muitas ferramentas de gestão que podem ser utilizadas à identificação de problemas, ameaças e oportunidades, forças e fraquezas. O uso dessas ferramentas permitirá ao gestor tomar conhecimento dos ambientes que o cerca, com fim de prepará-lo para os desafios elencados nos mais diversos cenários que compõem o Ambiente de Negócios.

REFERÊNCIAS

BARNEY, Jay B – “Administração estratégica e vantagens competitivas: conceitos e casos” – Ebook – 5 Edição - Editora Pearsons - 2018

CHIAVENATO, Idalberto – “Fundamentos da Administração” – Ebook – 2 Edição – Ediatora Atlas – 2021

COIMBRA, Domingos – “Gestão Estratégica: Formular e implementar estratégias, analisar ambiente competitivo e tomar decisões estratégicas (Administração: A ciência de gerenciar recursos” – Ebook Kindle – 2022

MORTIZ, Gilberto de Oliveira – “Organização, Processos e Tomada de Decisão” – 2 ed – reemp. – Florianópolis: Departamento de Ciências e Administração – UFSC : CAPES: UAB – 2012

OLIVEIRA, Alessandra Cavalcante – “Estratégia empresarial e análise de ambientes de negócios (Serie Universitária)” – Ebook Kindle - 1 edição - Editora Senac São Paulo - 2022

PEREIRA, Mauricio Fernandes – “Organização, Processos e Tomada de Decisão” – 2 ed – reemp. – Florianópolis: Departamento de Ciências e Administração – UFSC : CAPES: UAB – 2012

PREVE, Altamiro Damian – “Organização, Processos e Tomada de Decisão” – 2 ed – reemp. – Florianópolis: Departamento de Ciências e Administração – UFSC : CAPES: UAB – 2012

SANTOS, Eliane Ferreira – “Estratégia empresarial e análise de ambientes de negócios (Serie Universitária)” – Ebook Kindle - 1 edição - Editora Senac São Paulo – 2022

SOUSA, Leoto Barbosa – “50 Ferramentas de Gestão: Diagnosticar e resolver problemas” – Ebook Kindle – 2 edição – 2019

SOUZA, José Orlando de Lima – “Diagrama de Ishikawa: Diagnosticar e resolver problemas (Ferramentas de Gestão)” – Ebook Kindle - 1 edição – 2021

SOUZA, José Orlando de Lima – “50 Ferramentas de Gestão: Diagnosticar e resolver problemas” – Ebook Kindle – 2 edição – 2019

LINKS DE ACESSO

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – “O que é e por que analisar o ambiente de negócios” – 2022 - Disponível em:

<https://www.sebrae-sc.com.br/blog/o-que-e-e-por-que-analisar-o-ambiente-de-negocios#:~:text=Analisar%20o%20ambiente%20de%20neg%C3%B3cios%20%C3%A9%20conhecer%20o%20mundo%20dentro,lucrativa%20e%20que%20evolui%20constantemente.> – Último acesso realizado em 15-11-2023 às 22 : 15

A DEPRESSÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO: A EMPRESA DE HOJE A ANTESSALA DA DEPRESSÃO DE AMANHÃ.

Ribeiro, Fredy Henrique de Moraes

Pacheco, Simone

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar os principais fatores que podem contribuir para que os funcionários das organizações venham a desenvolver depressão em decorrência do ambiente de trabalho. De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde o Brasil é país com o maior número de pessoas ansiosas, e aponta que uma em cada quatro brasileiros sofrerá com algum transtorno na vida. A prevenção é o melhor caminho para evitar que as organizações se tornem grandes propiciadoras de pessoas com transtornos. Esta pesquisa busca responder como a promoção da saúde como dispositivo estratégico para a gestão de pessoas pode influenciar na qualidade de vida dos trabalhadores. Tendo como objetivos gerais reconhecer a importância da gestão de pessoas no ambiente organizacional como uma ferramenta para prevenção da depressão no funcionário. Sendo os objetivos específicos: identificar a diferença entre depressão e tristeza, avaliar as técnicas de gestão que podem ser aplicadas, conhecer os tipos de motivação e os seus benefícios. Este trabalho pretende demonstrar como a empresa que não sabe fazer a gestão de pessoas pode propiciar que seus funcionários sejam os pacientes de amanhã. Como metodologia para desenvolver esta pesquisa será realizada revisão bibliográfica em livros, artigos acadêmicos e sites acadêmicos. Como resultados desta pesquisa, pretende-se demonstrar que a gestão de pessoas pode se tornar uma ferramenta de motivação dentro das organizações, proporcionando a prevenção de doenças como a depressão.

PALAVRAS CHAVES: Depressão; Gestão; Pessoas; Organização; Saúde.

Introdução

Os dados do Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que o Brasil é o país com o maior número de pessoas ansiosas chegando a 9,3% da população, foi realizado um estudo que alerta que a saúde mental do brasileiro é algo preocupante, esta pesquisa demonstra que 1 (um) em cada 4(quatro) brasileiros terão algum transtorno mental ao longo da sua vida. De acordo com a Associação Brasileira de

Psiquiatria e Vital Strategis, o mundo tem enfrentado uma nova pandemia, mas desta vez é da saúde mental.

Com base nos dados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), os afastamentos do trabalho aumentaram substancialmente entre os anos de 2015 e 2020 devido a problemas de doenças mentais. Em 2015 as análises justificaram 170.830 afastamentos, já em 2020 foram justificados 289.677 afastamentos, um aumento de 69,57%.

Em 2023 a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) publicaram as novas diretrizes sobre a saúde mental no trabalho. Estima-se que 12 bilhões de dias são perdidos anualmente devido a depressão e a ansiedade.

Em novembro de 2023 o Ministério da Saúde do Brasil, atualizou a lista de doenças relacionadas ao trabalho após 24 anos. Foram acrescentados 165 novas patologias, doenças que causam danos à integridade física ou mental do trabalhador: Covid-19, doenças de saúde mental, distúrbios musculoesqueléticos e outros tipos de cânceres foram inseridos na lista.

Uma das doenças mentais mais diagnosticadas e que ficou em maior evidência é a síndrome de burnout, de acordo com dados da Associação Nacional de Medicina do Trabalho (Anamt), 30% da população brasileira sofre com a doença, de acordo com um estudo da International Stress Management Association (Isma) revela que o Brasil ocupa o segundo lugar em número de casos diagnosticados, superado apenas pelo Japão, onde 70% da população é afetada pelo problema. A síndrome de burnout, uma doença ocupacional reconhecida e classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2022.

A saúde mental é algo muito importante e tem acometido milhares de pessoas todos os anos, no Brasil este caso tem sido ainda mais grave pois o país ocupa a 1ª posição no ranking de países com número de pessoas ansiosas, chegando em 9,3% da população. Este ainda é um tema sensível pois doenças mentais em muitas das vezes demora aparecer algum sintoma e isso impede que muitas pessoas consigam se cuidar a tempo, e as empresas precisam prevenir estes afastamentos através do cuidado da saúde de seus funcionários.

O gestor que sabe gerir com qualidade a sua equipe ele consegue o sucesso pessoal e profissional, uma equipe adoecida e desmotivada é a receita para o fracasso de qualquer empreendimento (FARAH,BRUNO,2016).

Este trabalho tem como objetivo analisar os principais fatores que podem contribuir para que os funcionários das organizações venham a desenvolver depressão em decorrência do ambiente de trabalho.

Trazendo como objetivos gerais reconhecer a importância da gestão de pessoas no ambiente organizacional como uma ferramenta para prevenção da depressão no funcionário, e os objetivos específicos: identificar a diferença entre depressão e tristeza, avaliar as técnicas de gestão que podem ser aplicadas, conhecer os tipos de motivação e os seus benefícios. Como metodologia para desenvolver esta pesquisa será realizado revisão bibliográfica em livros, artigos acadêmicos e sites acadêmicos.

A estrutura do trabalho será desenvolvida em três capítulos: o primeiro capítulo abordará a diferença entre tristeza e depressão, o segundo capítulo abordará os tipos de doenças mentais que podem ser ocasionadas em decorrência do trabalho e o terceiro e último capítulo abordará a importância da prevenção e gestão de pessoas.

TRISTEZA VERSUS DEPRESSÃO

De acordo com o dicionário on-line de português depressão significa “ação ou efeito de deprimir, de se abater física ou moralmente”. Na psicologia depressão significa “doença psiquiátrica, de origem crônica, que causa alterações de humor, definida por uma tristeza intensa e permanente, agregada à dor, à desesperança, à culpa etc., com ou sem razão aparente. De acordo com o dicionário depressão vem do latim “depressio” de *deprimere*, que significa “apertar firmemente”, “para baixo”.

No início, o termo depressão era usado para designar sintomas ou caracterizar estados mentais, sendo que a doença era chamada de melancolia, termo criado há mais de 25 séculos. No século XX, em 1995, a depressão passou a ser considerada uma doença ou transtorno afetivo ou de humor.

De acordo com o dicionário on-line de português tristeza significa “sentimento que se define pela falta de alegria, de contentamento; melancolia”.

Em muitos momentos vemos pessoas que estão passando por depressão e ouve de muitas que isso é falta de serviço, falta de Deus, que é somente fazerem algo que isso vai mudar, mas na verdade, muitos não entendem que depressão é uma doença e que como todas as outras precisa de cuidado e de tratamento.

A tristeza é por um momento, quando essa tristeza se torna diária por um longo período ela pode se transformar em uma depressão.

Quando se analisa a tristeza no olhar da psicanálise é uma fase que todo o ser humano vai passar diversas vezes durante a sua vida. A tristeza pode ser um momento que acaba criando oportunidades de mudanças em padrões habituais tornando-se geralmente uma oportunidade de crescimento. Porém quando essa fase permanece ela acaba anestesiando essa oportunidade de crescimento, levando a problemas necessários (FREUD,1917).

Uma planta durante a sua existência por diversas vezes ela precisa ser podada para que possa continuar crescendo e tendo força, ela precisa da poda porque existem folhas e raízes que de vez ajudar ela a se desenvolver estão na verdade levando ela a morte. Se essas folhas e raízes permanecerem, a planta toda vai morrer. Assim é a relação da tristeza e da depressão, por diversos momentos o ser humano precisa passar por podas pois são acontecimentos que se não utilizarmos como oportunidade pode matar a pessoa.

“Perda, tristeza e luto são indissociáveis, em toda escolha há perda, em toda transição há luto”(FARAH,,2016).

Em nossa atual sociedade, não se tem lugar para a tristeza, muitas pessoas dizem porque você está triste? Você tem tudo que precisa. Mas não entendem que a tristeza faz parte da vida das pessoas, o que não se pode é ter somente momentos tristes pois isso se torna uma depressão. Só damos valor em algo quando perdemos. Só damos importância à felicidade porque ela não é constante. Só damos valor para a luz porque existe escuridão, só podemos nos importar com a nossa saúde porque existe momentos de doença. Nada em nossa vida é uma constante, sempre tem altos e baixos, a necessidade é sabermos como equilibrar estes momentos.

Wolpert (2000) refere-se a depressão como uma tristeza maligna, fazendo uma analogia com o câncer que é o crescimento de uma célula que ficou fora de controle.

Desta forma nem toda tristeza é uma depressão, mas toda tristeza que fica fora de controle pode se transformar em depressão.

Os estudos já clássicos de Leighton (1959) e seus colaboradores na década de 60 do século passado comprovaram que, para todas as faixas etárias, as taxas de depressão e outros transtornos mentais foram maiores em comunidades socialmente desintegradas, correlacionando a qualidade do funcionamento geral da comunidade e o nível geral de psicopatologia. Julia Kristeva, escritora e psicanalista, em entrevista a Dominique-Antoine Grisoni, em 1987, para a Magazine Littéraire (e republicada em novembro de 2005), se pergunta: “Se a melancolia é de novo o ‘mal do século’, se o número de depressões aumenta, isso não se passa em um contexto social onde os laços simbólicos estão rompidos?” (KRISTEVA, 2005) Diz ainda: Nós vivemos uma fragmentação do tecido social que não oferece qualquer segurança, mas ao contrário, uma incitação à fragmentação da identidade psíquica que vivencia o deprimido.

Os avanços tecnológicos fazem parte do contexto de mudanças do mundo atual e incide sobre a crescente fragmentação do trabalho executado pelos trabalhadores correm de maneira intensa e que os trabalhadores, apesar de se manterem inseridos no processo de produção, vão se desqualificando aos poucos, ficando mais vulneráveis ao desemprego, no atual contexto tecnológico, há uma maior cisão entre a concepção do trabalho e sua execução, com o que o trabalho torna-se fragmentado e repetitivo (LEITE, 1994).

Entende-se que essa fragmentação das atividades do trabalhador em seu ambiente de trabalho pode trazer prejuízos a sua vida psíquica, visto que, com o desenvolvimento repetitivo das suas atividades, o trabalhador fica desprovido de atividade intelectual para a realização do mesmo. Essa relação desarmoniosa entre a organização racional do trabalho e a estrutura da personalidade pode gerar insatisfação e, por conseqüência, sofrimento mental.

A pessoa em estado de depressão encontra dificuldade em lidar com as diversas pressões decorrentes de metas, compromissos e prazos, o que acaba afetando seu desempenho no trabalho. Como resultado, seu comportamento no ambiente profissional se torna indesejado, muitas vezes levando-o a ser considerado dispensável. Dessa forma, ele se junta àqueles incapazes de atender às demandas impostas pela dinâmica atual do trabalho.

DOENÇAS MENTAIS OCASIONADAS PELO TRABALHO

Os trabalhadores reconhecem que a depressão só é considerada uma condição médica quando os sentimentos associados são diagnosticados como uma doença que requer intervenção medicamentosa. Essa compreensão levanta questões sobre a validade da doença, que precisa ser comprovada e diagnosticada para dissipar dúvidas sobre o sofrimento real da pessoa. Quando se trata de condições psicológicas, como a depressão, o diagnóstico é discutido, mas permanece principalmente no domínio subjetivo, pois não pode ser observado diretamente. A depressão é um estado sentido diariamente por muitos, mas é difícil de explicar para aqueles que a vivenciam e também difícil de compreender para quem ouve os relatos, devido à sua natureza invisível. A dificuldade em entender e aceitar socialmente a depressão pode ser atribuída à sua natureza invisível, semelhante a outras doenças mentais.

Acioli (2002) observa que, ao longo da história e em diferentes culturas, as doenças mentais provocaram sentimentos de estranheza, levando as sociedades a adotarem posições variadas, ora negando sua existência, ora reconhecendo uma grande lacuna entre o que é considerado normal e o que é rotulado como doença. As doenças mentais são expressões particulares da condição humana, intrinsecamente ligadas às experiências sociais em que surgem. Elas refletem principalmente dificuldades nas relações com o ambiente circundante. De acordo com Acioli (2000), estima-se que mais de um bilhão e meio de pessoas em todo o mundo estejam atualmente sofrendo de algum transtorno mental ou comportamental.

Del Porto (1999) destaca que o termo "depressão", quando considerado como uma condição médica, tem sido classificado de várias maneiras, dependendo do contexto histórico, das perspectivas dos diferentes autores e de suas preferências. Entre os quadros mencionados na literatura contemporânea relacionados à depressão (DSM-IV, CID-10), incluem-se: "transtorno depressivo maior, melancolia, distimia, depressão como parte do transtorno bipolar tipo I e II, depressão como parte da ciclotimia [...]"

Em 2023 a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) publicaram as novas diretrizes sobre a saúde mental no trabalho. Estima-se que 12 bilhões de dias são perdidos anualmente devido a depressão e a ansiedade.

O local do trabalho pode ser algo muito bom, mas ao mesmo tempo pode ser o desencadeador de muitas doenças mentais, os dados vem demonstrando que as doenças mentais tem sido um dos maiores motivos de afastamento do trabalho de acordo com o Instituto Nacional de Seguridade Social.

A sensação de vazio, a falta de significado na existência e a exaustão são os casos mais sérios, que podem levar a angústias e a tentativas de suicídio. Outro aspecto crucial da depressão é a falta de comunicação da patologia que a pessoa cometida apresenta (JARDIM,2011).

Uma das principais dificuldades desses elementos é estabelecer a conexão entre o trabalho e as enfermidades, ou seja, estabelecer a conexão entre transtornos mentais e comportamentos, com suas consequências tanto para o ser humano quanto para as organizações. Outra dificuldade é identificar as circunstâncias laborais que estão contribuindo para o surgimento e agravamento dessas patologias (SILVA,2009).

A depressão no ambiente de trabalho é uma questão séria que afeta tanto a saúde mental quanto o desempenho profissional dos indivíduos. Aqui estão alguns aspectos importantes a serem considerados:

- **Impacto na Produtividade:** A depressão pode afetar negativamente a concentração, o foco, a energia e a motivação no trabalho, o que pode resultar em uma diminuição da produtividade e da qualidade do trabalho.
- **Absenteísmo e Presenteísmo:** Pessoas com depressão podem faltar ao trabalho com mais frequência devido a sintomas físicos e mentais, ou podem estar presentes fisicamente, mas com baixo desempenho devido à falta de concentração e energia.
- **Relacionamentos Interpessoais:** A depressão pode impactar negativamente os relacionamentos no local de trabalho, causando conflitos com colegas, supervisores e clientes devido a mudanças de humor, irritabilidade ou isolamento social.

- **Tomada de Decisão:** A depressão pode dificultar a capacidade de tomar decisões e resolver problemas de forma eficaz, o que pode prejudicar a tomada de decisões no trabalho e levar a erros.
- **Autoestima e Confiança:** Pessoas com depressão podem ter uma baixa autoestima e falta de confiança em suas habilidades, o que pode prejudicar seu desempenho no trabalho e sua capacidade de buscar oportunidades de desenvolvimento profissional.
- **Ambiente de Trabalho Tóxico:** Um ambiente de trabalho estressante, com alta pressão, falta de apoio e comunicação inadequada, pode contribuir para o desenvolvimento ou agravamento da depressão nos funcionários.
- **Estigma e Discriminação:** O estigma em torno da saúde mental pode levar à discriminação no local de trabalho, tornando mais difícil para as pessoas com depressão buscarem ajuda ou se sentirem apoiadas.

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), os riscos à saúde mental devem ser identificados e gerenciados da mesma forma lógica e sistemática que os demais riscos à saúde e à segurança no local de trabalho “O reconhecimento por parte dos empregadores e dos trabalhadores da relação entre o trabalho e o adoecimento mental é o primeiro passo para a melhoria dos ambientes e processos, resultando na prevenção destes agravos e na promoção da saúde do trabalhador” (BRASIL, 2017).

PRINCIPAIS DOENÇAS MENTAIS CAUSADAS PELO TRABALHO

Depressão

Com aproximadamente 12 milhões de brasileiros diagnosticados com depressão, não é de se admirar que um número significativo de profissionais com doenças mentais relacionadas ao trabalho tenha que lidar com esse transtorno. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o Brasil tem o maior índice de depressão entre as populações latino-americanas. Aproximadamente 5,8% dos residentes sofrem desta doença.

Além disso, os transtornos mentais têm surgido como uma das principais causas de absenteísmo, sendo a depressão uma das principais causas. A causa desse transtorno requer investigação e tratamento individual, mas é inegável que o

excesso de tarefas, a cobrança excessiva dos superiores e o assédio moral são causas de depressão no trabalho.

ESTRESSE OCUPACIONAL

Além da depressão, colocar demasiadas exigências em equipes cada vez mais reduzidas pode levar ao chamado estresse ocupacional, outra doença mental relacionada com o trabalho. Será a sua incidência inúmeras vezes superior à da depressão corporativa. Pesquisas mostram que pelo menos 70% dos brasileiros, são afetados pelo estresse no local de trabalho.

A tecnologia tornará a vida profissional mais simples, fácil e ágil. Então, será mais fácil para as pessoas realizarem tarefas. Não foi provado que esteja completamente correto. Embora a produtividade tenha aumentado nos últimos anos, ter ferramentas de trabalho disponíveis em qualquer lugar também teve impacto na vida pessoal e na saúde mental dos funcionários.

O resultado é uma maior sensação de ansiedade e urgência na hora de resolver problemas pendentes, mesmo quando você deveria estar descansando e relaxando. Portanto, não surpreende que o índice de estresse ocupacional seja maior entre a população.

SÍNDROME DE BURNOUT

A síndrome de burnout é um problema de saúde mental resultante da exposição crônica ao estresse laboral. É caracterizada por estresse físico e emocional, despersonalização (sentimentos de cinismo e distanciamento no trabalho) e uma diminuição no desempenho laboral. Pode afetar qualquer pessoa que tenha experiência laboral crônica, mas é mais comum em profissões que envolvem grande carga emocional, como atenção médica, treinamento ou serviços de emergência.

Os sintomas da síndrome de burnout podem incluir fadiga persistente, dificuldade de concentração, irritabilidade, mudanças no apetite ou nos hábitos de sono, dores de cabeça e problemas de saúde física. É importante abordar a síndrome

de burnout de forma temporária, pois pode ter consequências graves para a saúde física e mental se você deixar de tratar.

Para lidar com a depressão no ambiente de trabalho, é importante promover uma cultura organizacional que valorize a saúde mental, oferecendo apoio e recursos aos funcionários, como programas de assistência ao empregado, acesso a serviços de saúde mental, treinamento de sensibilização e redução do estigma, e políticas de trabalho flexíveis que permitam aos funcionários buscar tratamento e cuidar de sua saúde mental. Além disso, é fundamental que os gestores estejam atentos aos sinais de depressão entre os membros da equipe e ofereçam apoio e encaminhamento adequados quando necessário.

PREVENÇÃO E GESTÃO DE PESSOAS

A importância dos gestores em prevenir doenças mentais no ambiente de trabalho e em realizar uma gestão eficaz de pessoas é crucial para o bem-estar dos funcionários e o sucesso geral da empresa. Os gestores desempenham um papel vital na promoção de um ambiente de trabalho saudável e de apoio emocional. Isso envolve reconhecer e abordar os fatores de estresse no trabalho, fornecer recursos para lidar com pressões e promover um equilíbrio saudável entre vida pessoal e profissional.

Funcionários com boa saúde mental tendem a ser mais engajados, produtivos e inovadores. Uma gestão eficaz de pessoas que inclua apoio emocional pode ajudar a reduzir o absenteísmo, aumentar a retenção de funcionários e melhorar o desempenho geral da equipe.

A criação de uma cultura que valorize o bem-estar dos funcionários e promova a abertura sobre questões de saúde mental. Isso pode incluir a implementação de programas de apoio, treinamento em habilidades de gestão de estresse e a promoção de conversas abertas sobre saúde mental no local de trabalho.

A gestão de pessoas eficaz também envolve combater o estigma em torno das doenças mentais. Os gestores podem desempenhar um papel importante ao promover uma cultura de compreensão, empatia e apoio mútuo, onde os funcionários se sintam confortáveis em buscar ajuda quando necessário.

Em muitas jurisdições, os empregadores têm a responsabilidade legal de garantir um ambiente de trabalho seguro e saudável para seus funcionários, o que inclui cuidar da saúde mental. Além disso, há uma crescente conscientização sobre a importância da responsabilidade ética das empresas em relação ao bem-estar dos funcionários.

Em resumo, os gestores desempenham um papel crucial na prevenção de doenças mentais no trabalho e na promoção de uma cultura organizacional que valorize o bem-estar dos funcionários. Ao adotar uma abordagem proativa para a gestão de pessoas, os gestores podem não apenas proteger a saúde mental de seus funcionários, mas também promover um ambiente de trabalho mais produtivo, saudável e sustentável.

Algumas maneiras pelas quais os gestores podem desempenhar esse papel é contribuir para a prevenção:

- **Promover uma cultura de apoio:** Os gestores podem promover uma cultura que valorize o bem-estar mental, onde os funcionários se sintam à vontade para falar sobre suas preocupações sem medo de estigma ou retaliação. Isso envolve incentivar a abertura, a empatia e o suporte entre os membros da equipe.

- **Fornecer recursos e apoio:** Os gestores podem garantir que os funcionários tenham acesso a recursos e suporte adequados para lidar com o estresse e os desafios mentais no trabalho. Isso pode incluir programas de assistência ao funcionário, sessões de treinamento em habilidades de enfrentamento e acesso a serviços de aconselhamento.

- **Gerenciar a carga de trabalho:** Os gestores têm um papel importante em garantir que a carga de trabalho seja gerenciável para os funcionários, evitando sobrecarga e burnout. Isso pode envolver a distribuição equitativa de tarefas, o estabelecimento de metas realistas e o apoio na gestão do tempo.

- **Promover o equilíbrio entre vida pessoal e profissional:** Os gestores podem incentivar os funcionários a manter um equilíbrio saudável entre vida pessoal e profissional, respeitando os limites de tempo e incentivando o uso adequado de dias de folga e férias.

- **Oferecer programas de bem-estar:** Os gestores podem implementar programas de bem-estar que abordem aspectos físicos, mentais e emocionais da

saúde dos funcionários. Isso pode incluir atividades como yoga no local de trabalho, palestras sobre saúde mental e acesso a recursos de autocuidado.

- **Fomentar a comunicação aberta:** Os gestores devem estar abertos à comunicação e feedback dos funcionários sobre questões relacionadas ao estresse e à saúde mental. Isso pode envolver a realização de reuniões individuais regulares, onde os funcionários possam discutir suas preocupações de forma confidencial.

- **Fornecer treinamento em saúde mental:** Os gestores podem se capacitar através de treinamentos sobre saúde mental no local de trabalho, para reconhecer sinais precoces de estresse e transtornos mentais e saber como oferecer apoio adequado aos funcionários que estão enfrentando dificuldades.

Ao implementar essas práticas e políticas, os gestores podem desempenhar um papel significativo na prevenção de doenças mentais no trabalho e na promoção de um ambiente de trabalho saudável e solidário para todos os funcionários.

A PERSPECTIVA PRAGMÁTICA DA CULTURA ORGANIZACIONAL

Na prática, a resposta aos desafios emocionais nas organizações contemporâneas se dá por meio de intervenções e projetos que se baseiam na adaptação estritamente individual. No entanto, tanto a depressão contemporânea quanto o fenômeno do assédio moral, concebido como uma tecnologia de gestão paradoxalmente articulada (ARAÚJO, 2012), não são fenômenos individuais, mas sim coletivos. As intervenções pontuais, que visam ajudar os trabalhadores a lidar com as pressões do dia a dia, como "terapias antiestresse", e os projetos dedicados à gestão por competências, focados exclusivamente no "desenvolvimento pessoal", há anos têm mostrado não serem recursos adequados para combater a depressão nas organizações.

A depressão não é apenas um desconforto devido à falta de adaptação, mas sim uma manifestação da falta de sentido (CASTRO, 2015). Tanto o sofrimento quanto o sentido que atribuímos a ele são construções sociais (GAULEJAC, 2007; CASTRO, 2015), resultantes de práticas de compartilhamento e reconhecimento social.

Em outras palavras, a depressão é um sintoma social, com estatísticas alarmantes, e seu enfrentamento exige projetos organizacionais que levem em conta essa perspectiva social na criação de novos significados para o desconforto no trabalho. Somente assim podemos reverter a assimilação da autonomia e do sentimento de competência pelos ideais individualistas de independência e autossuficiência que alimentam as organizações contemporâneas, promovendo isolamento e dificultando as formas de compartilhamento no ambiente de trabalho (FARAH,2016).

Quando afirmamos que as organizações atuais necessitam de um novo paradigma nas relações de trabalho, estamos trabalhando para abolir o poder paradoxal subjacente ao paradigma da eficácia produtiva atual. Esse poder gera violência e sofrimento ao combinar autonomia e dependência em discursos paradoxais, percebidos como aprisionadores pelos trabalhadores. Além disso, estamos nos esforçando para eliminar qualquer vestígio do paradigma disciplinar da autoridade tradicional que dominou a modernidade, tentando subjugar a autonomia da ação humana às exigências da dependência e obediência à disciplina imposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da depressão, por si só, é complexa e torna-se mais densa quando se busca entendê-la no ambiente de trabalho. Sabe-se que o país enfrenta dificuldades de toda ordem, seja no âmbito social, econômico ou educacional. Vivesse num contexto competitivo e conflituoso que atinge os trabalhadores, independentemente da área em que atuem.

O ambiente de trabalho hoje é um local de competição exigindo dos trabalhadores qualidades técnicas específicas, assim como qualidades inter-relacionais, para que possam competir na manutenção provisória do seu emprego. Além de poderem atender à demanda interna das instituições, os trabalhadores têm de dar conta de uma cobrança social exposta pelos meios de comunicação, os quais impõem o sucesso pessoal e profissional, de modo que as pessoas tendem a se sentir pressionadas e influenciadas na busca da máxima perfeição nas atividades.

Evidencia-se que a definição de depressão divulgada nos meios de comunicação de massa aumenta o conhecimento dos trabalhadores sobre questões relacionadas à depressão contribuindo para diminuir o estigma social da doença mental. Contudo, esse conhecimento adquirido, além de ter seu enfoque na doença, no biológico e na eficiência dos psicofármacos, torna normal a expressão dos sintomas depressivos assim como do uso excessivo de medicamentos para combater a tristeza ameaçadora. Acredita-se que o trabalhador que apresenta sintomas depressivos, ou que já possua um diagnóstico de depressão, não pode ser entendido isoladamente como uma pessoa problemática que poderá ficar bem caso receba uma medicação adequada. Ele não é somente um órgão doente, pois possui subjetividade e vivenciam a depressão na sua singularidade.

Além disso, ele faz parte de uma família, de uma comunidade, de uma cultura e de um contexto de trabalho que devem ser considerados de maneira efetiva e não apenas de modo complementar na interpretação do seu adoecimento.

Em conclusão, a depressão no ambiente de trabalho é um problema complexo que afeta não apenas o indivíduo, mas também a organização como um todo. É evidente que as abordagens tradicionais de gestão, baseadas na adaptação individual e na promoção exclusiva do desenvolvimento pessoal, têm se mostrado insuficientes para lidar com essa questão.

Para enfrentar eficazmente a depressão no local de trabalho, é crucial adotar uma abordagem mais holística e socialmente consciente. Isso envolve reconhecer a natureza coletiva dos desafios emocionais enfrentados pelos trabalhadores e implementar políticas e práticas organizacionais que promovam um ambiente de trabalho saudável, inclusivo e de apoio mútuo.

Além disso, é fundamental combater os estigmas associados à saúde mental, promover uma cultura de abertura e empatia, e fornecer recursos e suporte adequados para os funcionários que estão enfrentando dificuldades emocionais.

Ao adotar uma abordagem proativa e colaborativa, as organizações podem não apenas melhorar o bem-estar e a saúde mental de seus funcionários, mas também promover uma cultura de trabalho mais positiva e produtiva para todos.

REFERÊNCIAS

Acioli, A. (2002). Ética, direitos humanos e saúde mental. In: Simpósio Integração Psicologia Psiquiatria, III. 16 jun. 2000. João Pessoa, Paraíba. Disponível na world wide web: <<http://www.cegel.org.br/revista/etica.htm>

ARAUJO, A. Assédio moral organizacional. São Paulo: LTr, 2012.

BRASIL, 2017. Transtornos mentais são a 3º principal causa de afastamento do trabalho. Disponível em: <https://www.anamt.org.br/portal/2017/10/26/transtorno-mental-e-a-3a-causa-de-afastamentos-de-trabalho/>

BRASIL, 2023. CNS promoverá debate sobre a saúde do trabalhador. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2971-27-04-live-transtornos-mentais-e-adoecimento-no-ambiente-de-trabalho-como-enfrentar> Acesso em: 20 de abril de 2024.

CASTRO, F. Por uma transformação paradigmática no âmbito da Psicologia do Trabalho. Curitiba: Juruá Editora, 2015.

Del Porto, J. A. (1999). Conceito e diagnóstico. Revista Brasileira de Psiquiatria,

FARAH, Bruno. A Depressão no Ambiente de Trabalho: Prevenção e Gestão de Pessoas. São Paulo: LTr, 2016.

FREUD, S.A. Luto e melancolia. Rio de Janeiro: Imago, 1917

GAULEJAC, V. Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social: São Paulo: Ideias e Letras, 2007

JARDIM, Silva. Depressão e trabalho: ruptura de laço social. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/wxiGjFV4NSWw4kBTq33JRTF/?format=pdf&lang=pt>

KRISTEVA, J. Les abîmes de l'âme: depoimento. [out.- nov., 2005]. Entrevistador: Dominique-Antoine Grisoni. Paris: Le Magazine Littéraire

LEIGHTON, A. My name is legion. New York: Basic Books, 1959

Leite, M. P. (1994). O futuro de trabalho: novas tecnologias e subjetividade operária. São Paulo: Scritta

SILVA, Gonçalo.G.J. et.al. Considerações sobre o transtorno depressivo no trabalho. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/3WSwtHpr64LyvH8Xj7RSx8P/?format=pdf&lang=pt>

WOLPERT, Lewis. A Psicologia da Depressão. Editorial Presença, 2000

O LÚDICO NA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Zabin, Larissa Rodrigues Ricardo i
Vieira, Gilberto

RESUMO:

No que se refere à aprendizagem da matemática na Educação Infantil, a pesquisa tem por finalidade levar a aprendizagem significativa, durante o processo de aprendizagem os professores encontram desafios para a elaboração de atividades, podemos usar jogos, brincadeiras, brinquedos ou até mesmo instrumentos digitais para melhor compreensão do ensino de matemática, fazendo com que a criança pequena se interesse em realizar suas atividades brincando. O presente trabalho, por meio de uma revisão de literatura, tem por finalidade apontar possibilidades de jogos e brincadeiras que introduzam a criança na faixa de 4-5 anos no mundo e nas dimensões da matemática.

PALAVRAS – CHAVES: Aprendizagem - Jogos – Matemática - Ludicidade

INTRODUÇÃO

O lúdico é o brincar de forma intencional, brincar faz parte de toda a infância, a ludicidade deve unir-se para que haja uma concretização do aprendizado escolar, de maneira que o educador precisa estar sempre observando as habilidades desenvolvidas por elas, e as quais ainda precisam ser revistas e estimuladas em sala de aula. Para isso vamos utilizar artigos que provam essa prática

A brincadeira e os jogos foram criados para contribuir no espaço onde a função do brincar garante o reconhecimento da importância que favorece a brincadeira no meio da aprendizagem, como uma forma de desenvolver a imaginação e a vivência das relações através dos brinquedos, a criança aprende de acordo com o meio que está inserida (Feliciano, 2013 p.20 APUD Kishimoto 2002).

A ludicidade é o que faz a conexão entre as atividades e brincadeiras, de forma que elas não se separam, possibilitando o ensino e aprendizagem de forma prazerosa. Despertando o interesse nas realizações de atividades no ensino de matemática.

Podemos usar jogos, brincadeiras, brinquedos ou até mesmo instrumentos digitais para melhor compreensão do ensino de matemática.

Dado que a relação com o professor, com os colegas e demais interações sociais são fundamentais para esse processo, cabe ao educador fazer a ponte entre

os conteúdos, o lúdico e o compartilhamento de experiências entre os próprios alunos, na faixa etária de 4 a 5 anos e 11 meses, referida na BNCC (2018).

Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música; Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades; Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música (BNCC, 2018, p. 47).

Vivenciar diversas manifestações artísticas, culturais, científicas, locais e universais é fundamental desde o Ensino Infantil, pois é com base nessas manifestações que as crianças podem se expressar.

O presente artigo aborda o uso dos jogos de boliche, material dourado e jogos de trilha, na faixa de 4-5 anos, importante fase de desenvolvimento cognitivo e de habilidades motoras.

Para o desenvolvimento de tais abordagens, o artigo realiza-se por intermédio de uma revisão bibliográfica, onde o pensamento e pesquisa de especialistas da área se faz presente, além da utilização de documentos nacionais normativos, tal como a BNCC.

O LÚDICO NA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No que se refere à aprendizagem da matemática na Educação Infantil, a pesquisa tem por finalidade levar a aprendizagem significativa, que a compreensão acerca da problemática ocorra facilmente e de forma divertida. Diante de um problema nacional de baixos índices de aproveitamento em matemática, se faz necessário criar uma base para que o aluno tenha interesse em aprender matemática desde a educação infantil, nada melhor, portanto, que esse processo seja norteado pela ludicidade.

A faixa etária que vamos trabalhar no decorrer desse estudo 4 a 5 anos e 11 meses, referida na BNCC (2018).

Podendo ser alterado para outra faixa etária caso ocorra interesse da comunidade em aplicar o estudo aqui desenvolvidos.

Na educação Infantil, usamos o conceito Lúdico para nos referir a jogos, brincadeiras e qualquer exercício que trabalhe imaginação. O ambiente escolar não precisa ser algo mecânico, bancário onde o professor deposita apenas seu

conhecimento. Segundo Brighente apud Freire, 2005, p.68, “a concepção bancária de educação nega o diálogo, à medida que na prática pedagógica prevalecem”.

Nossa intenção é chamar atenção para o conhecimento, trazer clareza aos olhos de quem ver, prazer no desenvolver das atividades matemáticas, desmitificar que a matemática é chata, difícil e cansativa.

Para isso usamos a leveza e genialidade da Ludicidade, pois brincar é tudo que as crianças precisam no desenvolvimento infantil. A brincadeira exerce uma forte influência no desenvolvimento infantil uma vez que é utilizada pela criança, de um lado pela necessidade de ação e por outra para satisfazer suas impossibilidades de executar determinadas ações. No entanto, a brincadeira não é apenas uma atividade simbólica, uma vez que mesmo envolvendo situações imaginárias, ela baseia-se em regras de comportamento condizentes com aquilo que está sendo representado, o que fará com que a criança internalize regras da conduta, valores, modo de agir e de pensar de seu grupo social, que passará a orientar o seu comportamento e desenvolvimento cognitivo.

A LUDICIDADE NA PRÁTICA

Durante o processo de aprendizagem os educadores encontram desafios para a elaboração de atividades sendo elas, sondagem e desenvolver de práticas do cotidiano. Fazer com que a criança pequena se interesse em realizar algumas tarefas, como contar até 10, reconheça a letra inicial do seu nome, identifique a letra do nome do colega, essas práticas também são conhecidas como atividades permanentes, são afazeres diários, que se não feitos com sabedoria, caem na rotina e não seja tão prazeroso para crianças, pensando nisso entra a Ludicidade para a pratica desses afazeres diários.

O professor precisa ser atencioso no olhar para sua turma, isso é determinante para elaboração de atividades permanentes, como as que já citamos recentemente.

Avaliar se a criança está disposta a desenvolver as atividades propostas, pois pode acontecer situações que a criança irá recusar participar, isso também faz parte do desenvolvimento infantil.

A ludicidade nos traz a possibilidade de aulas mais prazerosas, uma chamada diferente, por exemplo que ao invés da criança apenas colocar a fixa com seu nome no lugar correto, ela pode brincar nesse momento.

A professora pode usar cantigas ou músicas da atualidade para faixa etária, tornando isso mais atrativo.

Assim, a ludicidade desperta o interesse nas realizações de atividades educacionais. A brincadeira faz parte da infância e, em específico no período entre 4 a 5 anos, brincar sempre é uma boa ideia. Por que não brincar para aprender?

Desenvolver práticas virtuosas por meio da ludicidade demandam uma rotina escolar bem estruturada.

Rotina escolar significa desenvolver o trabalho diário por meio de horários, tarefas pré-estabelecidas e atividades cotidianas organizadas da melhor forma possível nas instituições de ensino. O primeiro passo para estabelecer a rotina é ver a criança como um sujeito histórico e social, capaz de desenvolver suas curiosidades, afetos, sentimentos, amizades e sua identidade cultural.

A ideia central é que as atividades planejadas devem contar com a participação ativa das crianças garantindo às mesmas a construção das noções de tempo e de espaço, possibilitando-lhes a compreensão do modo como as situações são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais. (DIAS, 2010, p. 13).

A rotina, segundo Bilória e Metzner APUD Mantagute (2008), pode ser definida como uma categoria pedagógica utilizada nas instituições educativas para auxiliar o trabalho do educador, sobretudo, para garantir um atendimento de qualidade para as crianças. A autora complementa que a rotina também pode ser considerada uma forma de assegurar a tranquilidade do ambiente, uma vez que a repetição das ações cotidianas sinaliza às crianças cada situação do dia. Ou seja, a repetição de determinadas práticas dá estabilidade e segurança aos sujeitos. Saber que depois de determinada tarefa ocorrerá outra, diminui a ansiedade das pessoas, sejam elas grandes ou pequenas.

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

Brincar é um aspecto fundamental para o desenvolvimento infantil, é uma ferramenta para a construção da estrutura emocional e social, possibilita o

desenvolvimento motor, desperta a fala, criatividade, organiza o modo de ver o mundo da criança, que constrói sua história brincando. O ambiente que ela está inserida faz parte do cenário criativo da mesma.

As crianças estão aprendendo no parque, brincando com colegas, brinquedos entre tantos outros jogos é possível afirmar que a criança aprende brincando, o meio que ela se encontra tem a ver com seu aprendizado. Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998, p. 21-22)

as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. As interações que ocorrem dentro dos espaços são de grande influência no desenvolvimento e aprendizagem da criança.

O professor não deve ser visto como figura primordial do processo de ensino aprendizagem. Segundo Oliveira (2000), a criança constrói seu próprio conhecimento, de acordo com as interações sociais e o meio em que está inserida, a metodologia do professor e atividades aplicadas pelo mesmo não são os únicos caminhos para uma aprendizagem significativa.

OS JOGOS EM MATEMÁTICA

Trataremos a seguir dos jogos em matemática, descrevendo individualmente as suas principais características e aplicabilidade na faixa etária de 4 a 5 anos.

O Boliche Matemático proporciona ricos momentos de conhecimento no processo de aprendizagem, despertando algumas áreas do conhecimento, onde esse aluno é incentivado a trabalhar campos de experiências. Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.

Com o jogo de boliche podemos ensinar que é possível aprender matemática de diversas formas: jogando, a criança se sente confortável, fazendo aquilo que ela tem desenvoltura dando o seu melhor de forma leve, sem insegurança. Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência distância, espaço, força através da elaboração do conjunto de regras e coordenação quando os alunos tentam acertar as garrafas. Esse jogo permite uma melhor aprendizagem e para promover a autoconfiança, a organização atenção,

raciocínio lógico-dedutivo e o senso cooperativo. Dessa forma, o boliche proporciona uma variedade de atividades para trabalhar a matemática, cabe ao professor analisar a necessidade de seus alunos, esse mesmo jogo pode ajudar no ensino de outros campos de experiência.

O professor pode confeccionar o próprio boliche com os alunos, com materiais recicláveis reutilizando garrafas pet.

A regra é acertar as garrafas, fazer “strike” cabe ao educador como avaliar esses alunos, se for uma sondagem, logo no início do ano para observação do desenvolvimento, fazer interferência nesse caso na contagem de garrafas junto com a criança, não seria interessante pois o professor está querendo saber o que essa criança já tem de conhecimento prévio.

É muito importante que o professor interaja com essa criança durante o jogo, pois ela precisa se sentir prazer em jogar, incentive comemore com eles durante o jogo, isso fará com que esse aluno se sinta confiante.

O Material dourado é um dos muitos materiais idealizados pela médica e educadora italiana Maria Montessori para desenvolver práticas da matemática. Apresentamos atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal.

Esse material foi idealizado para trabalhar aritmética. Dessa forma a criança pequena vai se familiarizando com os números, compreendendo noção de número e quantidade, a ludicidade vem para tornar a matemática acessível. A educação sensorial é utilizada para que a criança possa explorar o material. Na faixa etária de 4 anos, é relevante que a criança tenha a oportunidade de brincar com as peças, assim a mesma vai explorando com suas brincadeiras, cabendo ao professor direcioná-la nos contatos futuros com esse material.

Utilizando esse material podemos desenvolver na criança confiança em si mesma, independência, concentração, coordenação motora. Por meio do manuseio, possibilita que a criança perceba suas ações por ela mesma.

Sobre a aplicabilidade do material dourado em sala de aula, argumentam Cenci e Becker (2016):

O material dourado foi construído para representar um sistema de agrupamento. Este tipo de jogo pode ser explorado de maneira livre ou dirigida. Quando for proposto um trabalho de forma livre, é preciso prever um tempo para que as crianças brinquem com o material, fazendo construções livres, e, a partir deste contato, é possível que elas estabeleçam relações entre as peças. Quando o trabalho for dirigido, o que o

caracteriza como um jogo de regras, o objetivo é justamente perceber essas relações entre as peças, e, para isso, o professor sugere algumas montagens, que podem estar acompanhadas de perguntas. Também podem ser criados outros jogos a partir dele; por exemplo, as crianças, dispostas em duplas, representam diferentes numerais uns aos outros, e vence aquele que acertar o maior número de representações feitas pelo colega, (CENCI; BECKER, 2016, p.15).

Jogos de tabuleiro, também conhecidos como jogo de trilha ou percurso. Para confeccionar o tabuleiro é possível reutilizar materiais recicláveis, caixa de papelão como base, garrafas pet para representar os jogadores. Folha branca para cobrir e fita adesiva para ajudar a colar as folhas, e a imaginação para assim montar o trajeto.

O jogo de trilha é uma contribuição para o ensino de matemática na educação infantil. Vale ressaltar a relevância de escolher ou confeccionar tabuleiros mais simples, com percursos curtos, para que haja interesse de realizar a partida até o final sem que espere por muito tempo. Considerar o tema do jogo é primordial, as crianças nessa faixa etária apreciam o faz de conta, desse modo o professor precisa estar atento ao que os alunos gostam para trazer isso a seu favor.

No lugar dos tradicionais peões podemos utilizar pequenos bonecos, carrinhos ou até mesmo os alunos. Para isso, o tabuleiro precisa ser compatível com o tamanho dos jogadores, para que eles caminhem sobre o tabuleiro.

O dado será a peça-chave para que as crianças possam avançar as casas, assim vamos trabalhar os campos de experiências de forma lúdica.

Nesse jogo é possível até 3 participantes, o objetivo é concluir o percurso, quem concluir primeiro ganha. Nessa faixa etária as crianças tem dificuldade em perder nos jogos, é importante trabalhar esse detalhe com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise de pesquisa realizada no presente artigo venho destacar a compreensão acerca da relevância da aprendizagem significativa, podemos buscar em nossa memória como fomos aprendemos matemática no passado, e observamos que hoje não podemos aplicar as mesmas práticas, de modo que o aluno precisa que o conteúdo proposto seja facilmente identificado em seu cotidiano.

Aprendizagem significativa acontece no surgimento de uma nova ideia, tem relação com os conhecimentos prévios de seus alunos e o professor esse fator

dinamizar e enriquecer suas aulas, dessa maneira colocamos o aluno como protagonista.

É importante levar em consideração que o aluno aprende de várias formas, com os colegas, jogando, ouvindo música, no convívio social, nesse caso o professor não é a única fonte do conhecimento, está presente para orientá-lo, trazer propostas para aumentar seu nível de conhecimento.

Para a faixa etária trabalhada nesta pesquisa, podemos observar a importância da ludicidade no ensino de matemática, para que haja interesse e leveza ao se ensinar e aprender.

O uso dos jogos no direcionamento das atividades matemática tem sido fundamental no aplicar das aulas, isso desperta o interesse nas crianças.

Faz com que o aluno que aguarda sua vez para jogar, também aprenda observando e interagindo e participando das contagens feitas ali.

A brincadeira impulsiona a criança dispersa, brincando ela sorri nada melhor do que aprender com alegria, isso aprendizagem significativa, ela vai aprender com prazer.

Ao chegar em casa provavelmente vai repetir a brincadeira com a primeira garrafa que encontra em casa.

REFERÊNCIAS

Base Nacional Comum p,47, 53 e 54. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

RIGATTI, KEITIANE. Revista Conectus, Caxias do Sul, RS, v.1 n.1, mar./abr. 2021.

Bilória, Ferreira Jéssica e Metzner Cristina Andréia. **Revista Fafibe On-Line** — ano VI – n.6. Bebedouro/SP, 2013.

Disponível em:

<<https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/28/11122013185355.pdf>>. Acesso 23/05/2022

EDITORA OPET. **A importância da Ludicidade na Educação Infantil**. Curitiba/PR. Disponível em: <https://editoraopet.com.br/blog_opet/a-importancia-da-ludicidade-na-educacao-infantil/>. Acesso em: 20/10/2023.

<https://www.scielo.br/j/pp/a/kBxPw6PW5kxtgJBfWMBXPhy/?lang=pt>

FELICIANO, **O papel da brincadeira no desenvolvimento infantil como meio da aprendizagem**. Itabaiana/PB, 2013. Disponível em:
<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3333/1/MJSF14042014.pdf>>.
Acesso em:20/09/2023.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
><https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-brincar-na-educacao-infantil.htm> < Acesso 08/10/23

PELLEGRINE. **A Importância dos Jogos e das Brincadeiras na Educação Infantil**. n.13 / SP, 2007
Disponível em:
<<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18593/2/Marina%20Joaquim%20Pellegrine.pdf>>. Acesso em 07/10/2023.

ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO NA PRODUÇÃO DE TEXTO ACADÊMICO PELA PERCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA SISTEMICO - FUNCIONAL

Narita, Carlos Ossamu Cardoso
Silva, Maria Piedade Teodoro da

RESUMO: No ensino superior, a escrita decorre da participação dos membros que compõem essa comunidade em práticas e eventos de letramentos acadêmicos por meio da produção de textos de gêneros específicos. O artigo acadêmico e sua retextualização após orientações são exemplos desses gêneros. Embora esses gêneros, em geral, encontrem-se sob orientação institucional para sua elaboração, observa-se que eles apresentam diferenças particularidades no tocante à escrita, ao estilo do escritor, além de, a necessidade também de intervenção de forma efetiva. No caso do grupo objeto de estudo - estudantes universitários do curso de Administração de Empresa de uma faculdade do interior do estado de São Paulo – apresentou dificuldades, mesmo após orientações institucionais, quanto à *consciência da audiência*, como, no uso da variação linguística, outra ainda maior em relação ao desenvolvimento das habilidades associadas ao processamento do texto acadêmico escrito, além de, (a) estrutura esquemática do gênero artigo acadêmico – *unidade de estrutura*; (b) *unidade de textura*. Assinalar não apenas como ocorreram as intervenções no processo de construção dos artigos acadêmicos, mas ainda sugerir uma diretriz para o ensino e aprendizagem de escrita de texto acadêmico, essencialmente, artigo acadêmico, são os objetivos deste estudo com base em um diagnóstico em que examinamos as unidades de estrutura e de textura da produção discente à luz da literatura recente. Essa diretriz poderia, segundo nossa experiência, fornecer aos professores recursos para guiar seus estudantes a escrever textos que satisfaçam as expectativas da audiência acadêmica. Nessas orientações individuais, reviram-se unidade de estrutura e unidade de textura face aos direcionamentos da instituição e dos professores, verificando o que houve de maior ou menor regularidade, em termos de estratégias de escrita e estruturação utilizadas para organizar o texto acadêmico. A pesquisa tem o apoio, sobretudo, da Linguística Sistemico-Funcional (doravante LSF) – um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso. Os resultados, após refacções, demonstram que o processo de intervenção pedagógica é essencial para o sentido e a progressão textual dos gêneros discursivos em pauta como se pode observar nas implicações positivas quanto a melhoria da qualidade das escritas dos textos dos(as) estudantes do curso de graduação em Administração de Empresa.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Sistemico-Funcional. Artigo acadêmico. Estratégias de escrita. Intervenção. Refacção.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A produção de um texto escrito é um processo social não só porque representa uma interação entre escritor e leitor, mas também por representar um papel em um determinado sistema social (HALLIDAY; HASAN, 1989, apud TEODORO-SILVA, 2019), visto que incorpora determinada ideologia. O ensino de Língua Portuguesa – do ensino básico ao superior - deve focar, em especial, a compreensão e a produção de textos escritos, sempre levando em conta os gêneros previstos para determinado ciclo escolar e ajustados a seus objetivos e leitores. O ensino de Língua Portuguesa encontra-se, então, organizado em torno de práticas e atividades que procuram levar estudantes a se apropriarem, progressivamente, das capacidades de compreender textos e de produzi-los em diferentes modalidades (escrita, oral, multimodal), de forma crítica e contextualizada (BRASIL, 2018).

Defende-se ainda, como um princípio pedagógico do ensino da Língua Portuguesa, que a linguagem é o lugar da diversidade e da heterogeneidade de práticas culturais; por isso as práticas educativas precisam ser sensíveis às diferenças culturais e linguísticas, utilizando-as a favor da formação cidadã e de uma aprendizagem significativa da língua materna.

Essas novas concepções de linguagem defendidas por muitos pesquisadores na área da linguagem e as atuais orientações metodológicas dos documentos oficiais inserem em suas discussões a necessidade de implementação de novas estratégias de ensino. Com base nessas novas perspectivas teórico-metodológicas, percebe-se a importância, em termos pedagógicos, do uso de gêneros discursivos enquanto objeto de ensino privilegiado na prática cotidiana do ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

Deve, também, deter-se na compreensão do sentido de mensagens orais e escritas, desenvolvendo a sensibilidade para reconhecer a intencionalidade implícita e conteúdos discriminatórios ou persuasivos, especialmente nas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação; deve ter como meta texto escrito com coesão e coerência (HALLIDAY; HASAN, 1989, apud TEODORO-SILVA, 2019).

Em um país em que somente 8% da população entre 15 e 64 anos conseguem se expressar e compreender plenamente textos escritos (O GLOBO, 2016), ver e rever os “erros”, por isso, para que estudantes possam aprender com eles, é uma prática fundamental em todos os níveis de estudo. Embora seja relevante apontar os

problemas textuais de estudantes, é essencial que professores também revejam a sua atuação como profissional da educação.

Uma pesquisa revela que apenas 8% dos brasileiros entre 15 e 64 anos são capazes de se expressar e de compreender plenamente. Ou seja, só essa pequena parcela domina de fato o português e a matemática. Segundo o estudo "Analfabetismo no Mundo do Trabalho", uma parceria do Instituto Paulo Montenegro (IPM) e a ONG Ação Educativa, a população tem 27% de analfabetos funcionais nessa faixa etária. (O GLOBO, 2016)

Dentro desse cenário, é imprescindível a intervenção do professor de forma estratégica por meio de um trabalho de refacção de texto como metodologia para o ensino de produção textual. Estratégia que se encontra relativamente difundida nas práticas docentes de todos os níveis, desde o ensino fundamental ao universitário. Trata-se de uma prática em que se observam aspectos relativos às mudanças de um texto não apenas em seu interior, "Unidade de textura" (HALLIDAY; HASAN, 1989), como também em relação à organização do texto em estágios e finalidades, "Unidade de Estrutura" (MARTIN, 1992; HALLIDAY; HASAN, 1989), além da, obrigação de se preocupar com a consciência da audiência (LEE, 2008).

Hasan (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 52) propõe examinar com mais detalhe a definição de texto. Para ela, a "unidade" é a característica mais importante de um texto, já que ela nos capacita a distinguir um texto de um não texto, de um texto completo de um incompleto. Ela distingue dois tipos de unidade: unidade de "estrutura" (em que examinamos a noção de gênero) e unidade de "textura" (em que examinamos a nominalização e os modos textuais). (IKEDA, SILVA, TEODORO-SILVA, 2019).

É exigência, no ensino universitário, produção textual acadêmica de gêneros específicos, como, artigo acadêmico; no entanto, mesmo sob guia institucional para sua elaboração que busca respeitar o estilo do escritor, fez-se necessário também a intervenção de forma efetiva, com orientações on-line ou presencial, por professores que propuseram coordenar em relação à produção de texto, logo após a exposição das primeiras versões dos textos de estudantes universitários do curso de Administração de Empresa de uma faculdade do interior de São Paulo quanto às dificuldades detectadas em relação ao uso do nível padrão formal da língua, uma ainda maior em relação ao desenvolvimento das habilidades associadas ao processamento do texto escrito acadêmico.

Nessas orientações individuais, reviram-se não apenas a unidade de estrutura e unidade de textura, como orientam Halliday; Hasan (1989), Martin (1992), como ainda consciência da audiência sob orientação de Lee (2008) face aos direcionamentos da instituição e dos professores, verificando o que havia de maior ou

menor regularidade, em termos de estratégias de escrita utilizadas para organizar com eficiência a produção de artigo acadêmico.

A intenção deste estudo analítico é recomendar uma diretriz para o ensino e aprendizagem de escrita de texto acadêmico, essencialmente, artigo acadêmico, além de, discorrer acerca de como advieram as intervenções no processo de construção tanto dos artigos acadêmicos como das apresentações institucionais para conclusão do curso desses estudantes universitários. Nessas interferências pedagógicas, foram revistas, assim, tema, conteúdo proposicional e estilo (BAKHTIN, 1997), unidade de estrutura e unidade de textura (HALLIDAY; HASAN, 1989), (HALLIDAY, 1973, 1984, 1992), (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), estágios e finalidades (MARTIM, 1984, 1992, 2002) e (PORTA, 2002), além de *consciência da audiência* (LEE, 2008) face aos direcionamentos da instituição e dos professores, verificando o que houve de maior ou menor regularidade, em termos de estratégias de escrita e estruturação utilizadas para organizar esses textos acadêmicos.

Esta pesquisa incide à luz da literatura recente, sobretudo, da Linguística Sistêmico-Funcional – um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso. Os resultados, após refacções, demonstram que o processo de intervenção pedagógica é essencial para o sentido e a progressão textual dos gêneros discursivos em pauta.

Essa constatação poderia, segundo experiência própria de quase 40 anos em sala de aula, fornecer aos professores recursos para guiar seus estudantes a escrever textos que satisfaçam as expectativas da audiência acadêmica. Salienta que, no ensino da escrita, devem ser considerados a elaboração e o uso de procedimentos gerais, que possam ser transferidos, sem maiores dificuldades, para situações de escritas múltiplas e variadas. As orientações, então, precisam apontar estratégias para o escritor utilizar e a audiência poder compreender o que está lendo.

RELEVÂNCIA DE PRÁTICAS DE LINGUAGEM NO CURSO SUPERIOR

Segundo Zanutto e Oliveira (2020), a inadequação quanto à maneira como a escola vem tratando a prática de produção escrita, apresenta como consequências a

constatação de um quadro insatisfatório, uma vez que estudantes em cursos de graduação se mostram despreparados para essa prática, deixa de focar a produção de texto como uma atividade de linguagem em que eles, realmente, se sintam sujeito do seu dizer por ter conhecimento de formas diferenciadas de interação. A partir do conceito, por conseguinte, de gênero discursivo proposto por Bakhtin(1997), em especial os elementos que o compõem (tema, conteúdo proposicional e estilo), além das concepções defendidas por sistemacistas, como, Halliday e Hasan(1989), Halliday(1973,1984,1992), Martim(1984,1992, 2002), Porta(2002), Lee(2008), este trabalho, pelo exposto, discute a necessidade de estudantes possuírem a condição de sujeitos-autores de gêneros discursivos diversificados, sobretudo, os de caráter acadêmico com a finalidade de estimulá-los à compreensão de que a produção escrita não é um ato isolado, pois resulta das múltiplas vivências de leituras que realizam dos textos com os quais se deparam dentro e fora do ambiente universitário.

No ensino superior, a capacidade de ler, interpretar e dialogar é essencial para o bom desempenho de estudantes durante todo o decorrer do curso e depois de sua formação; por isso é relevante que professores universitários conheçam os fundamentos teóricos sobre o ensino da leitura e escrita para reforçar sua metodologia pedagógica que, aliás, vai muito além de ter acesso a conhecimentos específicos de determinadas componentes curriculares. É extremamente importante, então, que as instituições superiores tenham consciência da importância de se incluir o componente curricular Língua Portuguesa nas grades curriculares dos cursos de graduação (WITTKÉ, 2019).

ENTENDENDO O CONCEITO DE GÊNERO DISCURSIVO

Michael Bakhtin (2000), estudioso russo proponente desse viés filosófico sobre a linguagem, talvez tenha sido o primeiro a postular que textos orais e escritos possuem características próprias que os definem e os distinguem, além de, rogar que, nessas interações, os sujeitos recorrem a determinados gêneros discursivos depende da necessidade do falante/escritor em situações reais de comunicação do cotidiano. A esse respeito, temos a afirmação de Machado (2005):

Graças a essa abertura conceitual é possível considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse, mas para o qual suas formulações convergem.

Essa constatação autoriza inferir que os gêneros discursivos – primários e secundários - de diferentes esferas discursivas, estão presentes em toda atividade comunicativa humana. Conforme defende Bakhtin (2000), os gêneros discursivos primários são os mais simples, relacionados, sobretudo, com o campo da oralidade, como uma conversa informal, recado, formas clássicas de interação, conferindo importância singular às ideologias cotidianas. Enquanto secundários mais complexos, como o romance, o conto, a crônica, o artigo de opinião, os manuais de instrução, o artigo de divulgação científica, a ata, o debate, o anúncio publicitário, a propaganda eleitoral, o artigo acadêmico, entre outros.

Bakhtin (1997)¹ define gêneros discursivos como tipos relativamente estáveis de enunciados – formas flexíveis de manifestações - compostos por conteúdo temático, estilo e construção composicional. Os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados justamente, porque eles constantemente evoluem para atender às necessidades imediatas dos sujeitos em qualquer situação comunicativa, como é o caso da carta e do e-mail. Essa relativa estabilidade de que defende o estudioso significa que não existe um modelo imutável de texto, uma estrutura predeterminada e canônica.

A partir do conhecimento sobre o conceito de gênero discursivo, suas características e a constatação da exigência de sua presença em toda atividade comunicativa humana, evidencia a necessidade de os professores de línguas trabalhar com os mais variados gêneros discursivos em sala de aula do ensino básico ao universitário para que estudantes conheçam um repertório diversificado de textos, suas condições de produção, recepção e suportes de circulação na sociedade. Constata-se, portanto, a relevância também, no ensino superior, de uma escrita que decorre da participação dos membros que compõem essa comunidade em práticas e eventos de letramentos acadêmicos por meio da produção de textos de gêneros específicos, como, no caso, artigo acadêmico.

¹ “Estética da Criação Verbal” (1997).

CONSCIÊNCIA DA AUDIÊNCIA E COESÃO

Um texto é entendido como o resultado do sujeito inserido em um contexto cultural, ideológico, político e psicológico, dessa forma qualquer situação comunicativa, para manifestar esses aspectos, resulta da seleção lexicogramatical – por meio de escolhas lexicais e sintáticas e de seu encandeamento específico no discurso, operam, a despeito de fatos, na tentativa de convencimento e manipulação, de um leitor hipotético, por isso o falante/escritor precisa se preocupar não apenas com a intenção discursiva como ainda com o público-alvo.

Para Lee (2008), apud Teodoro-Silva (2017), a *Consciência da audiência* apoia-se na dimensão interpessoal, entendida como a relação entre (a) um componente interativo (estrutura esquemática do gênero artigo acadêmico; (b) um componente interacional (modalidade, ou seja, a realização de comandos); e (c) um componente interpessoal (avaliação/orientações), elementos considerados na análise objeto deste artigo. Quanto ao componente interativo, examinava-se a estrutura esquemática do gênero artigo acadêmico, seu passo a passo, seguindo a definição de Martin (1984) de gênero, como sendo “uma atividade, organizada em etapas, orientadas para uma finalidade, na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura”. A definição de Martin pode ser complementada pela proposta de Vestergaard (2000), apud Nunes (2021),

para quem o gênero motiva e formata socialmente o discurso e a participação discursiva de fora, enquanto a língua, na qual um discurso ocorre, restringe e capacita a expressão de dentro. Para Vestergaard, as distinções de gênero ocorrem na interseção da meta comunicativa, como “contexto situacional imediato”, o registro (HALLIDAY, 1994).

No âmbito das pré-apresentações do artigo acadêmico em análise, nota-se que os textos dos(as) estudantes do primeiro semestre do curso de Administração de Empresa, apesar de orientações institucionais de como pode ser o registro do gênero acadêmico, se mostraram desvinculados do que Lee (2008) denomina de *consciência da audiência*, posto que os registros centram-se em exposição de dados não apenas sem relação com os estágios (MARTIM, 1984, 1992, 2002; PORTA, 2002), que determinam chamar de discurso o artigo acadêmico, mas ainda sem uma *costura* para

que se possa chamar de texto um amontado de frase e palavras, como defende Halliday e Hasan (1989), posto que, citando Ingedore Grunfeld Koch (2009), "um texto não é apenas uma soma ou sequência de frases isoladas". Em outras palavras, o texto não é composto por frases soltas, sem sentido, sem ideias ou contextualização. É necessária a compreensão dos diversos mecanismos textuais, entre eles, a coesão lexical.

Halliday & Hasan (1976) apresentam o conceito de coesão como um conceito semântico, que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto. Para Halliday & Hasan, "a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da do outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro" (HALLIDAY; HASAN, 1976, apud VILELA; KOCH, 2001).

A noção de coesão defendida por Halliday & Hasan estabelece que a natureza semântica da coesão é realizada pelos componentes do sistema léxicogramatical e sua verificação se dá no plano linguístico do texto. Para esses autores existem alguns fatores definidores da coesão e os principais são a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical, tratados mais adiante (VILELA; KOCH, 2001).

ESTÁGIOS E FINALIDADES

Na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), Martin (1992) oferece uma definição de gênero que permite sua operacionalização analítica: "gênero é uma atividade estruturada em estágios, orientada para uma finalidade na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura". Essa definição direciona as intervenções dos professores ao grupo de estudante que participava do processo de construção dos textos acadêmicos escritos, juntamente com a montagem da apresentação da versão final.

O gênero representa os processos sociais em estágios orientados para uma finalidade de uma dada cultura, tais como a narrativa, uma anedota, uma reportagem, um relato, um procedimento, etc., e, por isso, são em geral rotulados de contexto de cultura. O registro, por outro lado, refere-se ao contexto de situação (MARTIN, 1992). Na LSF, o registro é organizado pelas três variáveis contextuais, Campo (assunto), Relações (status dos interactantes) e Modo organização do texto).Essas três variáveis contextuais de registro são, por sua vez, organizadas pelas metafunções da linguagem (HALLIDAY, 1978).

Ao atentar para as produções de textos dos(as) estudantes, percebe-se um desacordo com as orientações acadêmicas em relação à unidade textual, compreendendo as unidades de estrutura e de textura que caracterizam o gênero do discurso em pauta: artigo acadêmico.

UNIDADE DE ESTRUTURA E UNIDADE DE TEXTURA

Hasan (HALLIDAY; HASAN, 1989) propõe examinar com mais detalhe a definição de texto. Para ela, a “unidade” é a característica mais importante de um texto, já que ela nos capacita a distinguir um texto de um não texto, de um texto completo de um incompleto. Ela distingue dois tipos de unidade: unidade de “estrutura” (em que examinamos a noção de gênero) e unidade de “textura” (em que examinamos a nominalização e os modos textuais). (IKEDA, SILVA E TEODORO-SILVA, 2019).

UNIDADE DE ESTRUTURA

Sobre o assunto, Porta (2002), apud Teodoro-Silva (2017) faz algumas observações importantes para quem vai escrever um texto dissertativo-argumentativo, no caso artigo acadêmico. Dissertar somente sobre uma questão, sem apresentar um “problema” nem a “argumentação” em defesa de um ponto de vista, não constitui uma dissertação argumentativa, diz ele. Certamente, continua o autor: “o descrever a experiência desempenha um papel importante; o que não pode é eliminar o problema enquanto tal” (PORTA, 2002). “A tese pode se apresentar, de início, como uma hipótese que se confirma pela ulterior argumentação” (PORTA, 2002). É aqui que os “argumentos” desempenham um papel essencial, legitimando a opção por uma determinada tese, continua Porta (2002).

Em nossa análise de texto dissertativo-argumentativo, adotamos, para a unidade de estrutura, a proposta de Hoey (1994) denominada Problema-Solução, em três estágios: Situação – Problema – Solução, com acréscimos vindo das considerações de Porta, como mostra o Quadro 1, com exemplos para cada estágio. (PORTA, 2002).

Quadro 1 - Estrutura Problema-Solução

Situação que contextualiza o problema	São Paulo enfrenta longo período de seca.
Problema	A água começa a faltar.
Hipótese de Solução	Devemos todos enfrentar a crise hídrica.
Argumentação em prol da solução proposta	(a) o governo estadual deve procurar recursos; (b) o povo deve pensar em meios de captação de água; (c) cada um deve restringir o uso da água para o essencial.
Avaliação/Tese demonstrada	A solução exige a contribuição de cada uma dessas áreas.

Esse esquema busca sensibilizar estudantes a respeito dos estágios de uma argumentação, cujo preenchimento pode ajudá-lo a evitar a “fuga ao tema”, fator preponderante na reprovação de redações nos exames e concursos públicos, como defende Ikeda, Silva e Teodoro-Silva (2019).

Conforme orienta ABNT (2011), no artigo acadêmico, a estrutura proposta de Hoey (1994) como mostra o Quadro 1, com exemplos para cada estágio (PORTA, 2002) atende a determinação desse documento oficial; no entanto, apesar das orientações quanto ao pré-projeto³, o estudante (doravante estudante 1) da instituição de curso superior, insiste em desconsiderar direcionamentos dos professores orientadores.

Os Quadros 1 e 2 descrevem o esquema-orientador para montagem, primeiramente, do pré-projeto de artigo acadêmico e, em seguida, do artigo acadêmico com intuito de direcionar a concretização do texto (ABNT, 2011; HOEY, 1994; PORTA, 2002), além de, incluir a defesa de Halliday; Hasan, 1976, apud Vilela; Koch, 2001.

Quadro 2 – QUADRO ESQUEMÁTICO DA ESTRUTURA DO GÊNERO PRÉ-PROJETO DO ARTIGO ACADÊMICO

ESTÁGIOS	FINALIDADE	REPRESENTAÇÃO
TEMA	Assunto a ser abordado. Capacidade de fornecer informações sobre o objeto de estudo / problema de pesquisa.	
DELIMITAÇÃO DO TEMA	Limitação do tema para criando assim o espaço limitado de investigação, revelando o ponto específico de interesse para o leitor.	
SITUAÇÃO-PROBLEMA	Situação presente em desarmonia que necessita ser enfrentada na busca de solução, recurso para amenizar a situação-	

² Grupo de estudo de Análise Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional. do LAEL2 /PUC-SP, cadastrado no CNPq, conta com professores experientes em correção de exames do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e da Ordem de Advogados do Brasil (OAB), além de, experiências na educação básica e superior e, nesse sentido, tem trabalhado no exame das características que marcam a escrita acadêmica.

³ Conferir “Em anexo” a proposta orientada por professores.

	problema. Precisa estar de acordo com o tema.	
JUSTIFICATIVA (Por quê? Motivo da pesquisa: solução de um problema)	Apresentação de argumentos capazes de explicar a existência da situação-problema, da relevância do trabalho, tanto prática quanto teórica, além de, hipótese de intervenção. Nota: Parte inicial do Resumo e da Introdução , acrescido de perguntas de pesquisa e resultados. (resumo expandido). Constatação por pesquisas e testemunhos (na Introdução, necessário vozes de 3ºs).	SITUAÇÃO PRESENTE/ PROBLEMA HIPÓTESE DE INTERVENÇÃO:
PERGUNTA DE PESQUISA	Questionamentos direcionam a essência da pesquisa. Ao respondê-las, espera-se uma proposta de intervenção no problema (resultado). Mínimo, duas perguntas de pesquisa.	
OBJETIVO GERAL SITUAÇÃO FUTURA A CONQUISTAR	Finalidade total a ser alcançada por meio da criação de situações de aprendizagem Precisa estar de acordo com o tema.	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	Intenções ou finalidades particulares a ser alcançada por meio da criação de situações de aprendizagem Precisa estar de acordo com o tema.	
MÉTODO/METODOLOGIA/DADOS/ RESULTADOS	A pesquisa pode ser realizada em caráter descritivo e de análise qualitativa e/ou quantitativa. (Poderá ser pesquisa bibliográfica e/ou estudo de caso).	
ARCABOUÇO TEÓRICO/REFERÊNCIA	Vozes de terceiros para justificar a presença de uma situação-problema e proposta para amenizar/corrigir essa problematização.	

CONSIDERAÇÕES	Expectativa de mudanças de intervenção na prática/realidade.	

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Ao reunir os estágios constituintes do gênero pré-projeto do artigo acadêmico (Quadro 1), pode-se verificar a construção do resumo informativo cujas exigências são apresentação do tema, justificativa da pesquisa, lacuna ou situação-problema, ou seja, citar as dificuldades, necessidades, requisitos, a ausência ou falta da pesquisa anterior; finalidades; métodos metodologia; resultados e considerações (conclusões do documento), de tal forma que esse documento possa, inclusive, dispensar a consulta ao original por possibilitar ter uma ideia geral como postula a ABNT (Associação Brasileira de Normas e Técnicas - NBR 6028/2003).

Quadro 3 – QUADRO ESQUEMÁTICO DA ESTRUTURA DO GÊNERO PRÉ-PROJETO DO ARTIGO ACADÊMICO

ESTÁGIOS	FINALIDADE	REPRESENTAÇÃO
Linha temática	Apresentar o tema a ser explorado	
Título	Exibir a síntese do tema.	
Autoria	Apresentar os responsáveis pelo texto.	
Resumo	Proporcionar aos leitores informações suficientes que lhes permitam julgar se é conveniente fazer uma leitura aprofundada do texto (mostrar o tema, anunciar a lacuna, objetivos - resposta à lacuna, propósito principal com a metodologia; resultados e expectativa).	
Palavras-chave	Referência abrangente do assunto e os seus conceitos principais, potencializando o acesso ao conteúdo dos documentos.	
Afiliação	Pertencimento à Instituição	
Introdução	Presença de contexto de relevância: declaração de proeminência da área familiarizando com termos, objetos e processos. Lacunas e importância do artigo para o leitor. Início de revisão da literatura mostrando a falta de evidência no conhecimento atual, além de propósitos e suas hipóteses, justificativa do estudo	
Revisão da literatura	Manifestação, por meio da literatura já publicada, o que já se sabe sobre o tema, problema, além de, indicar os principais entraves metodológico ou teórico.	
Metodologia	Estratégia abrangente, lógica do projeto de pesquisa, abordagem por meio da qual a análise ocorre e influencia a escolha de qual método(s) de pesquisa qualitativa, quantitativa, descritiva ou analítica.	
Método	Ferramenta usada para responder às perguntas de pesquisa — basicamente, como se deve coletar os dados independentemente de a pesquisa pertencer às ciências físicas, naturais, sociais ou qualquer outra área.	
Resultado	Exposição dos fatos revelados pela investigação, sem necessidade de publicar todos os dados coletados diretamente relacionados ao objetivo do artigo.	

Discussão	Interpretação e os comentários sobre o significado dos resultados. Comparação com outros achados de pesquisas sobre o assunto, além de, posição do autor sobre o assunto.	
Considerações	Posicionamento do autor do estudo, coerente com os objetivos e próprio relato. Pode estar acompanhada de generalização, implicações, perspectivas, recomendações.	
Referências	Indicação de autores que fundamentam a pesquisa.	
Anexos	Informações extras.	

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Segue uma proposta de produção de texto “artigo acadêmico” de um estudante do curso superior, 1º semestre de Administração de Empresa, Quadro 3, para análise pelo arcabouço teórico da Linguística Sistêmico-Funcional.

Quadro 4 – “Artigo acadêmico A”

“De acordo com o estudo – que contou com a participação de 285 empresas de todo o Brasil, de vários portes e segmentos de mercado – entre os principais desafios que demandam novas formas de operação estão: engajar gestores como comunicadores (70%); melhorar a experiência do colaborador (58%) e gerenciar o excesso de informações (55%).” – Aberje 2022.

Para começarmos a falar de comunicação precisamos saber o que realmente significa, quais os meios de comunicação e como identificar. Comunicação é uma troca de informação entre duas pessoas ou em grupos, comunicação é quando você se expressa através de falas e como o interlocutor irá compreender. A comunicação organizacional adequada está em falta nos dias atuais pois o “transmissor” não sabe se expressar e o “receptor” não sabe compreender.

Mas alias quais os tipos de comunicações? Bom, temos as verbais e não verbais, as violentas e não violentas, oral e escrita, formal e informal, mas o que iremos falar nesse artigo será de verbais, não verbais, violentas e não violentas pois infelizmente é as que mais estão presentes no meio organizacional. (Estudante 1).

Fonte: Arquivos da autora (2022)

Ao analisar o *artigo acadêmico* do estudante 1, Quadro 3, a atenção se volta, primeiramente, à questão da *unidade de estrutura*, aos estágios com suas finalidades. Quanto à *Situação*, nota-se apenas o delineamento do problema e do tema: *A comunicação organizacional adequada está em falta nos dias atuais pois o “transmissor” não sabe se expressar e o “receptor” não sabe compreender. Caso a Situação não for delineada de forma a convencer o leitor de que existe um Problema, não se justifica a elaboração de artigo acadêmico. Como diz Porta (2002): “o que não pode é eliminar o problema enquanto tal”. Uma vez assim caracterizada a Situação, o Problema deveria surgir naturalmente, logo depois a Hipótese de Solução para se chegar à Avaliação. Em termos lógicos, a argumentação coerente, deve calcar em situações reais, e, isso, validaria a Hipótese de Solução se proposta. (IKEDA, SILVA, TEODORO-SILVA, 2019).*

A dissertação-argumentativa (texto sem título) compõe-se de: Situação,

94

recorrendo ao modo textual descritivo (REYNOLDS, 2000) para tratar de maneira dispersa vários aspectos da comunicação organizacional. Enumera várias questões referentes, primeiramente, a dados relacionados a necessidades de gestores comunicadores, numa espécie de dissertação (PORTA, 2002), sem contudo apontar um *Problema* específico para o qual propusesse uma *hipótese de Solução*. Aliás, nesse estágio, espera-se o surgimento da argumentação em prol de sua defesa; todavia aparece uma proposta de *Problema*: [...] *mas o que iremos falar nesse artigo será de verbais, não verbais, violentas e não violentas pois infelizmente é as que mais estão presentes no meio organizacional*.

A estrutura desse texto, portanto, mostra falha em sua composição. Assim, caso se trata de dissertação-argumentativa, necessário seria estruturá-la para incluir a argumentação. Notemos que essa argumentação encontra-se dispersa no texto, faltando, portanto, a estruturação adequada como defende os pesquisadores:

É pertinente atentar que não apresentando essa estrutura ajustada (PORTA, 2002; HOYE, 1994; KOCH, 1987; THOMPSON, 2001; VESTERGAARD, 2000), por conseguinte também não oferece uma progressão de ideias/fatos entre os períodos e parágrafos que o compõem, dessa forma não mostra unidade de significação completa (MAMIZUCA, 1977). Falha-se, então, na paragrafação.

Conforme afirma Teodoro-Silva (2017), em relação à organização do texto do Estudante 1, Hobbs e Evans (1979 apud AGAR; HOBBS, 1982) a denominaria de “avalanche associativa” ao fato do escritor em pauta alista vários fatos referentes ao assunto – comunicação dentro das empresas, permanecendo localmente coerente, mas derrapando no seu plano geral.

[...]o conceito de gênero relaciona-se ao contexto da cultura, já o conceito de registro é a dimensão do contexto de situação, que descreve a variação linguística como Campo (tópico ou foco da atividade), Relações (papel das relações de poder e solidariedade na interação) e Modo (papel da língua: oral, escrita, multimodal) do discurso. Esses contextos realizam-se semanticamente nos textos, que por sua vez, representam o aspecto material e concreto do uso da linguagem. Em outras palavras, os textos sempre são o reflexo de uma estrutura de gênero e da variação linguística referente a campo, relações e modo, que se realizam por estruturas léxico-gramaticais específicas em cada situação de uso. (MUNIZ DA SILVA, 2018).

O gênero representa os processos sociais em estágios orientados para uma finalidade de uma dada cultura, tais como a narrativa, uma anedota, uma reportagem, um relato, um procedimento, etc., e, por isso, são em geral rotulados de contexto de cultura. O registro, por outro lado, refere-se ao contexto de

situação (MARTIN, 1992). Na LSF, o registro é organizado pelas três variáveis contextuais, Campo (assunto), Relações (status dos interactantes) e Modo (organização do texto). Essas três variáveis contextuais de registro são, por sua vez, organizadas pelas metafunções da linguagem (HALLIDAY, 1978).

Observa-se ainda, no produto do Estudante 1, Quadro 3, o processo da seleção lexicogramatical, as vezes, não se apresenta conforme a finalidade de texto e a consciência da audiência pelo número recorrente de inadequação com seleção de sequência de palavras sem exatidão de escolha de palavras de baixa valor semântico (causas), além disso, nota-se também uma desordenação quanto ao Hasan e Halliday denomina de Unidade de textura, revelando, dessa forma, não apenas um desafio para os orientadores quanto à produção do texto “artigo acadêmico”, mas ainda falta de atenção pedagógica quanto às orientações responsáveis pela impropriedade vocabular e descaso no uso de das categorias em relação a dois grandes grupos coesivos: os de estrutura gramatical e os de estrutura lexical (HASAN, 1989) no texto do Estudante 1.

1.7 Unidade de textura

Halliday e Hasan (1989), referências por apresentarem um conceito semântico para definir as relações coesivas por meio dos quais os textos são criados, explorando elementos gramaticais e itens lexicais. Segundo Fávero (1991), “O sistema linguístico está organizado em três níveis: o semântico (o significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico (expressão). Os significados estão codificados como formas e estas, realizadas como expressões. Desse modo, a coesão é obtida parcialmente através da gramática e parcialmente através do léxico.”

É essa realização linguística que estabelece uma relação semântica entre os elementos textuais, e são essas relações que constituem a *textura* (HALLIDAY; HASAN, 1989, apud TEODORO-SILVA, 2019), parte do sistema linguístico e, por isso deve existir em qualquer organização textual; todavia essa noção não está relacionada apenas ao aspecto estrutural do texto, mas também ao conceito de contexto situacional - realização verbal como também ao ambiente situacional em que um texto está inserido e foi produzido (HALLIDAY E HASAN, 1989).

Quanto à *unidade de textura*, percebe-se o limite em relação ao uso de nominalização, há predominância das relações de coreferência, que são realizadas por itens referenciais, como pronomes e artigos; e as relações de co-classificação, que são majoritariamente realizadas por substituição e por elipse. Já, no segundo grupo, composto por estruturas lexicais, além das relações já mencionadas, há também as relações de co-extensão, que são tipicamente realizadas por itens lexicais – ou palavras de conteúdo – pertencentes a um mesmo campo semântico por intermédio de recursos linguísticos, sinônimos, antônimos, hipônimo, hiperônimos, metonímia, repetições de itens – não são considerado elemento de coesão e sim uma classe que estabelece relações de sentido, - de uma mesma unidade lexical, como defende Hasan (1989) que acrescenta que “as Nominalizações são classificadas como mecanismos pertencentes a esse grupo”.

Segundo Halliday (1994), há uma realização, na lexicogramática, que será considerada congruente e outra, não congruente ou metafórica. O autor trata do que chama de “metáfora gramatical ideacional” – a nominalização de verbos e adjetivos – processo pelo qual padrões oracionais (p. ex.: o álcool destrói) são substituídos por sintagmas nominais – ou grupos nominais (segundo a LSF) (por exemplo, destruição pelo álcool). (TEODORO-SILVA, 2017).

O excerto a seguir, Quadro 4, mostra o quão incipiente o artigo acadêmico B, Estudante 2, quanto à coesão e coerência com base nas orientações de Hasan e Halliday (1989). Evidencia-se que a coerência apresentação da relação com gênero, no caso, artigo acadêmico e registro; enquanto à coesão, manutenção dos participantes, atendimento à seleção lexical exigida pelo gênero e pelo registro em questão; e esclarecimento às relações entre orações via conjunções,

A coerência tem a ver com a "boa formação" do texto, mas num sentido que não tem nada a ver com qualquer ideia assemelhada à noção de gramaticalidade usada no nível da frase, sendo mais ligada, talvez, a uma boa formação em termos da interlocução comunicativa, explica Bednarek (2005). Portanto, a coerência é algo que se estabelece na interação, na situação comunicativa entre dois usuários. (TEODORO-SILVA, 2017).

Percebe-se deficiência não apenas quanto à tessitura do texto, na medida em que avalia a Unidade de Estrutura, aspecto determinante na coerência, mas ainda na Textura: não atende a seleção lexical exigida pelo gênero e nem pela temática “fuga do tema”. Conforme afirma Eggins (1994), um texto é coerente em termos de gênero e de registro; e coeso se mantiver os participantes, além disso, a seleção

lexicogramatical, mas ainda a “oralização” não pertinente no discurso acadêmico. Nota-se, assim, uma descompromisso com a consciência da audiência acadêmica.

Quadro 5 – “Artigo acadêmico B”

Tentando fazer que o clima organizacional fique mais aconchegante e com o clima mais “leve”, o tema foi escolhido pois percebemos a necessidade de evitar um ambiente “tóxico” no qual estamos inseridos atualmente. Podemos considerar o trabalho como nossa “segunda casa” já que ficamos maior parte do tempo dentro dela, então nada melhor do que realmente gostarmos de onde estamos e não apenas fazer por obrigação.

*Temos percebido que as organizações têm enfrentado conflitos internos **em** falta de comunicação e má gestão não apenas com a empresa, mas também com seus colaboradores e funcionários.*

*O objetivo desse artigo é fazer que os funcionários e gestores das empresas se sintam bem trabalhando, **muita das vezes** os gestores descontam raiva nos seus funcionários o que faz **eles** se frustrarem e com isso o rendimento e lucro acabam caindo.*

Também vemos casos de funcionários que maltratam o uma pessoa que acabou de entrar ou ensinam errado com ciúmes de ser substituído e fazendo assim o supervisor xingar e dizer coisas que não são construtivas para esses tipos de funcionários. (Estudante 2).

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E REFACÇÃO⁴

As produções de textos apontavam o seguinte problema recorrente: os estudantes possuem dificuldades em textos escritos de qualidade, o que resulta na inadequação ou ausência de elementos coesivos, deficiência vocabular, falta de dados relevantes, além de, estágios exigidos nos gêneros discursivos em questão. Isso prejudica a progressão de informações, o processamento cognitivo e, conseqüentemente, a coerência do texto (TEODORO-SILVA, 2017).

Observaram-se que, pela falta de conhecimento de boas estratégias de textualização e de arcabouço textual - Unidade de textura e Unidade de Estrutura (HALLIDAY & HASAN, 1976), as produções dos estudantes são marcadas pela repetição viciosa ou deficiência dos elementos coesivos e estrutural, o que não contribuía para a progressão de relações de sentido adequadas ao texto escrito.

Essa constatação exigiu uma força-tarefa por parte dos professores envolvidos no processo pedagógico que assumiram uma postura construtiva e interativa tanto na correção como na refacção, tendo em vista orientações indicativas orais que invés de

⁴ Processo de reescrita de texto que, por meio do desenvolvimento de uma atitude crítica, possibilita ao aluno que o produziu modificá-lo várias vezes, tornando-o mais claro e objetivo à leitura. ETIMOLOGIA *voc comp* de *re+lat factio, -onis*, como *esp refacción*.

marcar junto à margem palavras, frases e períodos inteiros que apresentam inadequação quanto ao uso de elementos de coesão e coerência. Professores se limitaram à indicação dos desajustamentos e alterações limitadas do texto em situações localizadas, como orienta Serafini (1997). Perspectiva defendida em

Guiar-se por Bakhtin (1992), que propõe o princípio dialógico da linguagem, trabalhar com esse princípio, isto é, com a linguagem enquanto uma forma de ação e interação implica adotar uma forma de correção dos textos interativa e a consequente orientação para a reescrita, realizada de acordo com mediação do professor, pode contribuir para que o aluno se veja como um sujeito responsável pela construção de seu texto e “reflita sobre seu próprio discurso” (GERALDI, 1996).

É indispensável uma diretriz para o ensino de produção textual, em questão o artigo acadêmico, para estudantes do ensino básico ao superior, posto que, com base em um diagnóstico em que examinamos as unidades de estrutura e de textura (HASAN E HALLIDAY, 1976) das produções discentes à luz da literatura recente, constatam-se a deficiência de condições necessárias para compreender o trabalho com os gêneros discursivos na produção escrita de alunos(as) do curso superior a partir das análises e orientações do escopo que tínhamos em mãos. Outro aspecto ressaltado se relaciona com foco na finalidade e nos possíveis interlocutores dos gêneros por eles(as) produzidos(as), *Consciência da audiência*, como defende Lee (2008), apud Teodoro-Silva (2017). Essa constatação impõe-se a necessidade de apresentar, primeiramente, os gêneros textuais que esses(as) alunos(as) produzem. Essa diretriz poderia, segundo nossa experiência, fornecer aos professores recursos para guiar seus(suas) estudantes a escrever textos que satisfaçam as expectativas da audiência acadêmica.

Os recursos retóricos precisam comprometer com a meta de conseguir o alinhamento do leitor em favor da proposta apresentada no texto, entretanto não se observa um “concurso de vozes sempre recorrendo ao seu *frame* no processo intersubjetivo de sondar o posicionamento do interlocutor”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção interacionista – a linguagem é uma forma de ação e de atuação - por isso pressupõe o sujeito inserido no momento histórico discursivo. Cabe, assim,

ao professor tornar mais democrático o acesso de estudantes a diversidade de textos, geralmente encontrados no dia a dia. Essa comprovação determina a necessidade de um trabalho sistemático e contínuo com os gêneros discursivos, no contexto desta pesquisa, o artigo acadêmico, trabalho esse que, certamente, irá conferir à essa prática uma aproximação de estudantes, sujeito do seu dizer, às situações comunicativas cotidianas.

Pode-se afirmar que essa intervenção pedagógica, desde a montagem do pré-projeto, do artigo acadêmico e da apresentação final exigência institucional, revelou, quanto à produção escrita dos(as) participantes do processo de orientação de forma mais efetiva por parte, sobretudo, dos professores, textos mais coesivos e coerentes com as abordagens temáticas, uma vez que centraram nas *Unidade de textura* e *Unidade de Estrutura*, além disso, na consciência da audiência, atentar qual é a finalidade do discurso e qual é o público-alvo.

Posto isso é relevante afirmar que intervenção pedagógica seguida de refacções necessárias são responsáveis por estudantes mais seguros de si e com mais competências leitora e escritora, visto que os consequências, após refacções, demonstram que o processo de intervenção pedagógica é essencial para o sentido e a progressão textual dos gêneros discursivos em pauta como se pode observar nas implicações positivas quanto a melhoria da qualidade das escritas dos textos dos(as) estudantes do curso de graduação em Administração de Empresa. Os(as) estudantes do curso de Administração de Empresa que participaram das atividades de intervenções pedagógicas e refacções por meio das produções escritas compreendeu a proposta de solicitação do trabalho, uma vez que apresentaram resultados satisfatórios quanto à produção do artigo acadêmico.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GERALDI, J. W. O professor como leitor do texto do aluno. In: Martins, M. H. (org.) Questões de linguagem. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1996.

- _____. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.
- HALLIDAY, M. A. K. Explorations in the Functions of Language. Londres: Edward Arnold, 1973.
- HALLIDAY, M. A. K. An introduction to Functional Grammar. Londres: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. Cohesion in English. Londres: Longman, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. An introduction to Functional Grammar. Londres: Arnolds, 2004.
- IKEDA, S. N. e SAPARAS, M. Estrutura e Textura de um Texto Dissertativo-Argumentativo: A Escrita Acadêmica. Pontes Editores. 2020.
- IKEDA, SILVA, TEODORO-SILVA. Estrutura e textura de texto dissertativo-argumentativo para alunos universitários e do Ensino Médio – um enfoque sistêmico-funcional. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.44, p. 01-163, out.-dez.,2019.
- JORNAL O GLOBO. Só 8% dos brasileiros sabem se expressar plenamente, diz pesquisa. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/so-8-dos-brasileiros-sabem-se-expressar-plenamente-diz-pesquisa-18773598>> Acesso em 2.6.2020.
- KOCH, I. V. As diferentes concepções de linguagem. In: A inter-ação pela linguagem. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. Desvendando os segredos do texto. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. A coesão textual. 21. ed., 2º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2009.
- KOCH, I. V & TRAVAGLIA, L. C. A coerência Textual. São Paulo: Contexto, 2004.
- LEE, S. H. An integrative framework for the analyses of argumentative/persuasive essays from an interpersonal perspective. Text and Talk, 28.2:239-270, 2008
- MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.
- MARTIN, J. R. Introduction. Text 23.2:171-182, 2003. MARTIN, J. R. Language, Register and Genre. In: CHRISTIE, F. (org.) Children Writing: Reading. Geelong: Deakin University Press, 1984.
- _____. The english text: system and Structure. Amsterdã: John Benjamins, 1992.
- MARTIN, J. R. Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (org.) Evaluation in Text: authorial Stance and the Construction of Discourse. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. Beyond exchange: APPRAISAL systems in English. In: HUNSTON, S.;MINGHELLI, T.D. Pensando na criação do Frame Processo de conhecimento no Direito Processual Civil. In: I SUL LETRAS, 2012, São Leopoldo, Anais do evento. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

MUNIZ DA SILVA, E. C. Gêneros na teoria sistêmico-funcional. D.E.L.T.A., 34.1, 2018 (305-330).

NUNES, C. M. V. A representação do tema “Amazônia, patrimônio da humanidade” em um editorial de jornal: uma abordagem sistêmico-funcional. Revista Intercâmbio, v.XLVII: 67-97, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X.

PORTA, M. A. G. A Filosofia a partir de seus problemas. São Paulo: Edições Loyola, 2002

RUIZ, E. Como se corrige redações na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

ROCHA, A. G. A. A importância dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 03, Vol. 10, pp. 18-32. Março de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/letras/importancia-dos-generos>

SERAFINI, M. T. A correção. In: Como escrever textos. Rio de Janeiro. Globo, 1987, p. 107 – 129.

TEODORO-SILVA, Proposta de um modelo teórico para o ensino de texto dissertativo-argumentativo para alunos do Ensino Médio: Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional. Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, LAEL, 2017.

VALÉRIO, R. G. A função coesiva das nominalizações em redações escolares na perspectiva sistêmico-funcional. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2012.

WITTKÉ, C. I. A prática da escrita na escola: processo de produção de sentido. UFRG: 7º SENALLP – Seminário Nacional de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa, 2019.

LUCHJENBROERS, J.; ALDRIDGE, M. Conceptual manipulation by metaphors and frames: dealing with rape victims in legal discourse. Text & Talk, v. 27, n. 3, p. 339-359, 2007.

ANEXO (Registro do contexto de produção, a partir das orientações institucionais da produção do pré-projeto e artigo acadêmico, após retextualização de ambos os gêneros discursivos)

PRÉ-PROJETO DE PESQUISA 1

Estudante 3

Linha temática: Branding

Título inicial: Utilizando o branding como vantagem competitiva

Orientador(a): XXXXXXXX

Para desenvolver o seu TCC, você precisará pensar em sua PESQUISA. Isso significa refletir sobre o planejamento dessa investigação.

No início desse estudo, observe os elementos importantes dessa reflexão que se constituirá em seu PRÉ-PROJETO.

Itens	Elementos	Pré-projeto de Pesquisa
01	Tema de interesse para investigação	Branding
02	Tema e delimitação do tema Assunto sobre o qual a pesquisa será realizada e o foco a que se limita.	Branding, marca, consumidores, estratégias de comunicação, posicionamento, propaganda, marketing.
03	Justificativa Razões que o levaram a definir a opção feita para a realização da pesquisa.	O Branding alinhado com as estratégias da empresa, tem o poder de criar valor ao longo do tempo, definir cultura, como as pessoas veem a empresa, a proposta de valor da marca, além de se comunicar com o público desejado. Não ter um Branding desenhado e alinhado com as expectativas futuras, fazem a empresa não ter identidade, gerando assim um carrossel de problemas futuros, espero que esse artigo científico contribua para que empresas que ainda não viraram essa chave se atentem mais ao tema e que os profissionais que adentrarão ao mercado de trabalho também possam ter valorosas contribuições para suas empregadoras a partir do tema.
04	Problema Pergunta que o pesquisador pretende responder sobre o tema.	Como as empresas utilizam do branding para se diferenciar no mercado? Qual a importância do Branding na construção de imagem e na comunicação?
05	Objetivos: gerais e específicos O que se pretende atingir com a investigação.	Objetivos gerais: Utilizar o branding como vantagem competitiva Defender a importância de um branding forte e mostrar como grandes empresas utilizam dessa poderosa arma para ganhar vantagem. Objetivos específicos Situar onde, quando, como o Branding se faz presente nas empresas; Distinguir entre boas e más estratégias na utilização do Branding;

		Ilustrar as estratégias por trás da comunicação para elucidar e facilitar a compreensão;
06	Método Procedimentos que serão utilizados no desenvolvimento da pesquisa.	Pesquisas em livros, artigos, sites.
07	Resultados Esperados Contribuições que pretende oferecer para ampliação do conhecimento na área.	Espero que esse artigo acadêmico contribua para que empresas que ainda não aderiram ao branding, se atentem mais ao tema e que os profissionais que adentrarão ao mercado de trabalho também possam ter valiosas contribuições para suas empregadoras a partir do tema.
08	Referências Indicar os autores que fundamentarão sua pesquisa.	BLOOM, B. et al. Taxonomia dos objetivos educacionais: domínio cognitivo. Porto Alegre: Globo, 1983; KOTLER, P. MOURA, L. Conteúdo de marca . Local: Editora, ano. NORMAS para publicação da PUC MINAS. Minas Gerais: Editora da Pontifícia Universidade Católica, 2011; RIBEIRO, L.C. Gestão de marca e branding . Curitiba: Intersaberes, 2021.

**PRÉ-PROJETO
DE PESQUISA
2**

Estudante 4.

Linha temática: Empreendedorismo.

Título inicial: Empreender em Tempos de Crise: Caso Covid-19 (2020/2021).

Orientador(a): XXXXXXXX

Para desenvolver o seu TCC, você precisará pensar em sua PESQUISA. Isso significa refletir sobre o planejamento dessa investigação.

No início desse estudo, observe os elementos importantes dessa reflexão que se constituirá em seu PRÉ-PROJETO.

Itens	Elementos	Pré-projeto de Pesquisa
01	Tema de interesse para investigação	Empreender em Tempos de Crise: Caso Covid-19 (2020/2021).

02	Tema e delimitação do tema Assunto sobre o qual a pesquisa será realizada e o foco a que se limita.	Empreender em Tempos de Crise: Caso Covid-19 (2020/2021). É sobre a forma como as pessoas se reinventaram em tempos de pandemia para suprir determinadas necessidades por meio do empreendedorismo, juntamente com suas estratégias e dificuldades ocasionando também o aceleração da tecnologia.
03	Justificativa Razões que o levaram a definir a opção feita para a realização da pesquisa.	Nos dias atuais se tornou algo mais comum entre a pessoas o empreendedorismo, pois a população vivendo em meio a uma crise mundial em decorrência do novo coronavírus, afetando a vida de todos em vários setores, gerando impacto também na economia, pois muitos negócios fecharam, e uma grande parte da população ficou desempregada. Diante dessa situação muitas pessoas precisaram se reinventar e, para suprir suas necessidades acabaram se tornando empreendedores e donos do seu próprio negócio.
04	Problema Pergunta que o pesquisador pretende responder sobre o tema.	Devido ao novo coronavírus surge um cenário crítico e de grandes dificuldades como o isolamento social, o alto índice de desempregados, entre outros, mediante a essa problemática para adquirir uma nova renda gera a pergunta: é possível iniciar um negócio em tempos de pandemia? E quais as principais estratégias a serem utilizadas?
05	Objetivos: gerais e específicos O que se pretende atingir com a investigação.	Objetivo Geral- O objetivo geral desta pesquisa é analisar o empreendedorismo em tempos de pandemia 2020/2021. Objetivo Específico- Verificar a aceitação da população referente a iniciar um novo negócio e saber lidar com dificuldades do empreendimento na intenção de amenizar as necessidades.
06	Método Procedimentos que serão utilizados no desenvolvimento da pesquisa.	Os métodos serão utilizados por pesquisas, por meio da metodologia bibliográfica. Será abordado desde o que é o empreendedorismo até como de fato a população se reinventou sendo donos do seu próprio negócio.
07	Resultados Esperados Contribuições que pretende oferecer para ampliação do conhecimento na área.	Com pesquisas informar como é possível se reinventar através do empreendedorismo mesmo em momentos de pandemia. E como as pessoas foram resilientes nesse processo.
08	Referências Indicar os autores que fundamentarão sua pesquisa.	Textos e artigos científicos na internet. CHIAVENATO, I. Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor. São Paulo. Saraiva, 2005. CHIAVENATO, Idalberto. Administração: teoria, processo e prática. Rio de Janeiro. Elsevier, 2007.

PRÉ-PROJETO DE PESQUISA 4

Estudante 5

Linha temática: MOTIVAÇÃO ORGANIZACIONAL

Título inicial: MOTIVAÇÃO ORGANIZACIONAL DENTRO DAS GRANDES EMPRESAS

Orientador(a): XXXXXXXX

Para desenvolver o seu TCC, você precisará pensar em sua PESQUISA. Isso significa refletir sobre o planejamento dessa investigação.

No início desse estudo, observe os elementos importantes dessa reflexão que se constituirá em seu PRÉ-PROJETO.

Itens	Elementos	Pré-projeto de Pesquisa
01	Tema de interesse para investigação	MOTIVAÇÃO ORGANIZACIONAL
02	Tema e delimitação do tema Assunto sobre o qual a pesquisa será realizada e o foco a que se limita.	MOTIVAÇÃO ORGANIZACIONAL DENTRO DAS GRANDES EMPRESAS
03	Justificativa Razões que o levaram a definir a opção feita para a realização da pesquisa.	PRETENDE-SE COM ESSE ARTIGO REALIZAR UMA PESQUISA RELACIONADA À MOTIVAÇÃO ORGANIZACIONAL DENTRO DE GRANDES EMPRESAS PARA AUXILIAR NO DESENVOLVIMENTO DOS COLABORADORES QUE POSSUEM A NECESSIDADE DE SENTIREM MOTIVADOS NO AMBIENTE DE TRABALHO A FIM DE GARANTIR UM MELHOR DESEMPENHO DE SUAS ATIVIDADES, VISTO QUE NOS DIAS ATUAIS, OS PROBLEMAS SOCIAIS AFETAM DIRETAMENTE O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL. A MOTIVAÇÃO TAMBÉM TEM UM IMPACTO POSITIVO NA CULTURA ORGANIZACIONAL, UMA VEZ QUE COLABORADORES MOTIVADOS TÊM MAIOR COMPROMETIMENTO COM A EMPRESA E SÃO MAIS PROPENSOS A TRABALHAR EM EQUIPE
04	Problema Pergunta que o pesquisador pretende responder sobre o tema.	PERCEBE-SE NAS GRANDES ORGANIZAÇÕES QUE QUE HÁ UMA DIMINUIÇÃO NA PRODUTIVIDADE DOS COLABORADORES QUANDO SE SENTEM DESMOTIVADOS. DIANTE DESSA PROBLEMÁTICA, SERÁ DESENVOLVIDO NO PRESENTE ARTIGO, QUAIS AÇÕES DEVEM SER ADOTADAS PARA QUE SEJA EXTRAÍDO A MAIOR PERFORMANCE DO COLABORADOR POR MEIO DA MOTIVAÇÃO? COMO SERÁ FEITA A IMPLEMENTAÇÃO DESSES MÉTODOS DENTRO DAS GRANDES EMPRESAS?
05	Objetivos: gerais e específicos O que se pretende atingir com a investigação.	OBJETIVOS GERAIS: TENENDO-SE EM VISTA QUE EMPRESAS QUE SE PREOCUPAM COM A MOTIVAÇÃO DE SEUS COLABORADORES SÃO MAIS ATRATIVAS PARA OS

		<p>PROFISSIONAIS, A PESQUISA TEM COMO OBJETIVOS GERAIS</p> <p>ALCANÇAR UMA FORMA DE MANTER OS COLABORADORES MOTIVADOS PARA UM MELHOR DESEMPENHO DE SUAS FUNÇÕES,, PROMOVER UM AMBIENTE COLABORATIVO E SAUDÁVEL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS CONTRIBUIR PARA A ATRAÇÃO DE NOVOS TALENTOS</p> <p>OPORTUNIZAR CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL</p> <p>PROPORCIONAR UM AMBIENTE DE TRABALHO POSITIVO</p>
06	<p>Método</p> <p>Procedimentos que serão utilizados no desenvolvimento da pesquisa.</p>	<p>O ARTIGO SERÁ REALIZADO A PARTIR DE UMA ANÁLISE QUALITATIVA BIBLIOGRÁFICA EM LIVROS, ARTIGOS, REVISTAS, DISSERTAÇÕES</p>
07	<p>Resultados Esperados</p> <p>Contribuições que pretende oferecer para ampliação do conhecimento na área.</p>	<p>POR MEIO DA PESQUISA APRESENTADA, PRETENDE-SE ALCANÇAR RESULTADOS POSITIVOS PARA A COMPANHIA E TAMBÉM AOS COLABORADORES, TAIS COMO, AUMENTO DA PRODUTIVIDADE, REDUÇÃO DO TURNOVER, MELHORIA DO CLIMA ORGANIZACIONAL E MELHORIA DA QUALIDADE DO TRABALHO, E AUMENTO DA SATISFAÇÃO DOS CLIENTES</p>
08	<p>Referências</p> <p>Indicar os autores que fundamentarão sua pesquisa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● MINICUCCI ● CHIAVENATO ● BERGAMINI ● KRUMM ● MASLOW

EXISTEM MUITOS MÉTODOS PARA MOTIVAR OS COLABORADORES, O QUE PODE VARIAR DEPENDENDO DA CULTURA DA EMPRESA, DA EQUIPE, DOS INDIVÍDUOS E DAS CIRCUNSTÂNCIAS ESPECÍFICAS, A PARTIR DISSO SERÁ UTILIZADO ALGUNS MÉTODOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA;

- RECONHECIMENTO E RECOMPENSA SOBRE O DESEMPENHO EXCEPCIONAL
- OPORTUNIDADES DE CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO
- PROPORCIONAR UM AMBIENTE DE TRABALHO POSITIVO
- PROPORCIONAR EQUILÍBRIO ENTRE VIDA PESSOAL E O TRABALHO
- ESTABELECEER METAS CLARAS E ALCANÇÁVEIS
- FEEDBACK REGULARMENTE

A MÚSICA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DA MATEMÁTICA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Narita, Carlos Ossamu Cardoso

RESUMO:

Os Indicadores Institucionais do Desempenho Escolar Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) mostram uma queda no rendimento escolar dos alunos na disciplina de Matemática no transcorrer do Ensino Fundamental principalmente dos anos iniciais para os anos finais. A Matemática é utilizada pelos músicos como facilitadora das teorias e da estruturação musical, tendo em vista que a Música e a Matemática estão intimamente relacionadas; dessa forma se pretende, nesta pesquisa, fazer um estudo da utilização dos recursos didáticos metodológicos do ensino de música como ferramentas pedagógicas para garantir uma aprendizagem da Matemática mais eficiente e significativa. Para que essa proposta se concretize, estabeleceu-se as seguintes questões identificadas como pergunta de pesquisa: como a teoria musical e os recursos metodológicos do ensino de música podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades matemáticas dos alunos garantindo uma aprendizagem mais significativa? Como avaliar se os discentes conseguiram perceber as relações existentes entre a Matemática e a Música como elementos facilitadores da sua aprendizagem? Esta pesquisa, portanto, tem como objetivos reconhecer a importância da aplicação da música e suas metodologias no ensino da Matemática e de que modo os métodos ativos em música poderão contribuir no desenvolvimento das habilidades matemáticas em sala de aula. Os procedimentos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa serão: estudo e análise qualitativa do material bibliográfico. A aplicação da metodologia será a partir da aplicação de atividades de prática musical, tais como oficinas de conjuntos vocais e instrumentais em que a presença do conhecimento matemático se faz explícito, por exemplo, a marcação rítmica e métrica dos compassos. Ao final deste trabalho, espera-se que a utilização de Música contribua para facilitar a aquisição das habilidades matemáticas garantindo uma aprendizagem mais significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Desempenho Escolar – Música – Matemática – Métodos Ativos

INTRODUÇÃO

O resultado das avaliações educativas externas, como, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) mostram uma queda no rendimento escolar dos alunos na disciplina

108

de Matemática no transcorrer do Ensino Fundamental, sobretudo, dos anos iniciais para os anos finais. Esse cenário determina mudanças de estratégias de ensino, como, um trabalho interdisciplinar entre Matemática e Música. Acredita-se que são áreas totalmente distantes, mas, na verdade, as sensações de prazer que o ser humano sente, ao ouvir música, escondem cálculos subliminares. Melodias que emocionam, são construídas a partir de relações matemáticas muito precisas. Tais relações sempre mantiveram a Matemática e a Música muito próximas uma da outra (BIBBY, 2003).

Abdounur (2003) defende que ações pedagógicas podem se tornar possibilidades de aproximar o ensino da Matemática da Música e de desenvolver importantes habilidades nos estudantes, tais como a oratória, a autonomia, a capacidade de trabalhar em equipe. Além disso, esta atividade permite ao professor, por meio de uma aula dialogada, bem como a resolução de problemas para abordar os objetos de ensino.

O uso dessas abordagens é uma tentativa de romper com o paradigma de que uma típica aula de Matemática deve ser totalmente expositiva, em que o professor passa para o quadro negro aquilo que ele julga importante sem considerar os conhecimentos prévios dos estudantes. A atividade não substitui a aula expositiva, mas é capaz de torná-la mais atraente e originar o interesse por parte dos alunos. (MIRITZ, 2015).

A Matemática é utilizada pelos músicos como facilitadora das teorias e da estruturação musical, tendo em vista que a Música e a Matemática estão intimamente relacionadas; por isso se pretende, nesta pesquisa, fazer um estudo da utilização dos recursos didáticos metodológicos do ensino de música como ferramentas pedagógicas para garantir uma aprendizagem da Matemática mais eficiente e significativa, respondendo a seguinte questionamento de pesquisa: como a teoria musical e os recursos metodológicos do ensino de música podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades matemáticas dos alunos garantindo uma aprendizagem mais significativa? Como avaliar se os discentes conseguiram perceber as relações existentes entre a Matemática e a Música como elementos facilitadores da sua aprendizagem?

Este estudo estabelece como finalidade reconhecer a importância da aplicação da Música e suas metodologias no ensino da Matemática e de que modo

os métodos ativos em Música poderão contribuir no desenvolvimento das habilidades matemáticas em sala de aula.

Segundo Berlinghoff e Gouvêa discorrem que (2010) “aprender sobre a Matemática é como começar a conhecer outra pessoa. Quanto mais se sabe de seu passado, melhor pode entendê-la e interagir com ela no futuro”. Nesse contexto, cabe ao professor boas práticas, como, associar a Música e Matemática.

A música pode ser uma atividade divertida e que ajuda na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do indivíduo, pois desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporciona um estado agradável de bem-estar, facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, sendo também um agente cultural que contribui efetivamente na construção da identidade do cidadão. Pode até mesmo transformar conceitos espontâneos em conceitos científicos. (Moreira *et al*, 2014).

Os procedimentos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa serão: estudo e análise qualitativa do material bibliográfico. A aplicação da metodologia será a partir da aplicação de atividades de prática musical, tais como oficinas de conjuntos vocais e instrumentais em que a presença do conhecimento matemático se faz explícito, como, por exemplo, a marcação rítmica e métrica dos compassos. Ao final deste trabalho, espera-se que a utilização de Música contribua para facilitar a aquisição das habilidades matemáticas garantindo uma aprendizagem mais significativa.

APRENDIZAGEM NAS AULAS DE MATEMÁTICA

O processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Matemática tem sido alvo de discussão por pesquisadores, sobretudo pelos baixos índices de proficiência apresentada pelos alunos a partir dos anos finais do Ensino Fundamental mostrados pelos indicadores educacionais obtidos pelo MEC os quais são compostos pelas taxas de aprovação e pelos dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

As dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos discentes decorrem da maneira como a disciplina é abordada, muitas vezes de forma descontextualizada e

não significativa com propostas de atividades somente conceituais e com uso abusivo de fórmulas.

D'Ambrósio (1989) evidencia que “a típica aula de Matemática é ainda uma aula expositiva, em que o professor passa para o quadro negro aquilo que ele julga importante”. Uma aprendizagem, então, se torna de fato significativa quando é voltada para a realidade do aluno e estabelece relações entre a teoria ensinada e a prática (CAVALCANTI; LINS, 2010).

Para que ocorra uma aprendizagem significativa, é importante também que o docente elabore práticas pedagógicas que facilitem o desenvolvimento das habilidades matemáticas, como defende os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs,

[...] Tornar o saber matemático acumulado em um saber escolar, possível de ser ensinado/aprendido, exige que esse conhecimento seja transformado, pois a obra e o pensamento do matemático teórico geralmente são difíceis de ser comunicados diretamente aos alunos. Essa consideração implica rever a ideia, que persiste na escola, de ver nos objetos de ensino cópias fiéis dos objetos de ciência [...] (BRASIL, 1998)

Nesse sentido, é fundamental o uso de metodologias que estimulem os alunos a pensar e a raciocinar para que a aprendizagem matemática seja efetiva, garantindo que eles sejam sujeitos ativos no processo da construção de seu conhecimento. A BNCC propõe que os estudantes sejam protagonistas de seus próprios aprendizados, tendo cada vez mais voz, dessa forma uma participação nos processos de aprendizagem.

Consoante a BNCC, para garantir as aprendizagens essenciais, se faz necessário:

[...] contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas; selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos [...] (BRASIL, 2017).

Nesta perspectiva é importante ressaltar a importância da utilização de estratégias e recursos metodológicos que facilitem a aprendizagem. A Matemática e a Música estão intimamente relacionadas desde a antiguidade.

Os primeiros sinais que relacionavam estes campos de saberes surgem no século VI A.C., quando Pitágoras, utilizando-se de um instrumento denominado monocórdio, observou a relação existente entre o comprimento de uma corda vibrante e o tom musical produzido por ela. (ABDOUNUR, 2003).

A BNCC, em sua competência de número quatro defende a utilização diferentes linguagens [...], bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo

A música está presente na vida dos seres humanos desde os primórdios do mundo e passou por muitas evoluções, beneficiando na assimilação de conteúdo, estimulando o raciocínio lógico e a concentração, contribuindo para a formação de um ser humano completo. As crianças que desenvolvem um trabalho com música apresentam melhor desempenho na escola e na vida (CONSOLINO, 2019). Smole (2000) afirma que “quando se trabalha com música se fazem presentes importantes habilidades para o desenvolvimento de noções matemáticas”.

Segundo Bréscia (2003), “o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo”. Antecipar o ensino da música significa que, quanto mais cedo começamos a estimular nosso cérebro, mais cedo desenvolvemos habilidades. Ouvir música ou tocar instrumento musical exercita várias partes do cérebro.

OS INDICADORES INSTITUCIONAIS E PROPOSTAS DE MELHORIA DE RESULTADOS

O SAEB E O IDEB

O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) é um conjunto de avaliações externas em larga escala que permite ao Instituto Nacional de Estudos e

Pesquisas (INEP) realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de fatores que podem interferir no desempenho do estudante. Por meio de testes e questionários, aplicados, a cada dois anos, na rede pública e em uma amostra da rede privada, o SAEB reflete os níveis de aprendizagem demonstrados pelos estudantes avaliados, explicando esses resultados a partir de uma série de informações contextuais.

As médias de desempenho dos estudantes, apuradas no SAEB, juntamente com as taxas de aprovação, reprovação e abandono, apuradas no Censo Escolar, compõem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), criado em 2007, pelo INEP, formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. Para os anos iniciais o valor máximo de nível de proficiência é de 350 e nos anos finais 400. Os indicadores educacionais são compostos por taxas de aprovação SAEB e IDEB como apresenta o Quadro 1.

Os indicadores educacionais são compostos por taxa de aprovação SAEB e IDEB.

Quadro 1 - Indicadores Educacionais do Sistema de Avaliação de Educação Básica na disciplina de Matemática de 2015 a 2019

	NOTA SAEB 2015 Matemática			NOTA SAEB 2017 Matemática			NOTA SAEB 2019 Matemática	
	Anos iniciais	Anos finais		Anos iniciais	Anos finais		Anos iniciais	Anos finais
Brasil (total)	257,73	219,30		260,80	224,10		265,16	227,88
Estadual	250,94	223,30		252,99	227,90		258,03	230,88
Municipal	249,54	215,62		249,99	220,02		255,57	223,90
Pública	250,57	214,55		251,97	218,59		257,18	222,41
Privada	295,32	243,56		302,68	251,82		302,91	253,47

Elaborado pelo autor

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira

De acordo com a tabela, percebe-se que, em todas as redes educacionais brasileiras (estadual, municipal, pública e privada), há uma queda no nível de proficiência dos alunos na disciplina de Matemática dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental.

Esses indicadores institucionais do desempenho escolar, por conseguinte, mostram uma queda no rendimento escolar dos alunos na disciplina de Matemática no transcorrer do Ensino Fundamental principalmente dos anos iniciais para os anos finais como mostram as notas do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) dos anos de 2015, 2017 e 2019.

No quadro 2, apresentam-se os indicadores educacionais, envolvendo a nota média padronizada e o indicador de rendimento escolar, levando-se em consideração o fluxo e também a projeção para 2021.

Quadro 2 - Indicadores Educacionais do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica na disciplina de Matemática de 2015 a 2019

	IDEB 2015		IDEB 2017		IDEB 2019		PROJEÇÃO	
	NxP		NxP		NxP		2021	
	Anos iniciais	Anos finais						
Brasil (total)	5,5	4,5	5,8	4,7	5,9	4,9	6,0	5,5
Estadual	5,8	4,2	6,0	4,5	6,1	4,7	6,1	5,3
Municipal	5,3	4,1	5,6	4,3	5,7	4,5	5,7	5,1
Pública	5,3	4,2	5,5	4,4	5,7	4,6	5,8	5,2
Privada	6,8	6,1	7,1	6,4	7,1	6,4	7,5	7,3

Elaborado pelo autor

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira

Os dados do IDEB também mostram uma queda no nível de proficiência dos alunos na disciplina de Matemática e a meta prevista para o ano de 2021 quando será realizado SAEB.

A MÚSICA COMO RECURSO METODOLÓGICO

Em qualquer nível da Educação básica, as maiores dificuldades que os discentes enfrentam estão relacionadas à formação dos conceitos matemáticos e à associação dos objetos de conhecimento estudados em situações do seu cotidiano. Nessa perspectiva, se faz necessário que os professores procurem outras práticas metodológicas e proponham atividades que estejam associadas ao contexto dos alunos.(SANTOS; RIBEIRO, 2014)

A música é um instrumento motivador para o ensino e a aprendizagem de matemática, ao longo da história ela tem desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento científico, sendo, em particular, um campo fértil da aplicação da matemática (SANTOS JÚNIOR, 2015).

Com base nesse arcabouço teórico que orienta a educação brasileira (BNCC,2017), é conveniente para uma aprendizagem cidadã que se explore diversidades de gêneros discursivos (TEODORO-SILVA, 2017) e percepções interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares (FAZENDA, 2008) como o encontro entre música e Matemática (SANTOS, RIBEIRO, 2014); dessa forma se estabelecem o cerne dessa pesquisa com intuito de responder às perguntas de pesquisa: a teoria musical e os recursos metodológicos do ensino de música podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades matemáticas dos alunos garantindo uma aprendizagem mais significativa? Como avaliar se os discentes conseguiram perceber as relações existentes entre a Matemática e a Música como elementos facilitadores da sua aprendizagem?

O cérebro do ser humano normal é composto por duas metades ou hemisférios: o direito e o esquerdo. Na maioria das pessoas, o hemisfério direito (emoção) comanda o lado esquerdo do corpo e estimula a linguagem, o raciocínio lógico, os tipos de memória, o cálculo, a análise, a resolução de problema e os sons relacionados com a linguagem verbal. O hemisfério esquerdo (razão) comanda o lado direito do corpo e estimula as habilidades manuais não verbais, as instruções, a imaginação, os sentimentos e a síntese, além de perceber a música e os sons emitidos por animais.

Embora se diga que a percepção da música se localiza primordialmente no Hemisfério direito do cérebro, sabe-se, hoje, que o aprendizado musical depende dos dois Hemisférios, isto é, tanto da razão como da emoção (CONSOLINO, 2019).

Diante do exposto, evidencia-se que desenvolver o estudo da Matemática associado à Música estimula ambos os lados do cérebro, possibilitando uma aprendizagem mais eficaz também da Matemática.

Analisando aspectos históricos, culturais e estruturais da Música e da Matemática percebe-se as relações de interdisciplinaridade existentes entre essas duas áreas de conhecimento. O conhecimento da matemática foi importantíssimo no desenvolvimento da estruturação e da morfologia musical, construção dos sistemas musicais, escalas, intervalos, entre outros. Do ponto de vista metodológico, a inteligência musical permite o desenvolvimento de habilidades de concentração e abstração. Portanto, a utilização da música como recurso metodológico para o ensino da Matemática é muito importante, pois permite por meio de atividades a construção do pensamento lógico-matemático do aluno (SANTOS; RIBEIRO, 2014).

Santos e Ribeiro (2014) afirmam que:

Para atingir o objetivo de desenvolver uma abordagem didática utilizando a Música no processo de ensino-aprendizagem da Matemática, por meio de atividades que ajudam a construir o pensamento lógico-matemático do aluno podem ser utilizadas estratégias como: estimular a memória, a criatividade e o raciocínio lógico; exercitar as habilidades de ordenação, inclusão e sequenciamento; exercitar a coordenação motora por meio de atividades rítmicas; contribuir para a socialização e a integração das crianças; desenvolver nas crianças as capacidades e oportunidades de praticar, imitar, imaginar, adquirir competência, confiança e autonomia.

POSSÍVEIS PRÁTICA MUSICAIS ASSOCIADAS À MATEMÁTICA

USO DE GÊNERO DISCURSIVO NAS SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

Os gêneros do discurso, formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio-historicamente (BAKHTIN, 1997), são infindáveis nas interações humanas. Tais gêneros variam em primários e secundários, de uma conversa informal a uma tese de doutorado, podem ser oral, escrito ou multimodais. Por meio desses enunciados, garante-se a interatividade entre sujeitos falantes - locutor e interlocutor - atuantes em um ato comunicativo, posto que, ao ouvir e compreender um enunciado adota, para consigo, uma atitude

responsiva, concordando ou não. Pode, assim, completar, discutir, ampliar, direcionar, enfim, atuar de forma ativa no ato enunciativo. O locutor pode confirmar, como defende Bakhtin (1997), não deseja uma reação passiva, mas um retorno, uma vez que age no sentido de provocar uma resposta, atua sobre o outro, buscando convencê-lo, influenciá-lo. Segundo Bakhtin (1997), essa atitude é a principal característica do enunciado.

Gêneros discursivos, conforme expõe Teodoro-Silva (2017) representam o aspecto material e concreto do uso da linguagem. Em outras palavras, os textos sempre são o reflexo de uma estrutura de gênero e da variação linguística referente a Campo (assunto), Relações (papel das relações de poder e solidariedade na interação entre os interlocutores) e Modo (estruturas léxico-gramaticais específicas em cada situação de uso).

As situações de aprendizagem propostas aos alunos, envolvendo Música-Matemática, evocam o compromisso em desenvolver habilidades responsáveis pela formação de um leitor e escritor proficiente (KLEIMAN, 1989), explorando gêneros discursivos, sobretudo, da área de Matemática.

APLICAÇÃO DE OFICINAS

A Matemática e a Música possuem laços que são conhecidos desde a Antiguidade. Segundo Abdounur (2003), os primeiros sinais que relacionavam estes campos de saberes surgem no século VI A.C., quando Pitágoras, utilizando-se de um instrumento denominado monocórdio, observou a relação existente entre o comprimento de uma corda vibrante e o tom musical produzido por ela. A partir deste experimento, foi criado um sistema musical através das relações entre os números inteiros.

OFICINA DE INTERVALOS E ESCALAS: construção do monocórdio, intervalos e escalas

1ª ETAPA: CONTEXTUALIZAÇÃO

Pitágoras é considerado o inventor do monocórdio, um instrumento musical rudimentar, composto de uma corda presa entre dois cavaletes fixados a uma tábua, que ele teria dividido em 12 espaços iguais.

O monocórdio ao ser tocado na modalidade 'corda solta', isto é, presa apenas pelas extremidades produzia um som, uma nota musical que serviria de referência para que pudesse determinar as outras. As novas notas encontradas por ele foram determinadas a partir de proporções numéricas bem definidas, conforme mostra a figura 1.

Fig. 1: Proporções numéricas que determinam as notas da escala musical

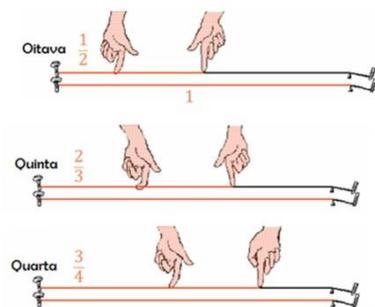


Fig. 1 Fonte: <http://www2.unirio.br/unirio/ccet/profmat/tcc/2011/tcc-marcos>

1. A Tônica, de razão 1:1 comprimento .
2. A Oitava, de razão 1:2 comprimento
3. A Quinta, de razão 2:3 comprimento
4. A Quarta, de razão 3:4 comprimento
5. A Quarta, de razão 3:4 comprimento

Portanto, na escola pitagórica o desenvolvimento de um sistema musical aconteceu através de relações simples de números inteiros, onde a princípio Pitágoras em suas tentativas de relacionar os sons emitidos pela corda inteira com os emitidos por suas partes dividiu um comprimento de corda em frações e descobriu que em $1/2$, $2/3$ e $3/4$ existem relações de consonâncias, o que em Música respectivamente representam a oitava, a quinta e a quarta.

2ª ETAPA: CONSTRUÇÃO DO MONOCÓRDIO

A figura 2 mostra a visualização do monocórdio

Fig. 2 Visualização do monocórdio

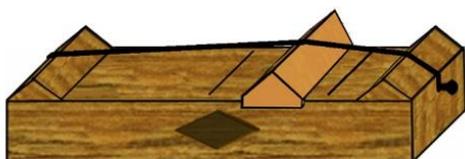


Fig. 2 Fonte:

<http://clubes.obmep.org.br/blog/aplicando-a-matematica-basica-construcao-de-um-monocordio/>

I – Material para a Construção

- Uma tábua de aproximadamente 8080 cm de comprimento, 1010 cm de largura e 55 cm de espessura;
- Dois ganchos com rosca (para fixação da corda);
- Duas cantoneiras de metal (devem ficar entre os ganchos para manterem a corda esticada);
- Um cavalete móvel (pode ser um toco de madeira fino em cima e mais espesso em baixo);
- Uma corda, como por exemplo, corda de violão;
- Uma régua com aproximadamente 8080 cm (para encontrar as frações da corda de uma maneira mais fácil).

II – Construção do Monocórdio

- Visualização esquemática do monocórdio.
- A régua será utilizada manualmente.
- **IMPORTANTE:** A corda deve ficar bem esticada para a produção do som. Ela não pode estar frouxa.

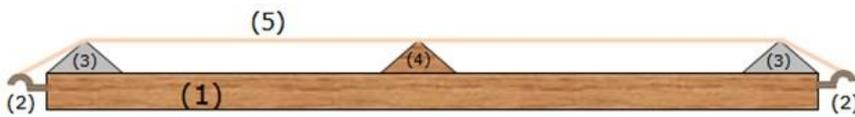


Fig. 3 Fonte: <http://clubes.obmep.org.br/blog/aplicando-a-matematica-basica-construcao-de-um-monocordio/>

1. Base de apoio
2. Gancho
3. Cantoneira
4. Cavalete
5. Corda

III – Explorando o Monocórdio

Depois de confeccionado o monocórdio, explorar vários sons nesse instrumento.

Para isso, é necessário colocar o cavalete móvel embaixo da corda e pressioná-lo de baixo para cima. Tocar na corda com a outra mão, dedilhando-a como em um violão.

Mover o cavalete, pressionar a corda em diferentes lugares e observar o som em alturas diferentes.

IV – Descobrendo talentos

Tentar tocar no monocórdio construído melodias que vocês conheçam.

3ª ETAPA: DETERMINAÇÃO DA ESCALA MUSICAL

No desenvolvimento desta etapa será necessário um violão, guitarra ou um baixo.

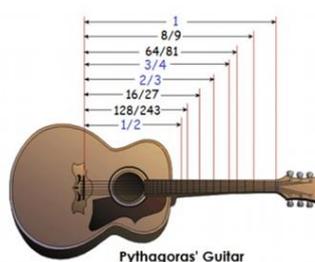
Com uma trena, mede-se o comprimento total do braço do instrumento e, usando-se uma calculadora, efetua-se as operações necessárias para determinar onde se encontra cada nota.

No vídeo apresentarei um baixo elétrico de 5 cordas com comprimento $c=85\text{cm}$.

<https://youtu.be/2zLRKP7zQI0>

FRAÇÕES DO COMPRIMENTO							
DÓ ₁	RE ₁	MI ₁	FÁ ₁	SOL ₁	LÁ ₁	SI ₁	DÓ ₂
1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a
c	$\frac{8c}{9}$	$\frac{64c}{81}$	$\frac{3c}{4}$	$\frac{2c}{3}$	$\frac{16c}{27}$	$\frac{128c}{243}$	$\frac{c}{2}$
85 cm	75,5 cm	67,1 cm	63,7 cm	56,7 cm	50,4 cm	44,8 cm	42,5 cm

A figura 4 ilustra as frações do comprimento do braço do violão que determinam as notas da escala musical.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da Música como uma ferramenta de aprendizagem em Matemática espera-se proporcionar, aos alunos do ensino fundamental séries

finais, uma aprendizagem significativa da disciplina de Matemática de forma mais atrativa, criativa e prazerosa. Outro aspecto a ser considerado, diz respeito ao trabalho conjunto entre professor e aluno que pode auxiliar em uma melhor aprendizagem dos objetos de conhecimento, centralizando-os em uma prática educativa na contemporaneidade.

O estudo em questão mostra que a teoria musical e os recursos metodológicos do ensino de música podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades matemáticas dos alunos garantindo uma aprendizagem mais significativa por meio da percepção que os discentes estabelecem das relações existentes entre a Matemática e a Música como elementos facilitadores da sua aprendizagem.

Defendo que a Música deveria ser sempre explorada para construção de um trabalho interdisciplinar com todos os componentes curriculares, porquanto, espera-se o aprimoramento a *práxis* a favor, sobretudo, da diversidade de cada aluno, bem como facilitando uma aprendizagem mais efetiva de matemática.

REFERÊNCIAS

ABDOUNUR, O. J. *Matemática e música: o pensamento analógico na construção de significados*. 3ª edição. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIBBY, N. *Music and mathematics: From Pythagoras to Fractals*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRÉSCIA, V. L. P. *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo, 2003.

CAVALCANTI, V. de S.; LINS, A. F. Musicalizando o currículo: Uma proposta de ensino e aprendizagem da matemática. *Espaço do Currículo*, v. 3, n. 1, p. 363–379, 2010.

CONSOLINO, A. M. G. A. V. *Metodologias do Ensino em Música*. Taubaté: EdUnitau, 2019.

D'AMBRÓSIO, B. S. Como ensinar matemática hoje? Temas e debates. SBEM, ano II, n. 2, 1989.

D'AMBRÓSIO, U. *Educação matemática: da teoria à prática*. 2ª edição. Campinas: Papirus, 1997.

FAZENDA, I. C. A. (Org.). *Didática e interdisciplinaridade*. 13ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2008.

_____. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (**Ideb**). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Série Documental, Textos para Discussão, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (**INEP**). Censo Escolar, 2010. Brasília: MEC, 2011. JANUZZI, Paulo.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, S. Paulo: Pontes, 1989.

_____, Ministério da Educação e do Desporto; Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume 3: Matemática, Ministério da Educação e do Desporto, Brasília: MEC; SEF, 1998.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SCHÄFFER, Neiva Otero et al. (orgs.). *Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas*. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PEREIRA, M. do C. Matemática e Música: de Pitágoras aos dias de hoje. Pós Graduação em Matemática. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, Thainá Serafim; CASAGRANDE, Samira. *Leitura proficiente: uma leitura para além dos muros escolares*. Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº2, julho/dezembro 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

Relatório técnico do Sistema Nacional de Avaliação Básica o **SAEB**, 2003. Brasília: INEP/Ministério da Educação, 2003a. INEP. Sistema Nacional de Avaliação Básica o **SAEB**, 2003.

ROCK, Gislaine Gonçalves Teixeira; SABIÃO, Roseline Martins. A Importância da Leitura e Interpretação na Matemática. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 02, Vol. 01, pp. 63-84, Fevereiro de 2018. ISSN:2448-0959

SANTOS, A.E. dos; RIBEIRO, M. de S. *A Matemática e a Música: a interdisciplinaridade e a relação lógico musical*. TCC (Licenciatura em Matemática e Música). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014

SANTOS JÚNIOR, A. M. dos. *A importância da Música como instrumento motivador para as aulas de Matemática*. Dissertação (Mestrado em Matemática). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2015

SMOLE, K. C. S. *A Matemática na Educação Infantil: a teoria das Inteligências Múltiplas na Prática Escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

TEODORO-SILVA, M.P. *Interação e persuasão em artigo de opinião Carlos Heitor Cony: um enfoque sistêmico-funcional*. Dissertação de Mestrado LAEL, PUC-SP, 2013.

_____. *Recursos interpessoais da linguagem e o texto dissertativo-argumentativo no ensino da produção escrita para estudantes do ensino médio. Um enfoque sistêmico-funcional*. Tese de Doutorado LAEL, PUC-SP, 2016.

LITERATURA, CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Dr. Pedro Rachid da Costa

RESUMO

A literatura e os contos de fadas contemplam as diversas partes simbólicas e concretas da condição humana e evidenciam a riqueza psicológica da humanidade. A leitura além de instruir, divertir e ampliar o universo cultural do indivíduo. Logo analisar a formação do imaginário de uma nação ou povo se torna algo muito relevante. O objetivo do presente artigo é traçar um panorama e pontos de contato entre a psicologia, educação e a política mediada pela literatura, com foco nos contos de fadas, para a formação do imaginário cultural de uma nação ou indivíduo, lançando enfoque sobre os debates teóricos e conceituais existentes. Como metodologia foi adotada a revisão de literatura para trazer as definições e conceitos dessas áreas e procurar os pontos de mediação. Concluímos que o valor do imaginário é amplo e pode ser trabalhado por diversas linhas teóricas ou disciplinas, por ser uma base para simbolizar a da caverna de Platão e alcançar uma maior compreensão da realidade em que vivemos.

PALAVRAS-CHAVES: literatura, contos de fada, formação do imaginário, leitura, formação cultural.

INTRODUÇÃO

*“Nada está na realidade política de um país que não esteja antes na sua literatura.”
– Hugo Von Hofmannsthal*

A leitura, além de ensinar, tem a capacidade de entreter e ampliar os horizontes culturais do leitor ou ouvinte, como no caso das crianças que não leem. A magia que envolve as ideias das histórias é interessante porque cria uma discussão e descobertas sobre como as imagens simbólicas incorporadas nas histórias podem melhorar o ensino sobre a condição humana.

Sabemos que, desde a antiguidade, desde os primeiros tempos, a tradição de falar dá lições à humanidade e que ainda hoje persistem de diferentes maneiras. A contação de histórias cria oportunidades para as crianças vivenciarem a ficção e, por isso, exploramos o seu potencial quando são introduzidas na educação infantil para incentivá-las a explorar quem são e o mundo ao seu redor.

Os mitos, por terem significados diversos e representarem uma cultura rica, abrangem diferentes áreas do conhecimento, como literatura, filosofia, história, sociologia, psicologia, psicanálise, etc. Os contos de fadas promovem a reflexão sobre a vida, dando às crianças a oportunidade de resolver seus conflitos internos, preocupações, problemas, criando e reproduzindo situações que as ajudem a concretizar seus desejos e objetivos.

Ao trabalhar com ficção, esses valores podem ajudar a inspirar bom comportamento e melhorar a condição humana. Ao mesmo tempo em que a leitura, e a inclusão dos livros no ambiente escolar, podem contribuir para a formação de leitores, o ato de contar histórias desempenha um papel importante no desenvolvimento das crianças, pois além de proporcionar diferentes perspectivas e valores. Na nossa sociedade, a história abre portas para outra questão muito importante para o desenvolvimento humano: a organização das ideias.

Carvalho (2021) traz um exemplo, quando dois indivíduos com muita leitura se encontram, eles têm a possibilidade de inserir em sua conversa referências a livros onde as histórias vão ilustrar sentimentos, sensações e compreensões que em palavras levaria muito tempo para compartilhar. Assim a literatura os proporcionou desses recursos culturais. Assim o valor do imaginário, por sua vez, reflete não apenas o caráter da pessoa, mas também a linguagem e os elementos simbólicos da cultura que possui para transmitir. A cultura tem o poder de moldar o pensamento de um indivíduo, expandi-lo ou difundi-lo, torná-lo mais brilhante ou mais brilhante. Logo pessoas com pouca leitura muitas vezes tem dificuldade para acessar esses recursos simbólicos que estão na realidade, o mesmo ocorre quando Jung relaciona compreender os arquétipos com a cultura da humanidade. Outro exemplo que o autor resgata que os gregos tinham o termo “apeirokalia”, que significa “falta de experiência de coisas belas”, ou seja, a pessoa não consegue sair da caverna de Platão, pois durante sua formação ele não foi apresentado a experiência que formassem um repertório de experiências do belo, para conseguir o reconhecer e o busca-lo em outros momentos culturais e políticos.

Outro autor, George Macdonald, com o seu livro Phantastes, que de acordo com o Tolkien (2020) seria talvez o primeiro a produzir literatura fantástica, possuía uma área de sobreposição ao conceito dos contos de fadas, mas com características

próprias e alguns temas exclusivos, como futuramente se formou o estilo denominado “Espadas e bruxas”. Os clássicos e talvez a principal seleção de contos para se analisar estão contidos nos livros dos irmãos Grimm “Contos de fadas dos irmãos Grimm” e o “Novos Contos” e os dois volumes de Hans Christian Anderson. Além da coletânea de contos Indianos e Celtas de Joseph Jacobs. Os exemplos que foram lidos, mas não se afastando a proposta dessa pesquisa o “O vento nos salgueiros” e o pássaro de fogo e outros contos de fadas russos e o “Velas escarlates: conto feérico”, também russo. Não foram foco deste estudo definir e diferenciar os conceitos de contos de fadas, contos fantásticos, contos de fantasia, literatura e afins, mas o observar como essas históricas participam da construção do imaginário cultural e político de uma nação.

Os contos populares começaram a ser bem recolhidos em diferentes países, primeiro no estado alemão, depois no italiano e na Rússia, entre outros países, tal processo revelará os medos e desejos, o que toca e o que atrai estas pessoas. Com o tempo, a maioria deles tornou-se suave e, no século 20, Walt Disney e outros produtores os transformaram em filmes suaves e gentis. Recentemente, graças a filmes, desenhos animados e séries como Malévola, Branca de Neve e o Caçador, Chapeuzinho, João e Maria: Caçadores de Bruxas, Era Uma Vez e Grimm, começou a recriação desses contos de fadas. Quem, em algum momento de sua vida, nunca esperou que Branca de Neve não mordesse a maçã que lhe foi dada pelos pais da bruxa nem pensou em como Jack, do alto de seu personagem, derrotaria o grande homem. Estas histórias, no seu início, não tinham a intenção de suavizar a verdade e seu resultado é educacional ou moral.

Já sobre os contos de fadas celtas deve-se em grande parte ao fato de estarem agrupadas como se fosse um ponto alto natural do imaginário popular. As histórias celtas foram compiladas quando a prática de contar histórias ainda estava ativa, embora não haja indicação de que seus dias tenham acabado (JACOBS, 2021a). Já a literatura indiana é, em grande medida, o resultado das mudanças culturais e geográficas associadas ao nome de Siddhartha Gautama, o Buda. À medida que crescia a influência de sua vida e de seus ensinamentos, surgiu o desejo de conectar todas as histórias famosas da Índia com o grande mestre. Portanto, ao descrever o Buda e os heróis dos contos populares e os personagens principais das histórias de

animais, os budistas poderiam incluir todas as histórias em suas escrituras e levar consigo o instinto humano de contar histórias. Ao fazer do Buda uma figura central na literatura popular indiana, os seus seguidores também inventaram a história como forma de arte literária (JACOBS, 2021b).

A autora também diz ter dificuldade para analisar os contos, por falta de estrutura, por motivação dos personagens, pela falta de mensagem clara que existe nas histórias. Mas ela reforça que devemos utilizar os conceitos junguianos de forma cuidadosa nas análises. Portanto “estudar uma lenda é como estudar o corpo todo de uma nação. Estudar um conto de fadas é como estudar um esqueleto” (p.18) onde esses contos foram formados muitas vezes de situações reais que aconteceram, mas podemos observar eventos fantásticos que se parecem com contos de fadas na realidade (FRANZ, 2021).

Num dos contos da coleção, vemos a dualidade de nossas vidas, que destrói e salva, funciona bem como metáfora para o debate atual sobre apoio e cuidado. Um conto de fadas sem contexto, mas com associação, pode ser pensado como um sonho. Músicas doces e cheias de palavras bonitas, mas sem nenhum sentido ou contexto, e o máximo que todos possam entender, como pedaços de coisas diferentes. Um bom poema pode ter grande significado simbólico e efeitos indiretos, como a música. É por isso que a natureza canta apenas como sala de mágico, sala de cientista, creche, pilha e abrigo (MOURA, 2020).

Essas histórias consideradas de "fadas" a maioria das boas "estórias de fadas" são situações de indivíduos no Reino Perigoso ou em suas fronteiras imprecisas, um reino mágico ou com uma verossimilhança. Existe uma parte, com fortes elementos morais, às vezes de forma simbólica, concreta ou de com alegorias. Surgindo assim uma "suspensão voluntária", da mente, que seria necessariamente para alcançar essas vantagens da leitura dos contos de fadas (TOLKIEN, 2020).

Os contos de fadas russos não são muito conhecidos no Ocidente e possuem características próprias, como uma forte ligação com a natureza, que é fria, por exemplo, é definido quem pode ser bom ou mau, dependendo de como as pessoas administram isso. As mulheres são menos passivas, o seu próprio caminho depende delas, como pode ser visto no último símbolo feminino destas histórias selecionadas, que é a misteriosa Baba Yaga. Como uma espécie de Mãe Natureza que atormenta,

desafia e ajuda, muitas vezes funciona como um ritual entre a infância e a idade adulta.

Se os adultos devem ler contos de fadas para as crianças, sem pretender escolhê-los para crianças ou para ser crianças que não querem crescer, qual é o princípio e a função deste tipo? Se usarmos a criança com bom senso, isso não deve nos levar à sensação de que apenas adultos ou adultos são maus. O processo de envelhecimento não está necessariamente ligado ao processo de envelhecimento, embora os dois andem frequentemente de mãos dadas. As crianças deveriam crescer não se tornar Peter Pans. Não para sermos inocentes e surpresos, mas para continuarmos o caminho com esperança (TOLKIEN, 2020).

Os mitos são como sonhos não relacionados. Coisa e acontecimento maravilhoso, como um pensamento musical, o resultado corresponde ao violão cólico, à própria natureza. Na verdadeira ficção, tudo deve ser maravilhoso, misterioso e interligado; todos animados, cada um de uma maneira diferente. Toda a natureza estará misturada no mundo do espírito; esta é uma época de caos, de caos, de liberdade, de natureza, a época do mundo. O mundo da ficção é exatamente o oposto do mundo da realidade e, portanto, parece que o caos é a perfeição da criação.

CONTOS DE FADAS

A necessidade de comunicar fez do homem um contador de histórias; explica os fatos e os tempos da vida e conta como eles interagem com a sociedade. Partindo da ideia de que as habilidades de aprendizagem devem ser transmitidas de forma eficaz e prazerosa, entendemos que as histórias remetem ao universo cultural e que seu significado permite à criança ir além do conceito de texto. Essas histórias podem ser contadas como uma das primeiras histórias para às crianças.

Os livros infantis são considerados uma grande fonte de conhecimento e informação, proporcionando aos jovens leitores horas de alegria e muito aprendizado, tornando-os cada dia mais interessados pela leitura. Através das histórias, as crianças podem descobrir um novo universo, promovendo as regras das tradições orais, valores, pensamentos e sentimentos, que contribuirão para o seu desenvolvimento pessoal, percebendo a sua capacidade de criar coisas novas e independentes através

da magia e da imaginação (SILVA, 2021). Essas estranhas fantasias e encantamentos para internalizar o desenvolvimento as pessoas. Todos esses fatos definem os romances de cavalaria do ciclo arturiano, esses romances encontram a primeira referência às lendas como as responsáveis pelo bem ou pelo mal dos protagonistas, e representam os poderes espirituais ou metafísicos (COSTA, 2019).

A história dos livros infantis dirigidos ao público infantil a partir do século XVII, na França, durante o reinado de Luís XIV, o Rei Sol, e a adaptação de alguns contos de fadas, criados por Charles Perrault. Essas histórias visam inculcar moral e valores nas crianças para a vida e a coesão social. O contato com as histórias foi feito por meio da tradição oral, realizada pelos mais velhos. Pesquisadores afirmam que as histórias têm a capacidade de atrair o público, além de proporcionar entretenimento e interesse pelas notícias (CANTO, 2021).

Considerando que a literatura, será um instrumento didático para o ensino, dentro e fora da escola, da transmissão de valores morais, sociais e até religiosos (SILVA, 2021). Ao mesmo tempo, ainda na Europa, as crianças mais pobres não tinham oportunidade de ler nem de escrever. Antigamente, a sociedade estava dividida em três grupos bem definidos: sacerdotes, nobres e escravos e pouco espaço havia para leitura e o estudo (COSTA, 2019).

No Brasil, a aceitação da literatura infantil como forma livre e independente ainda é recente. A necessidade do debate baseia-se por um lado é a necessidade de criação de livros infantis e a escolha de textos destinados ao público infantil. A partir daí, Lobato passou a investir gradativamente em livros infantis, atuando por um lado como escritor e por outro como empresário desenvolvendo um livro de construção residencial. Monteiro Lobato acredita no contato da pessoa com o texto escrito, desde a infância, pois pode despertar a imaginação, além de ser interessante para ela e para sua experiência como leitor (SILVA, 2021).

A literatura tem também sua função psicológica que oferece ao indivíduo a oportunidade de fantasiar, nas suas mais variadas formas e conceitos, os conceitos de Jung, da formação do imaginário, do Feérico de Tolkien, e os próprios contos. E na infância, o aprendizado vem da brincadeira e da interação. Considerando que as crianças têm um universo próprio cheio de sonhos e fantasias, estas histórias podem dar-lhes a oportunidade de explorar o seu próprio mundo imaginário, um mundo onde

tudo é possível, até produtos de alta qualidade. Essas histórias falam sobre o que todos nós sentimos nascidas da necessidade humana de compreender as coisas que afetam a condição humana (CANTO, 2021). Assim as crianças se apegam às histórias, por meio delas são capazes de vencer seus medos (FREUD, 1976; SILVA, 2021). Pois cada pessoa e sociedade têm suas próprias formas de experienciar esta realidade psíquica (FRANZ, 1981).

Através dos contos de fadas, as crianças têm a oportunidade de viajar por um mundo maravilhoso que inspira imaginação, criatividade, sonhos e fantasias. Ouvir contos de fadas facilita a aquisição de experiências que contribuem para o processo de formação do conto de fadas. O significado simbólico implícito nas tramas ficcionais pode afetar os sentimentos das crianças, amenizando gradativamente os conflitos comuns nesta fase da vida. Essas narrativas organizam valores e também permitem que as crianças tenham uma percepção dos múltiplos significados da realidade (CANTO, 2021).

As crianças são mais suscetíveis do que os adultos a experiências estimulantes da imaginação, mas com a literatura pode formar o seu imaginário, misturando os mundos das histórias com a realidade, através da formação de padrões de comportamentos, formação e mudança de cultura. Portanto, ouvir histórias é uma forma de estimular o desenvolvimento global da linguagem aliado a imaginação.

Os contos de fadas cativam o público quando são contados e, do ponto de vista da infância, pode-se dizer que os contos de fadas têm um grande potencial para incentivar as crianças a correrem riscos através da linguagem e dos aspectos simbólicos vivenciados na linguagem e através da linguagem e da realidade. As narrativas podem contribuir para a descoberta da condição humana, facilitando e traduzindo significado na vida dos seus ouvintes. Por meio deles, são transmitidos valores da cultura à qual a criança já pertence, o que é uma forma de reforçar determinados comportamentos e atitudes existentes em nossa sociedade (BENJAMIN, 1994; CANTO, 2021).

Os contos de fadas estão entre os gêneros literários mais férteis do imaginário popular. Essas histórias funcionam como válvulas de escape, permitindo que as crianças vivenciem seus problemas psicológicos de forma simbólica. Os contos de fadas nos revelam os primeiros passos que a humanidade deu para escapar do

pesadelo do mito. Essas histórias são constituídas por tramas que permeiam o imaginário social, expressam sentimentos comuns a todas as pessoas e surgem da necessidade humana de compreender fenômenos que permeiam a condição humana de vida. Geralmente composto por figuras que representam simbolicamente valores e estruturas sociais antigas. Neste mundo convivem criaturas maravilhosas (fadas, bruxas, anões, gigantes, ogros); pessoas superiores, que gozam de privilégios reais (reis, rainhas, príncipes, princesas), e pessoas inferiores, que exercem Civis em funções “servis” (servos, servos, enfermeiras, atendentes, lacaios, guardas, comerciantes, pessoas comuns) (BENJAMIN, 1994; CANTO, 2021).

Inicialmente, as histórias eram direcionadas a mulheres, homens e crianças. Todos se reúnem para ouvir histórias sobre as tradições e valores de diferentes culturas. Por meio de suas experiências e das personagens, muitos portais são abertos, dando vida a verdades humanas, por vezes escondidas e armazenadas no inconsciente do indivíduo, trazendo sentido e valor simbólico aos dilemas existenciais. Os valores embutidos nessas narrativas permitem que as crianças compreendam a realidade dos múltiplos significados que existem no mundo social (CANTO, 2021).

Ao longo do tempo, esse tipo de narrativa foi se simplificando e sendo introduzido nas áreas de literatura infantil. Alguns valores mudaram no século XIX, com a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Isso ajudou a construir a sociedade burguesa, estruturar as famílias e aceitar a criança como um ser que precisava de atenção especial para sua formação humanística, cívica, espiritual, ética e intelectual. Os textos foram publicados separadamente em sua primeira edição, contendo ainda os finais cruéis. No entanto, alguns professores do Iluminismo criticaram os contos de fadas, afirmando que eram contados por mulheres ignorantes e incultas (COSTA, 2019).

Devido à influência cristã predominante na época e à polêmica levantada pelos intelectuais, os irmãos Grimm foram obrigados a remover os contos de violência ou maldade. Já Charles Perrault mantém em seus contos traços classicistas, são mais racionais (razão vem antes da emoção) com uma literatura direta e simples; já os contos dos irmãos Grimm são principalmente românticos, mas também possuem uma linguagem mais fantasiosa e subjetiva; acrescentou um final feliz (COSTA, 2019).

A criança deve ser introduzida no mundo da leitura, principalmente pelos pais leitores, que criaram envolvimento, interesse e ambientes de aprendizagem favoráveis. A bagagem social e cultural que os pais fornecem no início é muito importante. Explica que é dever dos pais promover a leitura de maneira significativa e proficiente, o que permite que o professor desenvolva o aluno com a leitura. Assim, quando os pais ajudam e orientam seus filhos desde o início, seja em qualquer atividade, eles os oferecem uma atenção social mediada. Isso ocorre porque a aprendizagem ganha significado e contribui para um bom desempenho dos alunos na escola (ABRAMOVICH, 1988; COSTA, 2020).

Especialmente a partir do século XIX, os textos orais passaram a ser cada vez mais conscientemente dirigidos às crianças, e as suas edições levaram à criação de corpora de literatura infantil. Nas últimas décadas, os textos tradicionais têm recebido uma ênfase renovada, sublinhando um aspecto prático desta questão que foi a elevação das tradições orais ao estatuto de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2003 (DIAS e PIRES, 2021).

Lugar, tempo, personagens, problemática, desenvolvimento da trama e conclusão de uma história são elementos essenciais de uma história. As imagens arquetípicas podem ser examinadas a partir dessas observações e, como resultado, o processo de manifestação dessas imagens ancestrais no inconsciente coletivo. A seguinte consideração é feita pela autora sobre isso. Os contos podem ser categorizados de acordo com esses critérios: animais, magia, religião, realistas, sobre ogres estúpidos (como gigante ou demônio), anedotas e histórias divertidas, contos de fórmula e uma seção de contos de outros catálogos com critérios diferentes para categorização. Os contos de animais que colocam os animais em cena como únicos protagonistas ou principais protagonistas são o foco de nosso estudo.

As imagens míticas, retiradas da mitologia por meio da linguagem figurada, podem expressar forças naturais (sol, chuva, tempestade, noite), nascimento, doença, morte, para descrever situações reais relacionadas ao ambiente sagrado. Os arquétipos representam impulsos inconscientes que emergem do inconsciente, abrangendo características e comportamentos humanos. Von Franz complementa (1981, p.17) “um arquétipo é um impulso psíquico específico que produz seus efeitos

como um único raio de irradiação e, ao mesmo tempo, um campo magnético expandindo-se em todas as direções” (CANTO, 2021).

Portanto, a literatura melhora a fala, promove o debate, amplia ideias, contribui para uma melhor comunicação e, à medida que se desenvolve na cultura, pode difundir a capacidade de mudança de histórias pessoais. É importante ressaltar que bons textos escritos têm um papel interessante e educativo, porque fazem a diferença na vida das pessoas, criam experiências humanas profundas, porque ajudam a esclarecer dúvidas sobre a vida, inspiram sabedoria e a busca pelo autoconhecimento e no mundo.

FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO

Eu chamaria de literatura, em sentido amplo, todas as criações que tenham poesia, ficção ou toque dramático em todos os níveis da sociedade, em qualquer forma de cultura, desde o que chamamos de fábulas, contos, até as formas mais complexas de texto da produção de uma civilização. O acesso à boa literatura significa ter informação cultural que promova o pensamento e estimule o interesse pela leitura. Onde a escrita promove, por meio das imagens, a formação da consciência, do repertório do imaginário e serve como fonte de inspiração para a compreensão da experiência humana.

Porém, é muito importante que a pessoa, quando o possui, desenvolva o caráter em sua vida pessoal e social. Certos tipos de trabalho mental baseiam-se numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, de fato coextensiva ao homem, como sempre se revela na sua vida, como indivíduo e como grupo, na área da satisfação das necessidades mais importantes. Isto também acontece entre povos primitivos e civilizados, entre crianças e adultos, entre pessoas instruídas e não instruídas (CANDIDO, 2002, CANDIDO, 2012; CANTO, 2021).

A prática de contar histórias é antiga e sempre foi uma importante ferramenta de transmissão de conhecimento, moda, estilos e ideias culturais da época. A lenda é assim. Foi feito com o intuito de ensinar através de uma história, tem forma e energia porque nela fica evidente o verdadeiro trabalho de cultura e aprendizagem. A história, é claro, não foi feita para crianças; ele foi feito para ensinar, transmitir conhecimentos

e valores culturais a adultos que eram facilmente influenciados por bruxas, espíritos malignos, anões e outras ideias da sociedade. Estereótipos que, tomados literalmente, são fáceis de identificar. Devido ao destino desta tradição, a história não parou no tempo, provocando mudanças nas histórias. A história, com sua complexidade e significado, pode ser forma de ensino, de ideias, de estilos de vida e de esperanças, além dos anseios de cada época; trabalha para estabelecer um estilo literário que, nas mãos de homens de influência.

Segundo Von Franz (1981), à medida que um adulto explica um conto de fadas, quanto mais à mente for treinada e desenvolvida, melhor será a interpretação, já para a criança, o significado emerge da linguagem figurada, dos sentimentos expressos quando ela descobre o herói e a heroína da história, nessas histórias, os atores carregam um poder arquetípico, cujo objetivo é superar obstáculos e superar necessidades e preocupações. Citamos algumas leituras das imagens dos contos, seguindo a teoria de Jung e Von Franz, para descobrir como essa rede de arquétipos simbólicos pode contribuir para a formação da criança e o desenvolvimento da experiência quando contada na educação infantil (CANTO, 2021).

Em consonância, Von Franz (1981), insiste que os mitos são as expressões mais puras e simples do sistema psíquico do inconsciente coletivo, representam arquétipos nas suas formas mais simples, completas e concisas. Ou seja, as histórias, além de interessantes, refletem uma variedade de expressões, inclusive reais e socialmente criadas e reproduzidas (CANTO, 2021).

Para serem leitores competentes e habilidosos na prática diária, eles devem ser críticos e alfabetizados. É importante que pais e professores incentivem a leitura desde cedo. Conforme mencionado na primeira parte, as crianças ouvem histórias oralmente, o que é útil para a relação das crianças com o mundo da leitura. Os adultos são mediadores no processo de crescimento das crianças e fornecem recursos para mudanças e conhecimentos.

O propósito de fazer com que as crianças valorizem, desde pequenas, o momento de sentar e ouvir a história exige que o professor, como leitor, pense em lê-la com interesse, crie algo interessante e interessante para ouvir, prenda a atenção de crianças, expectativas, permitindo-lhes olhar para textos e exemplos durante a leitura de uma história (CANTO, 2021; RCNEI, 1998).

Trabalhar e contar histórias pode ter um efeito positivo porque faz a criança pensar em algo novo cada vez que a ouve novamente. Lembramos que a mesma história pode ser contada de maneiras diferentes. Nesta seção lemos no Programa de Referência Nacional para a Educação Infantil que, repetir a história é sempre uma coisa boa, a criança vê algo novo depois de ser contada. Todo mundo que convive com crianças sabe o quanto gosta de ouvir a mesma história repetidas vezes, pelo prazer de conhecê-la, compreendê-la e seu significado, seguindo o mesmo padrão e antecipando o efeito que ela terá. Isso mostra que crianças que ouvem muitas histórias podem adquirir conhecimentos sobre a linguagem escrita (CANTO, 2021; RCNEI, 1998).

Para entender quais mitos, símbolos, arquétipos e inconsciente coletivo estão presentes na mitologia, as ideias de Carl Gustav Jung e Maria Louise von Franz nos ajudam. A mitologia é estudada no campo das coisas sagradas; os arquétipos correspondem ao domínio humano e os símbolos pertencem ao domínio linguístico, de onde surgem os chamados mitos e arquétipos como realidade. Mitos e lendas são os meios pelos quais as histórias são contadas, ou seja, os símbolos e símbolos que conectam a linguagem a ser explicada, tornam a história contável e significativa para o ouvinte ou para o leitor. Portanto, pode-se dizer que a estrutura principal ou os principais elementos do mito são construídos na forma de palavras comuns, que estão ligadas à cultura coletiva desconhecida do país onde surgiu e podem ser explicadas de maneira mais fácil, porque o mito é menor e dividido.

Este símbolo fornece informações que estão incrustadas no inconsciente da alma e que se manifestam fora da vida da pessoa e, desta forma, podemos encontrar experiências que impactam no dia a dia de uma pessoa, principalmente na expressão de suas emoções. Ou seja, a lenda vem do mundo passado, representa a espiritualidade e os ensinamentos tribais, transmitidos de geração em geração. Os antecedentes arquetípicos nas histórias representam emoções e estruturas complexas, que as crianças podem compreender. Através do enredo da história e de seus escritos é possível desvendar o que está acontecendo dentro da pessoa, permitindo assim o autoconhecimento, apoiando soluções para conflitos internos e proporcionando uma melhor comunicação no mundo.

Sabemos que os textos textuais permitem ao leitor viver metaforicamente através dos pensamentos que o texto e/ou as imagens escritas evocam. Quando você conta contos de fadas para as crianças, elas instantaneamente se identificam com eles e captam todos os estados de espírito e emoções da história. Os ensaios e, portanto, os livros infantis carregam um sistema de referência que permite a cada leitor organizar seu trabalho espiritual por meio de suas próprias experiências e compreensão. Assim como eles, as crianças são incentivadas a não se perderem, a serem corajosas, a enfrentarem as ameaças e a sua coragem, a desenvolverem o caráter de unidade, bondade, amor e a acreditarem que as coisas boas podem vencer o mal (ARIÈS, 1981, CANTO, 2021; FARIA, 2010, FRANZ, 1981).

As histórias começam rapidamente com problemas ligados à realidade, como a falta de amor da Cinderela, a pobreza de João e Maria ou o conflito entre a filha e a avó e Branca de Neve. Em busca de uma solução para esses conflitos, aparecem pessoas mágicas: fadas, anões, bruxas. E a história termina com um retorno à realidade, em que os heróis se casam ou voltam para casa. Portanto, entendemos a importância das histórias, não só para o imaginário da criança, mas também para a vida real, dando-lhe esperança de que os problemas da vida possam ser resolvidos (SILVA, 2021, RESSURREAÇÃO, 2005).

Os mitos têm sido identificados, principalmente como jogos, mistérios e magia, como se quisessem calcular o outro lado da realidade que trazem, como informações objetivas. A iniciativa dos Irmãos Grimm de compilar esses contos, é mostrar interesse pela sociedade e cultura que criou os contos de fadas, mostrando que a coleção de contos de fadas pode esconder o verdadeiro conhecimento do cidadão, que consegue compreender o significado crítico e universal da história (COSTA, 2019).

Os contos de fadas podem oferecer os modelos mentais de comportamento, que podem ser refletidos e assim adotados, apresentando virtudes à atitude a serem copiadas, aliado a formação de valores culturais. A inspiração para as histórias que os agricultores contam vem do seu dia a dia, mostraram a diferença entre a segurança da casa e da aldeia e os perigos da estrada e da floresta. Crueldade, maldade e luxúria fizeram parte da situação que levou a um final infeliz, não traziam referência à criança, porque não há diferença entre uma criança e um adulto; as crianças se

vestem e trabalham como adultos tendo como objetivo educar e unir a comunidade (ARIÈS, 1981, COSTA, 2019; RIBEIRO, 2005).

As histórias das tradições orais se espalharam a ponto de atrair a atenção dos linguistas, levando-os a registrar tais palavras. Quando Grimm os colecionou, os contos de fadas não eram escritos para crianças. Ao analisar detalhadamente o mito, podemos ver o desenvolvimento cultural do Estado, da religião e da família que permanece nesta história, apesar de sua reconstrução por meio de resumos abstratos (COSTA, 2019).

A educação literária nos permite não apenas aprender sobre a vida a partir das experiências dos outros, mas também viver essa experiência, ou seja, a ficção que se expressa através das palavras da história e das palavras que se constroem como uma forma de organizar a linguagem, do leitor e do escritor, ambos nos dão a oportunidade de dizer o que não sabemos expressar apenas em palavras formamos uma história que transmite um sentimento compartilha com todos. É por isso que nos aprofundamos na condição humana com canções, lendas, contos de fadas com a literatura (COSSON, 2005; COSTA 2020).

Ouvir a história é resgatar a herança do homem, os seus medos, as suas descobertas e os seus desejos. As crianças sabem muito bem que essa herança fica evidente na atmosfera de seus sentimentos, e é aqui que a figura do professor/contador de histórias intervém como mediador nesse processo de aprendizagem sobre o controle emocional (BERNARDINO, 2011, COSTA 2020; SOARES, 2017; SOUZA;).

Desta forma, examino a natureza e o poder da difusão da história para construir a formação do imaginário de uma sociedade. Os sentimentos são uma forma de estar no mundo e são importantes na formação e construção do pensamento social, sendo a nossa forma de conhecer e refletir sobre a realidade dos nossos modos, sentimentos e ações no mundo. Sujeitos com potência de pensamento e cultura são construídos e traduzidos em palavras e representações que se constroem no processo histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos compreender a experiência como o ato de experimentar e provar por meio desta análise. Observamos a venda de experiências como um produto na vida cotidiana moderna, por meio de alimentos, viagens, passeios ou shows, envolvimento crescente das pessoas com o mundo virtual e midiático. Como resultado, há uma preocupação maior em trazer essas pessoas para o mundo real, sendo as histórias podem servir como uma espécie de prevenção às experiências virtuais diárias que são vivenciadas demais.

Adultos e crianças participam do mesmo ambiente e atividades, inclusive no que diz respeito à educação escolar, na política e na cultura. Apresentar os livros de forma interessante não significa que não deva ser levado a sério, pois como principal método de formação de novos leitores, além do entretenimento, deve ensinar tratamento da importância da literatura com seriedade.

Portanto, foi possível perceber a importância do espaço da escola para a divulgação de literatura e o quanto o docente pode contribuir nesse processo, já que é ele quem vai trazer as histórias para as crianças. Apresentar a leitura como uma experiência de leitura significativa e agradável.

Podemos notar assim o papel do imaginário sobre os diversos temas abordados e como esse tema é de grande complexidade e apenas parte conseguir trazer a discussão aqui. Evidência como a sociedade escolhe os elementos culturais e simbólicos que vai transmitir e como eles envolvem escolhas educacionais, políticas e sociológicas, moldando parte da cultura. E como o indivíduo deve utilizar a literatura para ampliar seu imaginário e ultrapassar a fronteira da sua experiência imediata.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2001.

ANDERSON, Hans Christian. **Contos de fadas de Anderson vol. I**. Jandira – SP, Principis, 2020a.

_____, Hans Christian. **Contos de fadas de Anderson vol. II**. Jandira – SP, Principis, 2020b.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.(Obras escolhidas, 1)

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.

Disponível em: <

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf > Acesso em: 30 out. 2023.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfica, 1988.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/2N1KJOW>. Acesso em: 02 abr. 2020

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Campinas, SP, Remate de Males, 2012. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001022230>.

_____. Vários escritos. In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CANTO, Luana Grohe. A arte de narrar contos de fadas e a formação da criança na primeira infância: diálogos com a Base Nacional Comum Curricular/Luana Grohe Canto. — São Paulo, 2021. 98 f.: il. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) — Universidade Santo Amaro, 2021. Orientadora: Dra. Maria Auxiliadora Fontana Baseio.

CARVALHO, Olavo. **Diário filosófico volume 1**. Campinas – SP, Vide Editorial, 2021.

COELHO, Nelly Novais. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____, Nelly Novais. **Os contos de fadas**. São Paulo: Moderna, 2003.

COSTA, Aline Cássia. **A importância da literatura infantil no desenvolvimento da criança: uma revisão bibliográfica**. IPAMERI (GO) Instituto federal goiano campus avançado ipameri programa de pós-graduação *lato sensu* docência no ensino superior, AGOSTO/2020.

COSTA, Jefferson Silva. Uma visão crítica dos contos de fadas dos Grimm. Caderno da Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança. Curitiba, vol. 2, n. 2, p.82-97, jul./dez. 2019.

DIAS, Ana Catarina; PIRES, Maria da Natividade Carvalho. Contos tradicionais dos países lusófonos – uma experiência de promoção de educação intercultural no 1º ciclo do ensino básico. **Poiésis**, Tubarão/SC, v.15, n.27, pp.73-92, jan./jun., 2021.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FRANZ, Maria-Louise Von. **Significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fadas**: um estudo arquetípico sobre conflitos e problemas de relacionamento. São Paulo, Editora Cultrix, 2021.

_____, Marie Louise Von. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1981.

_____, Marie-Louise Von. **A sombra e o mal nos contos de fadas**. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____, Marie-Louise Von. **A individuação nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1999.

GRAHAME, Kenneth. **O vento nos salgueiros**. Jandira – SP, Principis, 2021.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Novos Contos**. Editora Itatiaia – BH, 2006.

_____, Jacob e Wilhelm. **Contos de fadas dos irmãos Grimm**. Jandira – SP, Principis, 2019.

GRIN, Aleksandr. **Velas escarlates**: conto feérico. Jandira – SP, Principis, 2021.

JACOBS, Joseph. **Contos de fadas celtas**. Jandira – SP, Principis, 2021a.

_____, Joseph. **Contos de fadas indianos**. Jandira – SP, Principis, 2021b.

JUNG, C.G. **Símbolos da Transformação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2012

MACDONALD, George. **Phantastes**. Jandira – SP, Principis, 2021.

MOURA, Adriana. **O pássaro de fogo e outros contos de fadas russo**. São Paulo, Leya Brasil, 2020.

PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. Belo Horizonte: Villa Rica, 1992.

RODRIGUES, Edson José Júnior. A batalha do fantástico: panorama teórico-crítico do século XX. **Revista Água Viva**, v.6, n.2, Edição Especial, 2021.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Magali, de m. delly e a trilogia cinquenta tons de cinza: uma análise da literatura de massa para mulheres. ISSN: 2177-5648 **OP SIS** (On-line), Catalão, v. 17, n. 1, p. 99-120, jan./jun., 2017

SILVA, Faele Oliveira Laureano. **Reflexões sobre os contos literários e seus benefícios no processo da aprendizagem das crianças da educação infantil: uma revisão integrativa.** Governador Mangabeira - BA, 2021.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

TOLKIEN, J.R.R. **Árvore e folha.** Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NA LIDERANÇA E SEU IMPACTO NA MOTIVAÇÃO DOS COLABORADORES

Miranda, Vitória Stéphani
Narita, Carlos Ossamu Cardoso

RESUMO:

A comunicação desempenha um papel vital na liderança eficaz e na motivação dos colaboradores. O estudo propõe investigar a relação entre a qualidade da comunicação do líder e o nível de motivação da equipe, levantando questões sobre a capacidade dos líderes em comunicar visões e metas de maneira inspiradora. Muitas organizações enfrentam desafios na liderança e comunicação, levando a colaboradores desmotivados. O objetivo da pesquisa é identificar como a comunicação do líder afeta a motivação dos colaboradores e propor estratégias para melhorá-la. O problema central é a falta de consciência sobre como os líderes podem aprimorar sua comunicação para influenciar positivamente a motivação da equipe. O estudo destaca que líderes que adotam práticas de comunicação eficazes têm uma influência positiva na motivação, citando exemplos como feedback construtivo, escuta ativa e transparência. Espera-se que o desenvolvimento de habilidades de comunicação para líderes contribua para um ambiente de trabalho mais motivador e melhores resultados organizacionais, destacando que a comunicação é um catalisador poderoso para o engajamento e comprometimento dos colaboradores.

PALAVRAS-CHAVE: Liderança; Colaboradores; Motivação; Comunicação; Liderança Motivadora.

INTRODUÇÃO

A comunicação desempenha um papel fundamental na liderança eficaz, especialmente em um ambiente empresarial em constante mudança e repleto de desafios. Líderes de sucesso têm a habilidade de se comunicar de maneira inspiradora, o que influencia diretamente o comprometimento, o engajamento e a motivação de suas equipes, afetando, conseqüentemente, o desempenho e o êxito da organização. *“O líder tem a capacidade de desmotivar o mais motivado de seus colaboradores”*. (TEJADA, 2013 p.15), mas também há líder que tem o dom de motivar os colaboradores, ainda de acordo com o autor: *“A verdadeira liderança tem*

143

o dom de despertar a motivação nos colaboradores. O verdadeiro líder faz com que sua equipe faça com prazer aquilo que precisa ser feito.” (TEJADA, 2013 p.15).

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo aprofundar nosso entendimento da relação entre liderança e comunicação, destacando como líderes eficazes empregam estratégias de comunicação para motivar os colaboradores. Através de uma análise detalhada, exploraremos os componentes fundamentais da comunicação eficiente, os obstáculos que as organizações enfrentam em termos de liderança e comunicação, e as abordagens práticas que os líderes podem adotar para aprimorar sua comunicação e, assim, criar ambientes de trabalho mais estimulantes.

O problema central abordado por este estudo é a falta de conhecimento sobre como os líderes podem aperfeiçoar sua comunicação para impactar positivamente a motivação das equipes. Ainda há líderes que também não têm o conhecimento da importância do elogio sincero ou do reconhecimento do trabalho dos seus colaboradores. Contudo, seguro afirmar que atualmente, é amplamente discutido que uma das principais fontes de motivação para os colaboradores é valorização dele e do seu trabalho vindo do líder, segundo Prof. José Tejada (2013, p. 14) *“isso aumenta a sua autoestima e produz um resultado fantástico em termos de motivação. Isso sem dúvida nenhuma é verdadeiro. As pessoas precisam se sentir valorizadas e perceber que seu trabalho faz a diferença para a organização.”*

Ao enfatizar a relevância da comunicação na liderança e seu efeito na motivação dos colaboradores, este TCC oferecerá perspectivas valiosas e orientações práticas para líderes, gestores, acadêmicos, e profissionais que desejam promover ambientes de trabalho mais motivadores e alcançar resultados organizacionais de maior excelência.

COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL

A efetiva operação de uma organização depende significativamente da comunicação empresarial. Essa prática abrange a transferência de informações entre diferentes setores e colaboradores, viabilizando a implementação de estratégias eficazes e a tomada de decisões assertivas que influenciam diretamente o alcance

de metas. Além disso, engloba o relacionamento com clientes, fornecedores e demais partes interessadas, desempenhando um papel crucial na construção de uma imagem sólida e confiável no mercado. Renata Di Nizo (2013, p. 106) destaca a importância desse contexto ao afirmar: *“Desse modo, o tema “como atingir metas” passa a ser tratado com o devido cuidado. Isso significa também a possibilidade de redimensionar o papel da comunicação, assumindo responsabilidade pela qualidade dos relacionamentos”*.

Um dos principais objetivos da comunicação empresarial é assegurar a clareza e eficiência na transmissão de informações. Para alcançar esse fim, é essencial adotar uma linguagem simples, evitando termos técnicos que possam causar confusão aos destinatários da mensagem. A utilização de diversos canais de comunicação, como e-mails, reuniões e comunicados internos, é fundamental para se adequar às preferências e necessidades individuais de cada colaborador.

A colaboração eficaz em equipe é outro aspecto crucial da comunicação empresarial. A sintonia e a informação adequada dos colaboradores sobre os projetos e metas da empresa são fundamentais para uma atuação integrada e harmoniosa. Nesse contexto, a comunicação interna desempenha um papel vital, incentivando a troca de informações, a motivação e o engajamento dos colaboradores. A liderança democrática é um exemplo que ao saber informar e incluir os seus colaboradores, tem como resultado a colaboração da equipe.

Como descrito por Ana Paula Escorsin e Carolina Walger (2017, p. 46):

“Dessa forma, o líder democrático respeita o grupo, promove integração entre os membros, valoriza a opinião e a participação de cada um deles e estimula a cooperação. Como resultado disso, dirige o grupo com apoio e a colaboração de seus membros.”

A comunicação empresarial também desempenha um papel essencial na gestão de crises. Em momentos desafiadores, como crises financeiras ou de imagem, é imperativo que a empresa se comunique de maneira transparente e objetiva, transmitindo confiança a clientes e colaboradores. Além disso, uma comunicação eficaz durante as crises pode ajudar a minimizar danos e a recuperar rapidamente a empresa.

Por fim, a comunicação empresarial está diretamente ligada à construção da marca e da imagem da empresa. Uma comunicação eficaz é capaz de transmitir os valores, a missão e a visão da organização, fortalecendo sua identidade no mercado. Para atingir esse objetivo, é crucial adotar estratégias de comunicação integrada, que engloba diferentes canais, como marketing, relações públicas e mídias sociais, sempre buscando uma linguagem coesa e alinhada com a empresa. Na opinião de Renata Di Nizo (2013, p. 19):

“[...]Urge, porém, que exista uma filosofia de comunicação integrada que aponte os melhores caminhos para que se cumpra a missão e a visão, o cultivo dos valores e os objetivos globais da empresa. Lembrando que todas as formas de comunicação são estratégias que se influenciam mutuamente.”

Em resumo, a comunicação empresarial é um elemento indispensável para o sucesso de uma organização, possibilitando a troca de informações, a integração das equipes, a gestão de crises e a construção de uma imagem sólida no mercado. Portanto, investir em uma comunicação eficaz é essencial para obter resultados positivos e manter a competitividade no mundo dos negócios.

1.1 Comunicação dentro das organizações

No contexto organizacional, a comunicação assume uma posição central, representando um elemento decisivo para o êxito e a eficácia das empresas. Dentro das organizações, as interações comunicativas permeiam todas as hierarquias e departamentos, estabelecendo o alicerce para o entendimento mútuo e a consecução de objetivos compartilhados. A ausência ou inadequação na comunicação pode desencadear mal-entendidos, conflitos e, em última instância, prejudicar o desempenho global da empresa. Para evitar esse prejuízo é necessário ter conhecimento das características da linguagem, sendo 3 classes: vital, intelectual e literária.

Afirma Kátia Luizari (2014, p. 30):

“As características da linguagem determinam três classes: vital, intelectual e literária. Embora sejam, fundamentalmente, diversas, em todas persiste o objetivo máximo, que é o da comunicação. Então para evitar inadequações, é importante conhecermos essas características.”

- **Linguagem Vital:** reflete a rotina cotidiana da convivência em sociedade, sem dar importância às normas gramaticais. É a linguagem popular, aquela que todos têm familiaridade;

Exemplo: Uma conversa informal entre amigos, onde as palavras são usadas de maneira natural.

- **Linguagem Intelectiva:** reflete a norma convencional na transmissão de conhecimentos e na sua análise. Uma vez que a linguagem intelectual é a mais apropriada para efetuar essa transmissão, tomaremos como ilustração a própria explicação do termo “linguagem”;

Exemplo: A linguagem, que é o modo de como nos comunicamos, segue regras convencionais para transmitir informações.

- **Linguagem Literária:** reflete elementos figurativos e metáforas, sendo a manifestação estética e sonora do que é belo e prazeroso;

Exemplo: Uma descrição poética no livro bíblico “Cânticos”, onde o autor utiliza metáforas para descrever sobre o amor entre duas pessoas: “[...] *Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura o ciúme, [...] (BÍBLIA, 2009. CÂNTICOS, 8:6).*

A comunicação nas organizações vai além dos canais formais, como e-mails e reuniões, estendendo-se também aos momentos informais, nos corredores e espaços de convivência. É nesse ambiente comunicativo que se forja a cultura organizacional, refletindo valores, normas e a maneira como as informações são compartilhadas. Desse modo, a comunicação não se resume a um meio de transmissão de dados, mas se configura como uma ferramenta fundamental na construção de um ambiente saudável e produtivo.

A variedade de canais de comunicação, incluindo a vertical (ascendente e descendente) e a horizontal, desempenha um papel crucial na disseminação de informações e na promoção da colaboração. A comunicação ascendente, originada pelos colaboradores em direção à liderança, proporciona valiosos insights sobre o clima organizacional, enquanto a comunicação descendente, dos líderes para a equipe, estabelece diretrizes e objetivos estratégicos. A comunicação horizontal,

entre colegas, fomenta a troca de conhecimentos e a resolução colaborativa de desafios.

Segundo Chiavenato (2021, p. 351 e 352):

“Em toda empresa existe uma complexa combinação de meios de comunicações pelos quais elas transitam e se propagam. [...] As comunicações descendentes, ascendentes e laterais podem ser orais ou escritas ou podem ser formais ou informais quanto ao estilo ou padrão adotado.”

Os canais de comunicação desempenham um papel crucial na interação humana, facilitando a troca de informações, ideias e sentimentos entre indivíduos e grupos. Esses meios de comunicação podem se apresentar em variadas formas, desde a comunicação verbal direta até meios mais tecnológicos, sendo formal ou informal:

- **Comunicação Formal:** a informação é comunicada e recebida através de documentos de comprovação;
- **Comunicação Informal:** desenvolvem-se fora das vias formais de comunicação e representam a maior parte das interações que circulam dentro da organização.

No cenário atual, marcado pela presença tecnológica, as organizações têm explorado ferramentas digitais para aprimorar a comunicação. Plataformas colaborativas, videoconferências e mensagens instantâneas oferecem uma comunicação mais ágil e eficiente, superando barreiras geográficas. Contudo, é imperativo equilibrar o uso dessas tecnologias com a valorização do diálogo presencial e manutenção de uma cultura que prioriza a clareza, a empatia e a abertura ao feedback. A comunicação eficaz não apenas facilita a consecução de metas organizacionais, mas também fortalece a coesão interna e contribui para um ambiente de trabalho saudável e motivador.

Na visão de Kátia Luizari (2014, p.30):

“[...] podemos concluir que o retorno ou feedback é a ferramenta que promove as mudanças de atitudes, comportamentos e pensamentos necessários para auxiliar individualmente ou a um grupo a melhorar os processos de comunicação interna e externa, e conseqüentemente, a alcançarem seus objetivos e atingirem suas metas.”

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO COM COLABORADORES

A importância da comunicação com os colaboradores é um pilar essencial para o sucesso e o fundamento harmonioso de qualquer organização. Em primeiro lugar, a comunicação eficaz estabelece um canal transparente entre a liderança e os membros da equipe, permitindo a disseminação clara de informações sobre metas, objetivos e diretrizes estratégicas. Essa transparência promove um entendimento compartilhado e alinhamento, essenciais para o progresso coletivo em direção aos objetivos organizacionais.

Como descrito por Chiavenato (2021, p. 346):

LIDERANÇA

A liderança é um conceito fundamental para o sucesso de qualquer organização, seja ela um grupo de trabalho, uma empresa ou até mesmo uma nação. Trata-se da capacidade de influenciar e direcionar um grupo de pessoas na busca de um objetivo comum. Um líder eficaz é aquele que consegue motivar e inspirar seus liderados, além de tomar decisões inteligentes e estratégicas. No entanto, ser um líder não é uma tarefa simples e requer muito mais do que apenas autoridade.

De acordo com Pedro Mandelli e Antônio Loriggio (2017, p. 210):

“Liderar não é apenas “tocar a vida”, resolver problemas e tomar decisões. Requer uma abordagem apropriada e ferramentas que sejam práticas e úteis para conseguir extrair a máxima performance da área sob sua responsabilidade e que conta com pessoas a serem lideradas.”

Em primeiro lugar, um líder deve demonstrar habilidades de comunicação assertivas. A competência para expressar-se de maneira clara e direta é crucial para transmitir ideias e orientar o grupo. Além disso, é imperativo ser um ouvinte atento, disposto a considerar as opiniões e sugestões dos colaboradores, fomentando um ambiente participativo e propício à troca de conhecimentos.

Segundo Benjamim Almeida (2023, p. 704):

“Além disso, é importante que a liderança seja exemplo de comunicação transparente. Os líderes devem ser acessíveis e dispostos a compartilhar informações relevantes com a equipe, como metas organizacionais, desafios e decisões estratégicas. [...] Os líderes devem estar dispostos a ouvir as opiniões e preocupações dos colaboradores, demonstrando interesse genuíno por suas perspectivas.”

Outro elemento vital na liderança é a habilidade de tomar decisões apropriadas e estratégicas. O líder deve agir proativamente, analisando minuciosamente todas as informações disponíveis antes de decidir. É essencial também possuir coragem e confiança para assumir riscos quando necessário, mantendo o foco nos objetivos estabelecidos e buscando abordagens inovadoras. Também demanda habilidades de gestão e organização. O líder precisa planejar e supervisionar o progresso das tarefas, distribuindo responsabilidades de maneira equitativa e promovendo um ambiente de trabalho eficaz e produtivo. Além disso, é crucial saber delegar responsabilidades e confiar nas capacidades dos colaboradores, proporcionando-lhes autonomia e estimulando o desenvolvimento profissional.

Para Ana Paula Escorsin e Carolina Walger (2017, p. 13):

“Como o líder é o principal responsável pelas ações de configurar equipes, selecionar pessoas com perfil de competência requerido pela área, acompanhar o desempenho dos colaboradores e criar oportunidades para que construam suas carreiras, desenvolver as habilidades dos indivíduos para que sejam líderes de pessoas e equipes é fundamental para o sucesso das organizações”.

Um líder eficaz também deve ter a capacidade de motivar sua equipe. É fundamental reconhecer os esforços individuais e coletivos, valorizando o trabalho bem executado e oferecendo incentivos para fomentar o engajamento. Ademais, é essencial cultivar um ambiente de trabalho positivo, onde todos se sintam respeitados e ouvidos, incentivando a colaboração e o espírito de equipe. Para Marcelo José Castilho de Oliveira (2023 p. 16), *“É fundamental criar um ambiente de trabalho positivo”. Isso significa criar um ambiente onde os membros da equipe se sentem apoiados, respeitados e valorizados. Certifique-se de que seu ambiente de trabalho seja um lugar onde as pessoas gostem de trabalhar.”*

Por último, mas não menos importante, um líder eficaz não pode negligenciar a empatia e a inteligência emocional. É necessário compreender as necessidades e sentimentos dos colaboradores, fornecendo apoio em momentos difíceis e celebrando

as conquistas individuais. Habilidades interpessoais bem desenvolvidas são cruciais para conquistar a confiança e o respeito da equipe, mantendo um ambiente organizacional saudável e produtivo.

Resumidamente, a liderança é uma competência crucial para o êxito de qualquer empreendimento ou organização. Ser um líder eficaz exige habilidades em comunicação, tomada de decisão, gestão, motivação, empatia e inteligência emocional. Aqueles que desenvolvem essas competências têm grandes probabilidades de alcançar resultados notáveis e inspirar suas equipes a atingirem todo o seu potencial.

LIDERANÇA DENTRO DAS ORGANIZAÇÕES

A liderança desempenha um papel fundamental dentro das organizações, sendo um elemento crucial para o sucesso e bom funcionamento de uma equipe. Um líder eficaz não apenas guia seus subordinados, mas também os inspira a atingir seu potencial máximo. No contexto organizacional, a liderança não se limita apenas aos cargos de gestão; ela pode emergir em diferentes níveis e formas, contribuindo para um ambiente de trabalho saudável e produtivo.

Segundo Dalton L. Valeriano (2001, p. 168): *“Para o líder, alcançar a visão requer motivação e inspiração - movimentando a equipe na direção certa, a despeito dos obstáculos à mudança, e fazendo apelo para as necessidades, os valores e emoções básicas humanas.”*

A habilidade fundamental para um líder eficaz é a comunicação, destacando-se a necessidade de clareza nas mensagens, escuta ativa e empatia para assegurar que as metas e estratégias organizacionais sejam compreendidas pela equipe. Além disso, é imperativo que um líder inspire confiança, estabelecendo um ambiente propício para que os membros expressem suas ideias e contribuições livremente.

É crucial não confundir liderança com autoritarismo em um ambiente de trabalho saudável. Os líderes devem promover a colaboração e o respeito mútuo, construindo relacionamentos sólidos e promovendo um ambiente inclusivo. A valorização da diversidade e o reconhecimento das contribuições individuais por parte do líder resultam em uma equipe mais engajada e produtiva. *“Um ambiente que*

valoriza o respeito, a confiança e a colaboração tende a gerar maior motivação e, conseqüentemente, aumentar a produtividade”. (ALMEIDA 2023, p. 225).

Enfim, a liderança sustentável vai além dos resultados imediatos, considerando também o impacto a longo prazo. Líderes responsáveis não apenas buscam o sucesso financeiro da organização, mas também demonstram preocupação com o bem-estar e o desenvolvimento contínuo dos colaboradores. Ao equilibrar eficiência operacional com uma atenção cuidadosa ao capital humano, os líderes têm a capacidade de estabelecer uma cultura organizacional duradoura e bem-sucedida. Em resumo, a liderança é um elemento essencial para a harmonia operacional das organizações, influenciando não apenas resultados tangíveis, mas também a cultura e a moral da equipe.

A IMPORTÂNCIA DA LIDERANÇA NA MOTIVAÇÃO

O desempenho da liderança assume um papel essencial no impulsionamento das equipes dentro de uma organização. Em primeiro lugar, líderes competentes evidenciam a habilidade de inspirar e instilar um senso de propósito nos membros da equipe. Ao transmitir uma visão clara e alinhada com os objetivos da organização, esses líderes motivam seus colaboradores, proporcionando-lhes uma orientação e significado nas tarefas diárias. “Os líderes que se comunicam de maneira eficaz são capazes de inspirar e motivar seus colaboradores”. (ALMEIDA, 2023 p.1454).

O reconhecimento e a valorização surgem como componentes fundamentais da liderança motivacional. Líderes que reconhecem os esforços e conquistas de seus colaboradores fomentam um ambiente onde cada contribuição é valorizada. Esse reconhecimento não apenas eleva a autoestima da equipe, mas também impulsiona a motivação intrínseca, resultando em um desempenho mais comprometido e produtivo. “*Reconhecimento e recompensa são fortes motivadores e reforço positivo do trabalho bem feito*”. (CHIAVENATO, 2021 p.366)

A liderança motivadora também se destaca na habilidade de fornecer feedback construtivo. Líderes que oferecem orientação e avaliação de forma positiva e construtiva colaboram para o aprimoramento das habilidades individuais e coletivas da equipe. Esse feedback eficaz não apenas estimula o desenvolvimento profissional,

mas também fortalece os laços entre líder e colaborador, cultivando um ambiente de confiança e crescimento. Segundo Almeida (2023, p. 372): *“O feedback ajuda a direcionar o desenvolvimento individual e coletivo, permitindo que os colaboradores se tornem mais autônomos e responsáveis em suas atividades”*.

Além disso, a transparência e a comunicação aberta representam elementos cruciais da liderança motivadora. Líderes que compartilham informações relevantes sobre os objetivos da organização, desafios e conquistas contribuem para a criação de uma cultura fundamentada na confiança. A transparência estabelece um ambiente onde os membros da equipe se sentem mais conectados ao propósito da organização, impulsionando a motivação ao proporcionar um entendimento claro do impacto de seu trabalho.

Por fim, a liderança na motivação configura-se como um processo constante de apoio ao desenvolvimento pessoal e profissional. Líderes motivadores investem no crescimento de seus colaboradores, oferecendo oportunidades de aprendizado e desafios que estimulam o desenvolvimento de novas habilidades. Ao evidenciar um compromisso genuíno com o crescimento da equipe, os líderes não apenas motivam seus membros, mas também contribuem para um ambiente de trabalho dinâmico e inspirador. Resumindo, a importância da liderança na motivação revela-se na habilidade de inspirar, reconhecer, orientar, comunicar e apoiar o desenvolvimento de uma equipe, influenciando positivamente o desempenho e a satisfação no ambiente de trabalho.

COMO USAR A COMUNICAÇÃO PARA MOTIVAR COLABORADORES

Usar a comunicação empresarial para motivar colaboradores é uma estratégia fundamental para criar um ambiente de trabalho positivo e produtivo. Algumas práticas como estabelecer objetivos claros, reconhecer e celebrar conquistas, reconhecer bom desempenho, fornecer feedbacks entre outros auxiliam à motivação do capital humano e incentivam a produtividade.

A comunicação bidirecional (ascendentes e descendentes) e a comunicação transparente, são práticas importantes no ambiente corporativo, pois estimulam a troca aberta de informações.

A comunicação transparente refere-se à prática de compartilhar informações de forma aberta, honesta e clara. Isso implica em fornecer acesso a informações relevantes sobre a empresa, suas decisões, objetivos e desempenho. Essa forma de comunicar-se tem por características: Honestidade; Clareza; Acesso à informação; Responsabilidade. Os benefícios de manter uma comunicação aberta e clara com colaboradores, auxilia a construção de confiança entre as partes, fomenta a cultura de honestidade na organização, reduz rumores e especulações entre outros.

A comunicação bidirecional estimula a troca ativa de informações entre empresa e funcionários em ambas direções. Em vez de ser unidirecional, onde a informação flui apenas de cima para baixo, na bidirecional, há permissão para colaboradores expressarem suas ideias, opiniões e preocupações, contribuindo para gestão organizacional. Suas características estão apoiadas nas práticas de: Feedbacks; utilização de canais de comunicação abertos; diálogo constante. Praticar a comunicação bidirecional promove a melhoria na compreensão mútua entre a liderança e os liderados; eleva o engajamento e a satisfação dos colaboradores; auxilia no processo de identificação e resolução rápida de problemas.

PESQUISA DE CLIMA ORGANIZACIONAL (PCO)

A PCO (Pesquisa de Clima Organizacional) é uma ferramenta utilizada para se avaliar o clima de como todos os envolvidos no dia a dia empresarial estão em relação a sua perspectiva quanto à organização, ocorrendo em todos os níveis hierárquicos da empresa (SOUZA, 2019).

Ela estimula a comunicação aberta entre todos os envolvidos no processo organizacional, avaliando suas expectativas de receios, feedbacks, promovendo a bilateralidade comunicacional e a transparência entre gestores e colaboradores.

A Ferramenta é utilizada também para identificar problemas de relacionamento interpessoal, podendo auxiliar na identificação de barreiras na comunicação e auxiliando a gestão quanto a percepção de fatores do ambiente interno empresarial. *“Portanto, o objetivo da pesquisa não é outra, senão saber a opinião dos*

colaboradores em relação ao contexto organizacional no qual ele está inserido.” (SOUZA, 2019 p.174).

O método deve ser utilizado a fim de melhorar o cotidiano dos colaboradores e a maneira como eles enxergam a organização. Isso promoverá uma participação colaborativa, aumentando o engajamento da equipe, e para que isso aconteça deverá partir da gestão práticas como reconhecimento, valorização e respeito. (SOUZA, 2019).

Um bom ambiente organizacional é crucial para o bem estar dos profissionais além de influenciar diretamente o sucesso organizacional, e, quando valorizados e engajados a motivação dos colaboradores tende a aumentar consideravelmente. (ALMEIDA, 2023).

RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO

O reconhecimento e a valorização dos colaboradores são fundamentais para motivação, quando valorizados os colaboradores tendem a se sentirem mais motivados e isso por sua vez promove a produtividade. O reconhecimento acontece de diversas maneiras, podendo ser através de feedbacks ou oportunidades de crescimento na carreira. *“As pessoas que são reconhecidas pelos seus esforços, são mais propensas a ser motivadas internamente a continuar se esforçando”* (OLIVEIRA, 2023 p.9).

A valorização, dá ao colaborador a sensação de necessidades atendidas, dá a perspectiva da importância do papel que desempenha na organização e promove o engajamento e a dedicação. *“Quando os funcionários se sentem valorizados e reconhecidos pelo seu trabalho, sua motivação aumenta, o que leva a um desempenho mais produtivo e satisfatório”.* (ALMEIDA, 2023 p.311).

O Feedback construtivo, acontece com conversas, que deverão ser realizadas o mais rápido possível entre gestor e colaborador após a avaliação do desempenho, nesse, o líder deverá salientar de forma clara pontos positivos e negativos do desempenho do colaborador, buscando trazê-lo ao contexto empresarial e também compreender quais as necessidades e objetivos do liderado. *“Quando dado de forma*

eficaz, o feedback pode ajudar os membros da equipe a melhorar seu desempenho, aprender novas habilidades e crescer em suas carreiras” (OLIVEIRA, 2023 p.18).

LIDERANÇA SEGUNDO UM PROPÓSITO E UMA VISÃO INSPIRADORA

A liderança motivadora e inspiradora é um pilar essencial para o sucesso organizacional, influenciando diretamente o desempenho e o engajamento dos colaboradores. Um líder inspirador não apenas define uma visão clara e motivada para equipe, mas também incorpora valores que energizam e direcionam os liderados ao cumprimento de um propósito. O propósito dá significado à razão de estar do colaborador, o tornando sentimentalmente parte integrante do desenvolvimento empresarial, pois entendem o motivo maior da função que desempenham e por essa razão procuram dar o melhor de si (ALMEIDA, 2023).

A visão inspiradora deve estabelecer uma linha de chegada para equipe, um referencial de onde querem chegar, que apesar de desafiador é palpável, isso promove a união em prol de um objetivo comum. Essa visão deverá ser clara e compartilhada com todos os envolvidos e líderes devem desenvolvê-la junto aos colaboradores para que seja fruto de um senso comum. *“A visão inspiradora fornece um horizonte de aspiração para a equipe.”* (ALMEIDA, 2023 p. 337).

A comunicação desempenha um papel central na estimulação dos colaboradores, sendo um fator fundamental para a produtividade nas organizações. Uma comunicação eficaz estabelece um ambiente transparente onde metas, expectativas e feedback são claramente compartilhados. Ao cultivar uma comunicação que inspira, informa e envolve as organizações podem contribuir para motivação, resultando em equipes mais engajadas e produtivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação empresarial desempenha um papel fundamental na promoção da motivação de uma organização. Quando as mensagens são claras, transparentes e alinhadas com os objetivos e valores da organização, os colaboradores sentem-se mais conectados e engajados. Uma comunicação eficaz cria um ambiente de trabalho onde as informações fluem livremente, as dúvidas são esclarecidas e as conquistas

são reconhecidas. Isso, por sua vez, contribui para o fortalecimento do senso de pertencimento e identificação com a missão da empresa, inspirando os funcionários a darem seu melhor. Além disso, a comunicação eficiente permite que líderes transmitam metas e expectativas de forma motivadora, impulsionando a equipe na busca por objetivos comuns.

A importância da liderança na comunicação empresarial é indiscutível. Líderes que possuem habilidades comunicativas aguçadas desempenham um papel fundamental ao inspirar, unir equipes e estabelecer uma cultura organizacional sólida. Uma liderança orientada para a comunicação cria um ambiente onde as expectativas são transparentes, o feedback é construtivo e a colaboração incentivada. A capacidade de um líder em transmitir visão e valores contribui para fortalecer a coesão da equipe, fomentando um sentimento compartilhado de propósito, por fim, líderes comunicativos estão mais aptos a enfrentar desafios, assegurado na eficiência de transmissão de informações e alinhamento de todos os membros da equipe com objetivos estratégicos da empresa.

Por fim, a utilização de algumas ferramentas e a adoção de certos métodos auxilia o processo de motivação, fazer uso da pesquisa de clima organizacional, promove o entendimento do gestor quanto às expectativas dos colaboradores, saber das expectativas e pontos de vista dos liderados é fundamental para realizar a motivação de forma eficaz. A aplicação de feedback e o reconhecimento, traduzem a transparência e a harmonia entre os níveis organizacionais, a primeira torna possível o diálogo aberto e construtivo entre líder e liderado, nesse diferente da PCO, ambos demonstram seu ponto de vista sobre determinada situação avaliada. O reconhecimento é crucial na motivação pois incentiva e dá a sensação de pertencimento, isto por sua vez realiza de forma eficaz o engajamento do colaborador à equipe.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Benjamim. – “Psicologia Organizacional - Motivação e Produtividade: Psicologia Aplicada às Organizações”. Editora Verbo Infinito, 2023 - Ebook Kindle

BARBOZA, Mariana Monfort. – “Motivação e satisfação no trabalho: em busca do bem-estar de indivíduos e organizações”. 1 ed. Curitiba: Intersaberes, 2014. Ebook. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 26 nov. 2023

BÍBLIA. – “Bíblia de promessas”, 2 ed. – Editora King’s Cross, 2009

CECATO, Valdete. – “Comunicação corporativa: gestão, imagem e posicionamento” - 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 19 nov. 2023.

CHIAVENATO, Idalberto. – “Fundamentos da Administração” – Ebook – 2 Edição – Editora Atlas, 2021.

ESCORSIN, Ana Paula. – “Liderança e desenvolvimento de equipes”. 1. ed. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 20 nov. 2023.

LORIGGIO, Antônio. – “Liderando em alta performance” - 1 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 26 nov. 2023.

LUIZARI, Kátia. – “Comunicação empresarial eficaz: como falar e escrever bem”. 1. ed. Curitiba: Editora Intersaberes, 2014. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 21 nov. 2023.

MANDELLI, Pedro. – “Liderando em alta performance” - 1 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 26 nov. 2023.

NIZO, Renata Di. – “Reinventando a liderança.” 1. ed. São Paulo: Editora Summus, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 20 nov. 2023.

OLIVEIRA, José Castilho de. – “Motivação para Líderes: Como Incentivar Sua Equipe a Alcançar o Sucesso” (Portuguese Edition) (pp. 16-17) - Ebook Kindle, 2023

SOUZA, José Orlando de Lima. – “50 Ferramentas de Gestão: Diagnosticar e resolver problemas” – 2 ed. Ebook Kindle, 2019

TEJADA, José. – “Motivação e liderança como fatores estratégicos de sucesso: você pode fazer a diferença na organização” - 1 ed. Porto Alegre: Editora Educus, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 12 nov. 2023.

VALERIANO, D. L. – “Gerenciamento estratégico e administração por projetos. São Paulo: Pearson, 2001. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 26 nov. 2023.

VIAPIANA, Larissa. – “Motivação e satisfação no trabalho: em busca do bem-estar de indivíduos e organizações” – 1 ed. Curitiba: Intersaberes - 2014. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 26 nov. 2023

WALGER, Carolina. – “Motivação e satisfação no trabalho: em busca do bem-estar de indivíduos e organizações” – 1 ed. Curitiba: Intersaberes - 2014. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 26 nov. 2023

WALGER, Carolina. – “Liderança e desenvolvimento de equipes”. 1. ed. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Último acesso em: 20 nov. 2023.